UBALDO AMADO
— A CABEÇA DO NARRADOR NO MUNDO

O escritor dá à sociedade uma arte declarada, visível a todos nas suas normas, e em troca a sociedade pode aceitar o escritor.

Roland Barthes⁷⁰¹

— ... o único profissional — no sentido mais amplo da palavra —, o único profissional literário competente que eu conheço é Jorge Amado. Tenho uma bruta inveja dele.

João Ubaldo Ribeiro,
em 1968, com 27 anos⁷⁰²

Se recebemos dinheiro por nossa obra, tudo bem. Mas escrever para ganhar dinheiro é uma abominação. Essa abominação se paga com o abominável produto que assim se engendra.

Ernesto Sabato⁷⁰³

— Acho que você deve ainda incluir mais um elemento na sua tese — disse o meu incansável interlocutor. E, diante de meu silêncio, ele seguiu: — Uma espécie de apresentação biográfica do escritor; apresentação, aliás, que deveria constar das páginas iniciais do trabalho..., e não começar a ser desenvolvido aqui, neste ponto, epilogadamente...

⁷⁰¹ Roland BARTHES, “O artesanato do estilo” (p. 54-56), in *O grau zero da escrita*, Lisboa, Edições 70, 1984, p. 56.

⁷⁰² “João Ubaldo diz por que Setembro não tem sentido”, *A Tarde*, 14 e 15 set. 1968.

⁷⁰³ “O outro ofício do escritor”, in *O escritor e seus fantasmas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 96.

— Mas você está cansado... — e eu franzi a testa ao ouvir aquele “epilogadamente”.

— Eu sei que estou cansado, mas não quero parar agora.

— Bom — e retornei —, não creio que deva inserir nada no começo do trabalho. Estivemos ao longo de toda essa conversa a conhecer tanto o escritor quanto o seu texto. Concordo, sim, que eu deva prosseguir e apresentar um retrato do escritor, mas não ao início. Os fatos da biografia de João Ubaldo Ribeiro, fatos relacionados à escrita de seus textos, bem entendido, adquirem mais consistência e significado agora do que se tivessem sido apresentados antes. Antes, uma apresentação biográfica soaria protocolar. É o que acontece na maioria das teses. Agora, quase ao fim dos trabalhos, ela se torna, de fato, um conjunto relevante de informações. Permita-me apresentar, então, um dos meus dois objetos de estudo: o escritor João Ubaldo Ribeiro. O outro objeto são os romances.

— Você em nenhum momento de nossa conversa se deu ao trabalho de separá-los. Vai fazê-lo agora?

— Não, vou apresentar escritor e obra.

— Apresente-os, ao menos, de modo original, já que você recusa com tanta veemência o protocolo... De trás para frente, por exemplo, ou melhor... — e ele fez uma pausa sorridente —, de frente para trás, já que de trás para frente, do passado ao presente, é como são apresentadas quase todas as biografias, ou ao menos as sinopses...

— Vou tentar — e me abasteci das fontes⁷⁰⁴ e de mais café.

6.1. O LUGAR DO ESCRITOR NO MUNDO

— João Ubaldo Ribeiro tem livros publicados na Alemanha, Inglaterra, França, Itália, Espanha, Holanda, Suécia, Hungria, Noruega, Finlândia, Dinamarca, Rússia, no Canadá e nos Estados Unidos e em Portugal, Israel e Cuba — disse eu. E então comecei a retroceder. — Publicou em 2004 o livro de crônicas *Você me mata*,

⁷⁰⁴ Informações retiradas, filtradas e rearticuladas a partir da seção “Memória seletiva” (p. 8-14), da série *Cadernos de Literatura Brasileira, João Ubaldo Ribeiro, op. cit.*; do livro de Wilson COUTINHO, *João Ubaldo Ribeiro: um estilo da sedução, op. cit.*, p. 8-16; dos sites: <http://www.releituras.com/joao_ubald.htm> e <<http://www.novafrenteira.com.br/papo/jubaldo.htm>>; bem como das diversas fontes jornalísticas adiante citadas.

Mãe gentil e, em 2002, o romance *Diário do farol*. Em janeiro de 2000, em Portugal, foi homenageado por alguns escritores portugueses e participou da *Semana de Estudos Lusófonos*, na Universidade de Coimbra. Em 1999, foi um dos escritores escolhidos em todo o mundo para falar ao jornal francês *Libération* acerca do novo milênio que então se aproximava. Também nesse ano ficaram prontas as edições portuguesa e alemã de seu livro *O feitiço da ilha do Pavão*. O insólito romance *A casa dos Budas ditosos*, da série *Plenos Pecados*, da editora Objetiva, apareceu pela primeira vez em abril, na IX Bienal do Livro, no Rio de Janeiro. O lançamento em Portugal tornou-se um assunto polêmico, dada a recusa de duas redes de supermercados em ter em suas prateleiras essa pequena história, um depoimento sobre a luxúria. O sucesso em terras lusitanas, não obstante, foi grande. Venderam-se em poucos dias, segundo os jornais, cinco mil exemplares, chegando-se, mais tarde, a muitos mil livros vendidos.

— “Não obstante”? — e ele riu. — O sucesso em Portugal foi grande por causa disso... E as vendas no Brasil?

— Algo em torno de 150 mil exemplares, lembrando-se que o Brasil tem algo em torno de 160 milhões de pessoas e Portugal tem algo em torno de dez milhões de pessoas... Sim, eu sei que o que temos de considerar são os números referentes ao público leitor, ou melhor, comprador, uma vez que comprar um livro está longe de significar ler um livro, mas são números que devem ser levados em conta. — E continuei, pedindo-lhe mais café: — Ainda em 1999, escreve, com Cacá Diegues, o roteiro de *Deus é brasileiro*, filme baseado em seu conto “O santo que não acreditava em Deus”. Em 1998, vendeu os direitos de *Viva o povo brasileiro* para o cinema, em filme que já está sendo dirigido por André Luís Oliveira. As crônicas que escreveu para *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* foram reunidas no livro *Arte e ciência de roubar galinha*. Um ano antes, em 1997, publicou o romance *O feitiço da ilha do Pavão* e vendeu para Cacá Diegues os direitos de filmagem do livro *Já podeis da pátria filhos*. É ainda homenageado na Avenida Marquês de Sapucaí pelo romance *Viva o povo...*, escolhido como samba-enredo da escola Império da Tijuca para o carnaval de 1987. Detém, em 1996, a cátedra de *Poetik Dozentur* na Universidade de Tubingem, Alemanha. Seu primeiro trabalho para crianças, *Vida e paixão de Pandonar, o cruel*, em edição alemã, recebeu em 1995 um prêmio concedido ao melhor romance infanto-juvenil

sobre minorias não-européias, o *Die Blaue Brillenschlange*, em Zurique. Também nesse ano de 1995 publicou *Um brasileiro em Berlim*.

— E a Academia Brasileira de Letras?

— É agora, um ano antes. No dia 8 de junho de 1994, João Ubaldo, recebido pelo acadêmico Jorge Amado, sentou-se na cadeira do jornalista Carlos Castello Branco, a de número 34, para a qual havia sido eleito no dia 7 de outubro do ano anterior.⁷⁰⁵ Ainda em 1994, recebeu, na Feira de Frankfurt, o prêmio Anna Seghers, exclusivamente dirigido a escritores alemães e latino-americanos. Ao lado de Cacá Diegues e Antonio Calmon, termina a adaptação para o cinema do romance de Jorge Amado, *Tieta do Agreste*, com Sônia Braga e direção de Cacá Diegues. João Ubaldo Ribeiro já tinha trabalhado com adaptações em 1993, quando entregou à série *Caso Especial*, da TV Globo, o seu conto “O santo que não acreditava em Deus”, com Lima Duarte a fazer novamente o papel central, já tendo estado na pele do obstinado sargento Getúlio, filme dirigido por Hermano Penna, já analisado aqui detidamente. O filme, não o Hermano Penna... — E prossegui: — Em 1991, outro romance seu, *O sorriso do lagarto*, que havia sido publicado em 1989, foi ao ar, desta vez sob a forma de uma minissérie para a TV Globo, adaptada por Walter Negrão e Geraldinho Carneiro, com a participação de Tony Ramos, Maitê Proença e José Lewgoy. Esse foi o ano em que retornou ao Brasil, depois de passar quinze meses em Berlim, a convite da Deutsch Akademischer Austauschdienst, a escrever para o jornal *Frankfurter Rundschau* e a produzir algumas peças para rádio. O seu “Santo que não acreditava em Deus”, antes de virar *Caso Especial*, foi peça radiofônica adaptada pelo próprio autor. Nesse mesmo ano voltou a escrever todos os domingos uma crônica para o jornal *O Globo*, começando também a publicar a mesma crônica no *Estado de S. Paulo*. Em 1990, antes de se mudar com toda a família para Berlim, publicou *A vingança de Charles Tiburone*, seu segundo livro

⁷⁰⁵ — “Meu ‘namoro’ com a Academia foi longo”, disse João Ubaldo. “Quando o Austregésilo de Athayde morreu, o senador Álvaro Pacheco se inscreveu para concorrer à vaga dele. Eu não estava pensando no assunto quando, um belo dia, me ligou o Afrânio Coutinho. Ele queria me ditar a carta à ABL, como candidato à cadeira. Jorge Amado me aconselhou a não me candidatar. ‘Você é um grande escritor. Se você se candidatar agora, competirá com o Álvaro Pacheco. Você vai fazer o papel do candidato do contra’. Aí recusei. Em 1993 a cadeira número 34 vagou, com a morte do Carlos Castello Branco, e o Cândido Mendes me convidou a concorrer, desde que, caso ganhasse, não falasse nunca mais mal da Academia. Aceitei. O Jorge escreveu cartas a meu favor e acabei eleito. Fui o pior candidato da história da ABL” (Luís Antônio GIRON, “Ubaldo enfrenta o diabo”, *Cult*, mai. 2002).

infanto-juvenil. *Viva o povo brasileiro*, considerado seu mais importante trabalho, foi publicado seis anos antes, em 1984, ano em que recebeu por ele o Prêmio Jabuti, na categoria “Romance”, e o Golfinho de Ouro e participou, a convite de uma TV estatal canadense, de um grupo de filmes sobre literatura latino-americana; ao lado do seu, os nomes de Gabriel García Marques e Jorge Luis Borges. Terminado o *Viva o povo...*, o autor lançou-se à tarefa de preparar sua tradução para o inglês, acabada dois anos depois e, segundo o autor, bem mais trabalhosa que a própria escritura do romance. Durante esses dois anos, João Ubaldo Ribeiro começou, à viva força, a trabalhar com um microcomputador. *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* estreou, em 1983, a presença do autor na literatura infanto-juvenil. Também nesse ano estreou o filme *Sargento Getúlio*, arrebanhando, no Festival de Gramado, como já vimos, muitos prêmios. No ano anterior, 1980, João Ubaldo Ribeiro casou-se com a sua terceira mulher, a fisioterapeuta e psicanalista Berenice de Carvalho Batella, com quem teve dois filhos. Também nesse ano participou do Festival Internacional de Escritores, em Toronto, no Canadá, e também começando a escrever *Alto lá, meu general...*

— O romance que mais tarde veio a chamar-se *Viva o povo brasileiro...*

— Sim. O livro, segundo o próprio autor, nasceu de um desafio de seus editores e de uma pequena provocação de seu pai, que um dia lhe disse, referindo-se à pouca espessura dos livros que seu filho João havia publicado: “Livro que não fica em pé sozinho não presta”.⁷⁰⁶ — E prossegui, sempre andando para trás, a desmontar a figura do escritor, tornando-o, assim, cada vez menos conhecido e menos famoso: — Em 1981, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, foi para Lisboa, de onde, com o jornalista Tarso de Castro, editou a revista *Careta* e publicou *Política e Livro de Histórias*. Também de Portugal começou a escrever para *O Globo* uma crônica por semana, mais tarde, em 1988, reunidas no livro *Sempre aos domingos*.⁷⁰⁷ Em Cuba, no ano de 1980, ao lado de Antonio Candido e Gianfrancesco Guarnieri, participou do júri do concurso “Casa das Américas”, cujo

⁷⁰⁶ — Tenho aqui outra informação, segundo a qual quem disse isso foi o avô português do escritor, João Ribeiro, nascido em Fafe. Disse ele ao neto que “um livro só o é quando se põe de pé” (Manuel Augusto dos SANTOS, “Um serão com o autor do livro das bu(n)das apetitosas”, *Jornal de Matosinhos*, Portugal, 4 fev. 2000).

⁷⁰⁷ Vejam-se especialmente as crônicas “Não carregue o autoclisma!”, “A grande corrida de toiros”, “O mistério do Shaub-Lorenz”, “O revertério da colonização”, “Seres imaginários em Lisboa” e “Velhos conhecidos” (João Ubaldo RIBEIRO, *Sempre aos domingos*, *op. cit.*, p. 133-168).

primeiro prêmio foi para Ana Maria Machado. Um ano antes publicou seu terceiro romance, *Vila Real*, o primeiro editado pela Nova Fronteira, e foi, por nove meses, para os Estados Unidos, a convite do *International Writing Program* da Universidade de Iowa. O próprio João Ubaldo Ribeiro entregou-se à versão de *Sargento Getúlio* para o inglês, pronta em 1978. Sete anos antes, em 1971, o romance havia saído enfim do prelo, depois de muita batalha, pela Civilização Brasileira, sua segunda editora, e recebido o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria “Revelação de Autor”. Também em 1969, João Ubaldo casa-se com sua segunda mulher, a historiadora Mônica Maria Roters, que lhe deu duas filhas. Em 1974, a editora Artenova, do Rio de Janeiro, publicou o livro de contos *Vencecavalo e o outro povo*,⁷⁰⁸ cujo título anterior, como já lhe disse na nossa conversa introdutória, era *A guerra dos Paranaguás*. Em 1968, João Ubaldo Ribeiro viu publicado o seu primeiro romance pela carioca José Álvaro Editor: *A semana da Pátria*, em seguida, por sugestão editorial, mudado para *Setembro não tem sentido*. Concluído em 1963, o livro somente conseguiu ser impresso e distribuído, segundo o próprio autor, graças ao empenho de Glauber Rocha, que lhe fez o prefácio e conseguiu convencer o escritor Flávio Moreira da Costa a interceder junto aos editores do Rio de Janeiro para publicar o original, e graças, também, à ajuda conselheira e constante de Jorge Amado. *Setembro não tem sentido* foi então considerado, em 1968, um dos cinco melhores romances do ano pelo *Jornal do Brasil*.

— Você disse estar desmontando a figura do escritor — interrompeu-me o meu interlocutor —, mas, na verdade, não. A figura do escritor continua montada desde o início. Você desmontou a sua consagração pública, e mesmo assim relativamente, porque João Ubaldo Ribeiro, desde o seu primeiro romance, foi reconhecido como escritor, senão pelo público, ao menos pela crítica.

⁷⁰⁸ “... *Vencecavalo e o outro povo* (...) reúne cinco histórias desnudando os mitos a que nos acostumamos desde a infância — heróis, estadistas, intelectuais, militares, santos, descobridores —, investindo agressivamente contra os bloqueios do falso moralismo impostos à sociedade brasileira por tempos políticos mais severos. ¶ (...) uma obra questionadora, mordaz e satírica, que tem como traço comum em suas cinco histórias uma arrasadora desmistificação, tão generalizada que atinge o próprio fazer literário e as categorias comportadas em que costuma ser enquadrado. É, assim, um livro de extrema singularidade (...) no panorama da literatura brasileira” (“O cáustico e brasileiro humor do baiano Ubaldo”, *O Estado do Paraná*, 30 dez. 1984).

— E essa relação, hoje, tornou-se de certo modo invertida. O reconhecimento e a consagração partem agora de seu público leitor, não mais da crítica especializada. — E segui, pensando nisso que havia acabado de falar: — Em 1965, começou a lecionar Ciência Política na Universidade Federal da Bahia, recém-chegado de sua primeira viagem aos Estados Unidos, onde fez, na Universidade da Califórnia do Sul, um mestrado em Administração Pública e Ciência Política, tendo sido professor da Escola de Administração e da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia e professor da Escola de Administração da Universidade Católica de Salvador. Em 1960, casou-se pela primeira vez, com Maria Beatriz Moreira Caldas Ribeiro, colega da faculdade de Direito que começaria a cursar em 1958. A mesma Universidade Federal da Bahia, na coletânea *Reunião*, organizada por Noêmio Spinola e Sônia Coutinho, publicou em 1961 alguns contos seus. Lá estão “Josefina”, “Decalção” e “O campeão”.⁷⁰⁹ No entanto, foi através da antologia *Panorama do conto baiano*,⁷¹⁰ organizada por Nelson de Araújo e Vasconcelos Maia, uma publicação da Imprensa Oficial da Bahia, que se deu a estréia de João Ubaldo Ribeiro na ficção brasileira. O ano é 1959, e o conto chama-se “Lugar e circunstância”. Ganhava dinheiro, nesta época, trabalhando como *office-boy* para o Gabinete da Prefeitura de Salvador e depois como redator para o Departamento de Turismo.

— Sua biografia constitui, aqui, um autêntico retorno ao útero...

— Sua vida universitária teve início, como eu disse, em 1958, como aluno do curso de direito da Universidade Federal da Bahia — continuei, ignorando a piada. — Editou revistas e jornais de sabor cultural e político, participou do

⁷⁰⁹ E o meu interlocutor comete aqui uma pequena interrupção, para ilustrar este trecho biográfico com uma apreciação crítica da época: — “... se Sônia Coutinho e David Salles não são ficcionistas de personagem, no sentido, pelo menos, da ficção tradicional” — escreve Adonias Filho, em 1961 —, “João Ubaldo Ribeiro, dentre os quatro estreates da Bahia, nasceu para caracterizar uma figura em conformação por assim dizer sólida. Nos três contos publicados (...), que correspondem a três figuras psicologicamente medidas, o contista de caracteres se descobre para jamais ocultar-se. Em ‘Josefina’, por exemplo, quando o poder de fixação se extravasa, há uma mulher a mostrar-se inteira e completa no fundo mesmo de todos os instintos e uma consciência. Esse conto, aliás, a ser incorporado pela melhor novelística brasileira contemporânea, já nos obriga a ver João Ubaldo Ribeiro como um autêntico escritor” (ADONIAS FILHO, “Quatro ficcionistas da Bahia: ‘Reunião’”, *Jornal da Bahia*, 2 e 3 jul. 1961).

⁷¹⁰ “... cerca de trinta histórias curtas escritas por autores nascidos na Bahia. (...) A escolha dos nomes foi a mais ampla possível. Figuram no volume escritores famosos, de milhares de exemplares espalhados pelo mundo afora, como Jorge Amado. Ao seu lado estão rapazes ainda inéditos, mal chegados à casa dos vinte, como Glauber Rocha, David Sales, João Ubaldo Ribeiro” (Vasconcelos MAIA, “Viagem para o Rio”, texto sem referência, 23 set. 1959).

movimento estudantil e, acima de tudo, leu e releu os autores clássicos que, anos depois, estariam a respirar e mesmo a gritar dentro de sua literatura, entre eles Graciliano Ramos e Jorge de Lima, Shakespeare e Homero. Mal tinha completos os dezessete anos e já trabalhava, em 1957, como repórter, tendo sido, ao longo da vida, redator, chefe de reportagem e colunista do *Jornal da Bahia*; colunista, editorialista e editor-chefe da *Tribuna da Bahia*; colunista do jornal *Frankfurter Rundschau*, na Alemanha; e ainda colaborador de vários jornais e revistas no país e no exterior, como o alemão *Diet Zeit*, o inglês *The Times Literary Supplement* e os portugueses *O Jornal* e *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Sua primeira reportagem cultural foi uma entrevista com ninguém menos que o escritor Aldous Huxley, autor de *Contraponto*, *A ilha* e *Admirável mundo novo*, entre outros. A carreira de jornalista o levou mais tarde ao posto de editor-chefe da *Tribuna da Bahia* — e pedi ao meu atento interlocutor mais um café, que ninguém é de ferro.

— Saímos já da esfera pública... Este período biográfico refere-se a um João Ubaldo eminentemente doméstico, e não sei se isso interes...

— Sim, mas é uma fase curta, uma vez que ele começou a trabalhar muito cedo, e justamente como jornalista. Mas vamos a ela, para chegarmos ao fim, ou melhor, ao início... — E prossegui: — João Ubaldo Ribeiro começou o curso clássico no chamado “Colégio Central”, o Colégio da Bahia, e um ano depois, em 1956, veio a conhecer Glauber Rocha, seu grande amigo de décadas. Sua experiência escolar anterior deu-se no colégio baiano Sofia Costa Pinto, onde, segundo conta, acabou perseguido por uma professora de inglês, que “não percebeu que eu falava um inglês britânico, já que estudara em Sergipe com um professor educado na Escócia”, diz João Ubaldo Ribeiro, referindo-se ao seu segundo colégio, o Estadual de Sergipe, que o acolheu em 1951 e onde trabalhou duro, a tentar corresponder às expectativas do pai, o alagoano Manoel Ribeiro, chefe da Polícia Militar à época, que o obrigava a traduzir canções francesas e verbetes enciclopédicos, a praticar o latim, a copiar os sermões do padre António Vieira e a ler, ler, ler e ler, principalmente nas férias. Começou a estudar para valer em 1947, aos seis anos, com um professor particular. Entrou, em seguida, para o Instituto Ipiranga, em Sergipe, onde deu início a uma verdadeira bibliofagia, estimulada, alimentada e exigida por seu pai, que não se contentava com nada menos que o primeiro lugar e a excelência, e o menino João Ubaldo permaneceria então horas na biblioteca de sua casa, às voltas com livros infantis,

principalmente os de Monteiro Lobato. A infância toda o menino passou em Aracaju, a colecionar, sem o saber, as histórias que convergiriam para o seu romance *Sargento Getúlio*; a infância toda, com exceção dos dois primeiros meses, vividos na casa de seu avô, na Rua do Canal, número um, na ilha de Itaparica, a casa onde, no dia 23 de janeiro do ano de 1941, como filho primogênito de Maria Felipa Osório Pimentel e Manoel Ribeiro e sob o nome de João Ubaldo⁷¹¹ Osório Pimentel Ribeiro, nasceu.

6.2. A FORTUNA CRÍTICA

— Ficou bem feita a apresentação às avessas, sim, mas não podemos ficar aqui... Estou sentindo falta de um capítulo que discuta, ou no mínimo exponha, para posterior discussão, a ambígua posição da literatura de Ubaldo diante da crítica e diante do público — disse ele. — Estou pensando naquilo que você disse acerca de o reconhecimento e a consagração partirem, hoje, muito mais de seu público leitor do que da crítica especializada... Ouça isto:

... João Ubaldo é um escritor de talento, comprovado em livros como *Vencecavalos e o outro povo* (1974) e *Viva o povo brasileiro* (1984). Mas há muito não lança uma obra de peso, capaz de seduzir a crítica, embora venha tendo um ótimo retorno do público, e isso deve ser levado em conta.

(...) Seu último trabalho aclamado pela crítica foi *O sorriso do lagarto*, em 1989. As imperfeições do *Diário do farol* só reforçam a impressão de que ainda se espera um novo grande livro do autor.⁷¹²

— Esse tema, no entanto, talvez extrapole um pouco os meus objetivos neste capítulo, uma vez que quero tratar da idéia de escritor profissional, além, é claro, do narrador e das rel...

— ... das relações desse narrador com o próprio escritor... Eu sei, eu sei que você já tencionava falar da condição do escritor profissional, um assunto caro a Ubaldo e, pelos vistos, crucial para entendermos a sua literatura e a sua

⁷¹¹ — Você sabia — perguntou-me o meu interlocutor, me interrompendo — que João Ubaldo herdou o nome do avô, e é histórica a razão para tantos Ubaldos na família? — E ele leu: “... a denodada Vila de Itaparica passa à categoria de município a 16 de maio de 1883, dia de santo Ubaldo” (Cícero SANDRONI, “O João da ilha”, *Elle*, nov. 1989).

⁷¹² Paulo SALES, “Inventário da maldade”, *Correio Folha da Bahia*, 14 abr. 2002.

identidade como escritor,⁷¹³ mas esse assunto é consequência desse outro que mencionei. Podemos observar, aqui e ali — disse ele —, momentos em que Ubaldo e, por extensão, o seu narrador dão a impressão de que têm algo a dizer, e o dizem, fora e dentro da literatura, respectivamente... têm algo a dizer sobre o tipo de literatura que fazem, sobre o tipo de história que contam...

— E também — completei — sobre a condição do escritor na sociedade, a relação do escritor com o público leitor e o trabalho do escritor como devendo ser remunerado, rentável e, portanto, profissional...⁷¹⁴ Veja este texto do Silviano Santiago — e li para ele:

... Não podendo ser profissional numa sociedade em que a sua mercadoria não circula e não é rentável, em que tampouco pode crer em dispositivos estatais ou empresariais que o amparem economicamente e em que o produto estrangeiro e concorrente é adquirido com mais constância — o escritor acaba sendo aquele que dispõe do lazer que a sua classe lhe possibilita, que as suas atividades profissionais (paralelas e rendosas) lhe proporcionam. Autor do tempo que o romance e o leitor lhe permitem. Escravo deles em suma.⁷¹⁵

— Houve uma mudança da posição de Ubaldo perante a crítica, que se deve à mudança de seu universo temático, dos conteúdos literários que manipula e da forma de narrar, agora bem mais preocupada com a legibilidade...

— Continue — pedi.⁷¹⁶

— Ubaldo, como cânone literário, membro da Academia Brasileira de Letras e presença obrigatória em qualquer lista que se faça dos mais importantes escritores brasileiros — disse ele —, é, hoje, menos felicitado pela crítica do que era à época em que ele ainda via com reservas e pruridos a sua própria condição

⁷¹³ — Sim, sim... — fiz eu com a cabeça, e me lembrei de uma declaração do escritor, que acha ruim “esse neoromantismo brasileiro, essa glorificação boba do escritor como um ser privilegiado” (Cristiane COSTA, “Não vejo parentesco dos meus livros...”, **Jornal do Brasil**, 6 abr. 2002).

⁷¹⁴ “Mario da Silva Brito já havia advertido que, no Brasil”, escreveu João Carlos Teixeira GOMES, “a literatura é fruto do cansaço e das horas roubadas ao lazer, depois que os escritores levam seus melhores momentos e esvair-se na guerra pela sobrevivência” (“João Ubaldo e a saga do talento triunfante”, *op. cit.*, p. 84).

⁷¹⁵ “Vale quanto pesa”, *op. cit.*, p. 28.

⁷¹⁶ E me lembrei de uma matéria não assinada, publicada no **Jornal da Tarde**, por ocasião do lançamento do *Diário do farol*, que diz: “João Ubaldo Ribeiro virou marca registrada. O que fará de *Diário do farol* (...) um *best seller*, mesmo que pareça mais uma crônica com mania de grandeza que um livro à altura de *Sargento Getúlio* ou *Viva o povo brasileiro*” (“Um padre cínico e amoral se confessa na ilha”, **Jornal da Tarde**, 28 mar. 2002).

de escritor, ou à época em que ele praticava outro tipo de literatura... — E o meu interlocutor começou a desdobrar um jornal que folheava há pouco. — Ouça.

O sorriso do lagarto não é comparável a pelo menos duas grandes obras de Ubaldo Ribeiro: *Sargento Getúlio*, traduzido em várias línguas, e *Viva o povo brasileiro*, uma espécie de romance metafísico cultural. O texto se perde, em alguns momentos, em diálogos desnecessários, longos demais, redundantes, em que tramas e situações narradas com profundidade até filosófica (o que é comum em João Ubaldo) se transformam em passagens perdulárias, prescindíveis à história e ao próprio prazer que, nos momentos mais importantes, *O sorriso do lagarto* proporciona ao leitor. Falta-lhe o poder de síntese, a percepção que *Sargento Getúlio*, por exemplo, incorpora: nem um parágrafo, nem uma divagação a mais do que o necessário para que a história seja a quase perfeita fusão entre a cultura e a literatura.

[Box:] LINGUAGEM — COM FÔLEGO NARRATIVO, O AUTOR VAI ALÉM DO *KITSCHE*. O mais interessante na carreira literária de João Ubaldo Ribeiro — sem contar o melhor livro, *Sargento Getúlio* — é a opção pelo romance. (...) Jorge Amado se situa num limite perigoso. Ele não trabalha, como um Vargas Llosa, com um contraponto crítico. João Ubaldo, que como seu conterrâneo tem fôlego narrativo, sabe dos perigos e se arrisca, colocando-se na perspectiva do romancista tradicional, intérprete de seu povo e do seu tempo, tem muito chão a percorrer, mantendo em pé um gênero capenga que persiste por causa do mercado. **De resto fica de novo a pergunta: por que tantos escritores brasileiros têm seu melhor momento no início de carreira?**⁷¹⁷

— Esse jornalista menciona a idéia de que João Ubaldo Ribeiro mantém “em pé um gênero capenga que persiste por causa do mercado”. Ele se refere ao romance, e eu pergunto: por causa de que outra boa razão deveria o gênero persistir, senão também por causa do mercado? O gênero romance deveria persistir então por causa de quem? — perguntei. — Da crítica? E por que ele usa o verbo “persistir”? E os outros gêneros literários, como a poesia, os gêneros que não têm respaldo mercadológico traduzido em vendas e grandes tiragens, qual o verbo que se deve usar para eles? Não têm eles de “persistir” ainda mais? É então a dependência do mercado que torna o gênero romance capenga? Ou ele é capenga devido a alguma deficiência estrutural?

— Tornou-se capenga porque os tempos mudaram... A crítica Flora Süssekind escreveu, acerca da literatura brasileira dos anos 90, num artigo que não por acaso está aqui em cima da mesa, que... “Chama a atenção (...) uma espécie de variação sistemática de escala, manifesta tanto em exercícios (...) de expansão e

⁷¹⁷ Eduardo MARETTI, “Ciências *versus* religião na Bahia de João Ubaldo”, **O Estado de S. Paulo**, 16 nov. 1989, realces do meu interlocutor.

compressão, quanto em movimentos de narrativização da lírica, de um lado, e de **miniaturização da narrativa**, de outro (...). E ela faz referência — continuou ele — à “... rejeição da forma novelesca mais vasta, contínua”. E termina com esta crítica à grande narrativa histórica, situando-a, hoje, como texto anacrônico que só encontra lugar nas estantes porque vende bem: “É em direção conservadora semelhante que se pode entender, por exemplo, a imposição editorial do modelo bem-sucedido da vasta narrativa histórica à prosa brasileira recente...”.⁷¹⁸

— Pergunto-me se não há contradição no trecho “imposição editorial do modelo bem-sucedido”... É imposição? Mas também é bem-sucedido... Dizer “imposição” é desmerecer o referido modelo, bem como também se tornou um demérito, ou desmérito, dizer que é bem sucedido... “Por que (honestamente, e não com explicações abstrusas)”, pergunta João Ubaldo, “um *best seller* é necessariamente um livro ruim?”. E continua: “Que diabo é um bom romancista, senão um contador de histórias? Quem marcou a novelística contemporânea terão sido as elucubrações cerebrinas do romance francês desta época ou a literatura norte-americana, quase toda ela exatamente de contadores de história?”.⁷¹⁹ Algum gênero chegou a sobreviver sem um mercado de leitores? — perguntei.

— O mercado consumidor de livros, do modo como ele se configura atualmente, não é, e não deve ser, a única instância legitimadora da categoria literária... E acredito que o articulista não se referia ao gênero “romance” de modo geral — disse ele, voltando ao texto —, mas ao gênero do romance tradicional, e cito, do “romancista tradicional, intérprete de seu povo e do seu tempo”,⁷²⁰ tal como Jorge Amado, tal como Ubaldo, e entre ambos essa parecença...

— Você falou em Jorge Amado... Diz João Ubaldo, acerca dessa suposta parecença: “... pertencemos a famílias literárias diferentes. Não vejo semelhança nenhuma”.⁷²¹ E parece que essa posição de Jorge Amado como um dos grandes estímulos iniciais de João Ubaldo — disse eu —, como essa espécie de pai literário, chegou mesmo a incomodá-lo, a ponto de ele declarar:

⁷¹⁸ “Escalas e ventríloquos”, **Folha de S. Paulo**, 23 jul. 2000.

⁷¹⁹ João Ubaldo RIBEIRO, “Porque Jorge Amado não pode ganhar o prêmio Nobel”, **Tribuna da Bahia**, 29 ago. 1974.

⁷²⁰ Eduardo MARETTI, “Ciências *versus* religião na Bahia de João Ubaldo”, **O Estado de S. Paulo**, 16 nov. 1989. Ver o Capítulo 5: “O vozerio do povo brasileiro”, p. 333.

— Não reajo quando dizem que sou amigo de Jorge Amado, entre outros, mas viro bicho quando alegam que meus livros são escritos por ele, ou que foram escritos no passado pelo Glauber Rocha. O Jorge não é apenas amigo meu, é de todo mundo, porque é generoso ao extremo, sempre dá conselho, ajuda. Só que isso não faz com que o sujeito vire bom escritor ou venda livro. Ora, o Jorge é uma personalidade, a casa dele em Salvador é um verdadeiro ponto de encontro. O que me aborrece é ler matérias onde se escreve que eu só vendo livros porque sou amigo do Jorge Amado.⁷²²

— Isso foi em 1990... — disse ele, pegando o jornal de minhas mãos e me passando outro, onze anos mais antigo, em que João Ubaldo diz:

— É possível que no futuro, se eu obtiver mais cartaz, possa ser considerado herdeiro de meu compadre Jorge. Somos baianos, alegres, temos muito em comum. Mas, em tudo isso, o importante é a demonstração de que pode haver grande escritor fora do eixo-Rio-São Paulo.⁷²³

— De todo modo, estou falando do que a Flora Süssekind chamou de “vasta narrativa histórica”... — continuou o meu interlocutor. — E é esse “romance tradicional” que persiste por causa do mercado... A condição de Ubaldo encontra eco, sim, na de Jorge Amado. Há aqui esse texto, que você já citou por ocasião de outro assunto, e que agora eu trago à tona de novo. Pierre Rivas diz de Jorge Amado que se trata do...

... escritor mais lido do país, sem dúvida o mais conhecido do mundo. Mas o sucesso não se confunde com a fortuna, que implica na aceitação da obra pelo cânone literário e até mesmo sua inflexão, sua fecundidade, sua posteridade, ou seja, o que se designa como sua influência, sua fecundação sobre o próprio cânone, interno ou externo. Na tradição da modernidade, sucesso e fortuna são, muitas vezes, inversamente proporcionais. Todos conhecem a célebre frase de Jean Paulhan: “Sabe-se que há duas literaturas, a má, que é verdadeiramente ilegível (mas que é bastante lida). E a boa, que não é lida. É o que chamamos de divórcio entre o escritor e o público”.⁷²⁴

— O próprio Pierre Rivas aponta essa semelhança de percurso — continuou ele —, essa condição de herdeiro evidente e natural que Ubaldo

⁷²¹ Nádía TIMM, “Shakespeare com sotaque baiano”, *O Popular*, 14 mai. 2002.

⁷²² Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, *O Estado de S. Paulo*, 30 jun. 1990.

⁷²³ Roberto GONÇALVES, “João Ubaldo: ‘Meu livro não é um comício...’”, *Jornal do Brasil*, 1979.

⁷²⁴ *Les fleurs de tarbes*, citado por Pierre RIVAS, “Fortuna e infortúnios de Jorge Amado”, *op. cit.*, p. 33.

incorpora diante de Jorge Amado quando diz que não é possível comparar Amado a Guimarães Rosa ou a Clarice Lispector quando o assunto é a amplitude do universo temático. “Sua posteridade parece reduzida à sua Bahia natal”, escreve Rivas, e continua: “... e João Ubaldo seria o favorito”.⁷²⁵

— O favorito que, no entanto, frustrou expectativas — disse eu —, não apenas estilísticas, mas temáticas. *O sorriso do lagarto*, por exemplo, assunto do texto de Maretti, acabou por descatalogar Ubaldo, deslocando-o daquela posição em que confortavelmente o puseram ou ele se pôs a si mesmo no início da carreira: escritor nordestino, regionalista, focado em universos populares e em linguagens populares...⁷²⁶ Maretti critica o quê? Uma mudança na forma de narrar e no conteúdo narrado.⁷²⁷ João Ubaldo Ribeiro talvez não seja mais o favorito, condenado a versar e versar sobre a velha Bahia, mas um escritor, que, sobretudo a partir de *O sorriso do lagarto*, começou a frustrar expectativas críticas à medida que se ia tornando mais legível e menos regionalista, mais capacitado e estimulado a

⁷²⁵ “Fortuna e infortúnios de Jorge Amado”, *op. cit.*, p. 34.

⁷²⁶ — Há um artigo que se propõe a discutir as figuras de Ariano Suassuna e Paulo Coelho como emblemas de uma crise no espaço da literatura, no espaço público onde se divulgam e se constroem os gostos literários e nos espaços acadêmicos, mais recuados e mais silenciosos diante da briga. Aqui segue a referência, mas eu ainda não acabei a nota... — e dei a ele um papel. — Sébastien Joachim, “Proposta de um estudo pluridisciplinar sobre três ‘literaturas’ em conflito”, Universidade Federal de Pernambuco, INTERCOM — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 1 a 5 set. 2002, em: <http://www.intercom.org.br/papers/2002/coloquio/coloquio_joachim.pdf>, acesso em 13 jun. 2005. Agora continuo: Sébastien Joachim, em determinado ponto de seu artigo, menciona a noção de horizonte de expectativa, de Jaus, resumida em seus três fatores por Gérard Gingembre: “a experiência prévia” do público, “a forma e a temática de obras anteriores cuja obra nova pressupõe o conhecimento”, “a oposição entre linguagem poética e linguagem prática”. — E eu trouxe o assunto para a nossa área: — A literatura de João Ubaldo, com *Sargento Getúlio*, *Vila Real* e *Viva o povo...* manteve relativamente estáveis esses três fatores, que só a partir de *O sorriso do lagarto* se alteraram, ou seja, “a experiência prévia” de seu público leitor quanto à “forma” e à “temática de obras anteriores” não serviu para o olhar sobre a nova obra, que manteve uma outra relação “entre linguagem poética e linguagem prática”, com evidente preponderância da última sobre a primeira. Eu penso sobretudo em *Vila Real* como obra em que a linguagem poética não deixa qualquer espaço para a linguagem prática.

⁷²⁷ — E não só critica — interrompeu-me ele, abrindo uma nota. — O texto não se limita a um ponto de vista desfavorável. O articulista diz, em outro momento do texto: “A literatura fortemente enraizada na cultura de uma nação é (...) aquela que as gerações contemplam, independentemente da ‘atualidade’ de seu conteúdo e/ou de sua forma, como se contemplassem a si mesmas, seus fantasmas, mitos, arquétipos. ¶ Entre os escritores que podem ser considerados importantes na cultura particular da nação baiana, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro se inserem como fundamentais” (Eduardo MARETTI, “Ciências versus religião na Bahia de João Ubaldo”, *O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 1989).

escrever a partir de vários enfoques e contextos.⁷²⁸ Maretti diz que João Ubaldo se arrisca, “colocando-se na perspectiva do romancista tradicional, intérprete de seu povo e do seu tempo”... — continuei. — Pergunto-me se ele algum dia chegou a construir esse tipo de romance e a colocar a si mesmo nesse papel de intérp...

— Ora, se não! — disse o meu interlocutor, quase sacudindo na minha frente uma declaração de João Ubaldo, que, apontado como escritor regionalista, assim se defende: “... quem é que pode me acusar disso? Um qualquer escritor de Ipanema, que representa apenas alguns milhares de brasileiros? Ao menos eu tenho o número por mim, sempre represento uns trinta milhões de falantes”.⁷²⁹ — E ele continuou, guardando a matéria: — *Viva o povo brasileiro* é esse tipo de romance... E esse tipo de romance chegou à exaustão...

— E João Ubaldo vem, por acaso, insistindo nesse tipo de construção de vastos painéis históricos? Talvez, se por acaso tivesse permanecido nesse diapasão... *Viva o povo...* foi um romance bastante felicitado pela crítica... — E continuei: — João Ubaldo frustrou uma determinada expectativa, e partiu para uma outra relação com a literatura... Menos missionária, talvez... Mais profissional. Quando nós conversamos sobre *Viva o povo...*, eu esqueci de ler para você o trecho de uma matéria contemporânea ao lançamento do romance. E nela João Ubaldo dá a sua opinião sobre ser o livro considerado um “romance histórico”. — E li.

... a primeira edição de dez mil exemplares esgotou-se em dias e a segunda sai na próxima semana com vinte mil exemplares. Não é muito perto de seu conterrâneo e concorrente mais famoso, mas, se não é um Jorge Amado, Ubaldo, ao menos, já se pode considerar um “best seller”. Já se definiu o livro como “épico”, “epopéia”. Mas João Ubaldo, a contragosto, se permite, no máximo, usar a expressão “romance histórico”, apesar de considerá-la “cretina”. Ele admite que usa a verossimilhança histórica, “mas de uma forma irônica, exatamente para mostrar que a História do Brasil não teve e mínima importância para a gente do povo, porque nunca a beneficiou”.⁷³⁰

⁷²⁸ — Quando penso em mais ou menos legibilidade, penso imediatamente no *Sargento Getúlio* e no que escreveu João Ubaldo acerca do livro. — E li: — “... um delírio escrito em sergipês cerrado, que eu mesmo estranho às vezes, acho que alguns pedaços eu devo ter psicografado. (Quando fizeram um filme baseado nele, o pessoal vinha me perguntar umas coisas e eu ficava todo sem graça, não sabia mais direito de que socavão da cabeça tinha tirado aquilo.)” (“Desventuras de um tradutor”, *Sempre aos domingos*, *op. cit.*, p. 227-228).

⁷²⁹ Domingos de Oliveira DIAS, “Do Brasil... e de Portugal”, *Letras & Letras*, Portugal, 1 dez. 1988 (sobre palestra de João Ubaldo no Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Brown).

⁷³⁰ Isa CAMBARÁ, “João Ubaldo, outro baiano na lista...”, *Folha de S. Paulo*, 24 dez. 1984.

— Ubaldo começou a tornar-se mais legível... E eu acrescento: mais fácil... *O sorriso do lagarto* — disse ele — pode ser o momento dessa mudança de rumo: Ubaldo começa a manipular uma linguagem mais urbana e mais contemporânea e a tratar de temas mais atuais. Quem são os personagens de *Sargento Getúlio* e *Vila Real*, e também os mais inesquecíveis personagens de *Viva o povo...*? São, antes de tudo, personagens excluídos, que não vivem nas cidades, não entraram nessa modernidade onde estão e vivem os leitores de Ubaldo e os tipos de *O sorriso do lagarto*... E quem são estes? Uma das mais marcantes, além do João Pedroso, *alter ego* do escritor, o primeiro *alter ego*, aliás, mais evidente biograficamente desde os excêntricos jornalistas de *Setembro não tem sentido*, Orlando e Tristão...

— É verdade, mas João Pedroso e seu bigode não são comparáveis à força, como *alter ego*, de CLB, de *da casa dos Budas ditosos*...

— Sim, porque, depois de *Setembro*... — disse ele —, o que vimos foram Getúlio, Argemiro, de *Vila Real*, e toda a galeria de *Viva o povo*... João Pedroso, o peixeiro-biólogo, é um Ubaldo que corresponde à fórmula *quem eu poderia ter sido mas não fui*, como eu já disse na nossa outra conversa, citando o Javier Mariás.⁷³¹ Está em Itaparica, sim, cenário de *Viva o povo*..., é verdade, mas está na contemporaneidade. É peixeiro e vive em meio ao poveréu, sim, porém é formado, fala inglês, sabe latim, é literário e cientista...

— ... e ainda aspirante a santo... — eu disse. — Sim, santo; veja esta nota.⁷³²

— Mas eu perguntei: e quem são os tipos de *O sorriso do lagarto*? Uma das mais marcantes é a Ana Clara, jovem, cidadina, moderna, inteligente, arremedo de escritora, sexualmente atraente, um poço de possibilidades de identificação para um leitor.⁷³³ E há ainda a sua amiga, Bebel, e também o político Ângelo Marcos, a

⁷³¹ “Quem escreve”, *op. cit.*, p. 90. Ver Capítulo 3: “Setembro fechado sob o farol”, p. 190.

⁷³² — Aqui — e fiz a nota —, mais uma pista das conexões de João Ubaldo com João Pedroso. Disse o personagem Lúcio Nemésio, conversando com João Pedroso, n*O sorriso do lagarto*, de 1989: “... não acredito em Deus, como você, que eu **desconfio que quer ser santo**” (p. 36). E agora o trecho desta entrevista de 1991, em que João Ubaldo diz: “... acredito profundamente em Deus e tenho até uma **certa aspiração à santidade**” (Giovanni RICCIARDI, “João Ubaldo Ribeiro”, *op. cit.*, p. 353).

⁷³³ E, diante do que ele falava, eu pensei em ler um texto do jornalista Paulo Roberto PIRES, acerca do *Diário do farol*, que também trata de uma mudança de rumo na literatura de João Ubaldo, mas estabelecendo a fronteira entre um espírito coletivista, cujo ápice ficou encarnado em
(cont.)

tramar aquilo que tramam os políticos e que os leitores de Ubaldo conhecem bem, porque se trata de uma faceta do cotidiano. E, o mais importante, falam todos uma linguagem comum, e isso chegou ao ponto de *O sorriso...* se transformar numa minissérie da rede Globo de televisão...

— Não por isso... *Grande Sertão: veredas* também se transformou num produto televisivo para grande público, e numa linguagem...

— ... adaptada — disse ele. — Uma linguagem nada parecida com aquele sergipês de Getúlio e aquela linguagem poética em prosa com que nos deparamos em *Vila Real*.

— ... dois romances, aliás, bastante distantes do que a Flora Süssekind chamou de “vasta narrativa histórica”... — eu disse. — E você parece estar querendo dizer que a qualidade literária João Ubaldo se manteve com boa cotação crítica justamente à época em que ele realizava um romance mais comprometido com as suas origens, um romance mais regionalista, com uma linguagem mais difícil de ser penetrada, com ambientes pouco ou nada urbanos.

— Sim. De certo modo, ficou mais fácil ler o Ubaldo. Um jornalista perguntou a ele..., e faço aqui um parêntese para dizer o quanto não podemos de modo algum contar com o próprio autor para levarmos a cabo uma análise da recepção de seus livros, porque ele, literalmente, não tem o que dizer...⁷³⁴

obras com o *Viva o povo...* e remetendo todo o tempo ao universo de Jorge Amado, e, de outro lado, a opção por uma literatura que não se pretende agradável. Dou o trecho: “Os personagens ‘coletivos’, que na ficção de Ubaldo de alguma forma encarnam modelos e antípodas de nacionalidade ou do sentimento dela, dão lugar ao mais radical individualista, que não conhece pátria ou patrão e queimou as pontes com o continente (...). ¶ Tudo no romance destrói, com energia invejável, elementos do universo amadiano que Ubaldo soube reinventar, mas, pela própria limitação de suas convicções, acabaram por travá-lo depois de *Viva o povo brasileiro*. Morrem, nesse romance, o cenário rural (que é visto como ruína), a cordialidade, a condescendência de pobres com ricos (e vice-versa), o sexo (que para o padre não tem graça em si e só tem sentido como perversão), o tom picaresco e até o engajamento político (...). ¶ Tudo isso faz desse romance um auspicioso ponto final na defesa do entretenimento pelo entretenimento que João Ubaldo Ribeiro vinha fazendo nos últimos anos (...). ¶ Sob a luz de Lúcifer, o farol, João Ubaldo pode estar fazendo um pacto faustiano. Entregou ao padre sem escrúpulos (...) uma alma nublada pelo **peso de ser um ‘grande nome’ da literatura brasileira**. Em troca, ganha, aos 61 anos, uma vitalidade admirável” (“Tempo de monstros”, *Época*, 25 mar. 2002, realcei).

⁷³⁴ E ele citou uma matéria que, por sua vez, cita as palavras do Paulo Roberto Pires, que eu mencionei há pouco, em nota: “Alguns críticos afirmaram que esse romance é um **ponto final na defesa do entretenimento** que você vinha fazendo nos últimos anos. (...) Até que ponto uma coisa pode efetivamente inviabilizar a outra?”, e João Ubaldo responde: “Eu não penso em entretenimento quando estou escrevendo. Eu penso em escrever uma coisa clara que interesse a alguém. Só” (Felipe ARAÚJO, “O diário da maldade”, *Diário do Nordeste*, 28 mai. 2002).

— E pergunto — e retomei um ponto anterior —: esse tipo de romance “mais comprometido com as suas origens, um romance mais regionalista, com uma linguagem mais difícil de ser penetrada, com ambientes pouco ou nada urbanos”, citando minhas próprias palavras..., é o tipo de romance que realiza aquele “romancista tradicional, intérprete de seu povo e do seu tempo”? Ele chegou a ser esse “romancista tradicional”, do modo como o foi Jorge Amado? Não. E é por isso, talvez, por nunca ter sido um romancista tradicional, do modo como o foi Amado, que tenha sido tão festejado pela crítica. — E eu me levantei para pegar mais café.

— Wilson Martins — começou o meu interlocutor — classifica João Ubaldo como um escritor nacionalista e populista, mas “no bom sentido”,⁷³⁵ esclarece o jornalista que o citou...⁷³⁶ E disse também que Ubaldo “sacrificou parte de sua obra anterior por não poder libertar-se do fascínio em que o mantinha a personalidade ou a ‘persona’ literária de Jorge Amado”.⁷³⁷ Ele se refere, evidentemente, uma vez que essa crítica é de 1985, aos três romances anteriores a *Viva o povo...*⁷³⁸

— Não há nada parecido com Jorge Amado nos três romances anteriores a *Viva o povo...* — disse eu. E pedi: — Vamos organizar isso. Esse “romance tradicional” que Jorge Amado sempre praticou poderia ter sido, mas não foi, o tipo de romance praticado por João Ubaldo, que de algum modo conseguiu furar a malha cerrada do realismo mais “certinho” que praticava seu compadre Jorge Amado. Mas João Ubaldo praticou, sim, ao início de sua carreira, um romance

⁷³⁵ — E vemos aqui, da pena do próprio Wilson MARTINS — disse ele, munido de mais matérias —, o esclarecimento: “O seu populismo não é popularesco e simplista como na chamada literatura de massa (...). É o populismo ‘que se propõe a pintar os meios populares com realismo, mas também com a simpatia de princípio que pode resultar numa certa idealização da respectiva existência’”. E o Wilson Martins cita a fonte: Bruno HONGRE & OUTROS, *Grand dictionnaire de culture générale* [1996], v. ‘populisme’ (“Crônica (picaresca) da vida brasileira”, **Bravo!**, out. 1997).

⁷³⁶ — “... respeito o Wilson Martins”, respondeu Ubaldo, na mesma matéria. “Ele sabe o que diz, deve saber, é um crítico conceituado. Mas eu mesmo não entendo por que é assim, se é assim...” (Clodoaldo LÔBO, “O feitiço da palavra”, **A Tarde**, 26 nov. 1997).

⁷³⁷ “A matéria brasileira (I)”, **Jornal do Brasil**, 4 mai. 1985.

⁷³⁸ — E João Ubaldo, de certo modo, responde a isso dois anos depois, através do que lhe pergunta um jornalista — disse eu, em nota. E li: — “A figura onipresente de Jorge Amado na Bahia já foi, em algum momento, opressiva para você, como escritor?”. E diz João Ubaldo: “Jorge Amado é um grande escritor brasileiro. Uma figura importantíssima na nossa história. Por acaso, é baiano, meu amigo e meu compadre. Temos envolvimento emocional. Somos amigos. Nossas famílias são amigas. Nunca foi figura opressiva coisa nenhuma! Quanto a comparações, as pessoas ficam vendo as coisas como se tudo fosse um campeonato de futebol” (Geneton de MORAES NETO, “A odisséia do lobo da ilha”, **Jornal do Brasil**, 28 nov. 1987).

integralmente orientado para um universo nordestino que, no entanto, nunca aspirou a ser “intérprete de seu povo e do seu tempo”, embora tenha sido, sim, por vias transversas...

— Há uma figura imaginária desse escritor “intérprete de seu povo e do seu tempo”, que João Ubaldo gosta de invocar em seus livros. Vimos isso naquele exemplo que você retirou de *O feitiço da ilha do Pavão*. Lembra-se?⁷³⁹

— Sim, você tem razão, mas eu insisto: é o narrador que invoca para si esse foro de “intérprete de seu povo e do seu tempo”. Não creio que João Ubaldo se coloque e se veja a si mesmo nesse papel de “intérprete”... E, como eu disse, não há nada que chegue perto de um “romance tradicional”, escrito por esse tipo de escritor “intérprete de seu povo e do seu tempo” em *Sargento Getúlio* e em *Vila Real*... — repeti.

— Mas há em *Viva o povo*... — disse ele.

— Essa “pretensão totalizante” que atravessa *Viva o povo*..., chamemos assim, não significa nada em si mesma. Não é sequer uma pretensão de dar respostas a um enigma chamado Brasil — insisti. — A essa discussão acerca de qualidade literária, porque creio que você está preso a isso..., a essa discussão nós não chegaremos nunca, porque ela é quase um fantasma: existe e não existe, está e não está, sem falar que a sua origem remonta à discussão acerca da literariedade, o fracasso da literariedade...⁷⁴⁰ E diz a Ilana Seltzer Goldstein: “Deixemos de lado o debate *best seller versus obra de arte*”.⁷⁴¹ Faria minhas as palavras dela não fossem as palavras dela responsáveis por simplificar demais o assunto, já que não há

⁷³⁹ Ver Capítulo 5: “O vozerio do povo brasileiro”, p. 333.

⁷⁴⁰ — O artigo de Sébastien Joachim menciona, em determinado ponto, os três níveis de literariedade propostos por Georges Molinié e Alain Viala: a “literariedade geral”, nível difuso que nos põe diante de uma dúvida básica acerca de um texto: ele agrada-nos ou não, ele aborrece-nos ou não?; a “literariedade genérica”, ou seja, qual o tipo ou o estilo ou o gênero da literatura que se tem à frente, ou que se pode ter?; e, por fim, a “literariedade singular”, nível certamente percebido pelo público ainda mais especializado e que pode estar sensível, por exemplo, à questão... e diz o autor do artigo: “O que há de mais individual, de mais idiossincrático no escritor Marcel Proust ou Joyce é justamente ela, esta imagem de marca que o impele ao universal” (G. Molinié & Alain Viala, *Approches de la réception*, Paris, PUF, 1989; e G. Molinié, *Sémio-stylistique*, Paris, PUF, 1998, citados por Sébastien Joachim, “Proposta de um estudo pluridisciplinar...”, *op. cit.*).

⁷⁴¹ “As criaturas ganham vida própria e o criador se torna criatura”, *op. cit.*, p. 219.

consenso acerca dos conceitos de *best seller* e muito menos de obra de arte.⁷⁴² Meu objetivo é sair desse impasse através do que sempre foi a proposta de Jorge Amado e também de João Ubaldo: o alcance da condição do escritor profissional, o escri...

— Tenho aqui um outro trecho do Wilson Martins, que pode jogar um pouco de luz...

— ... ou de água... — e eu ri.

— ... na nossa conversa. — E ele leu, sério.

Na literatura brasileira contemporânea, ele [Ubaldo] se inclui na linhagem do romance nordestino dos anos 30, cujo patriarca, aos seus olhos, será antes Jorge Amado que qualquer dos outros vultos representativos. Contudo, não há na sua obra a preocupação do “documento social”, nem o dogmatismo do realismo socialista. É um realismo sem adjetivos e sem frases, embora condicionado, sem nada perder do olhar irônico, pelo shakespeariano “leite da bondade humana”. É nesse quadro que se inscrevem todos os seus livros, de *Setembro não tem sentido* (1968) a *O feitiço da ilha do Pavão* (1997).⁷⁴³

— A literatura de Ubaldo tornou-se mais acessível, mais popular, mais vendável, mais legível. Por quê? E eu lhe pergunto: quem disse isso? — e ele pegou da mesa um jornal e leu: “Não estou preocupado, fundamentalmente, com o problema da linguagem. (...) Estou preocupado em contar uma história de forma bem contada, em fazer uma coisa que possa ser bem entendida”.⁷⁴⁴

— Provavelmente Jorge Amado...

— Acertou. Mas poderia ter sido o Ubaldo... — e ele sorriu, dobrando o jornal.

— Não. Ou, por outra, João Ubaldo poderia dizer isso, sim, como até já deve ter dito, de maneira um pouco diversa,⁷⁴⁵ mas o seu texto, pelo contrário, demonstra, sim, que ele não está alheio à tal preocupação com “o problema da

⁷⁴² — “... seria desejável que fosse aberta uma sub-categoria do literário *stricto sensu* (ou literatura erudita) para certos romances ditos populares (cf. o romance de aventura à Alexandre Dumas, o romance policial à Arsène Lupin etc.), mais ainda para os *best sellers* colocados nas fronteiras senão na intersecção do literário e da ‘indústria cultural’ que os leva para as telas”, diz Sébastien Joachim (“Proposta de um estudo pluridisciplinar...”, *op. cit.*).

⁷⁴³ “Crônica (picaresca) da vida brasileira”, **Bravo!**, out. 1997.

⁷⁴⁴ “Jorge Amado — Acima do bem e do mal”, **Jornal do Brasil**, 29 out. 1988.

⁷⁴⁵ — E lhe dou esse exemplo, que pincei: “Eu sou um escritor muito espontâneo. Nesse ponto, sou como Jorge Amado. (...) **Hoje** estou mais interessado em uma linguagem que comunique, que seja expressiva e tão precisa quanto possível. Só isso” (“João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, **Continente**, Portugal, jun. 2002, realcei).

linguagem”.⁷⁴⁶ E tanto Jorge Amado quanto João Ubaldo fariam isso, que não estão preocupados com “o problema da linguagem”, com a entonação de quem fala com aspas, porque eles são sarcásticos com o que consideram ranços de academicismo: “... o problema da linguagem”, “... a questão do discurso” etc. etc.⁷⁴⁷ O mesmo sarcasmo⁷⁴⁸ se esparrama para a instância narrativa, que não poderia ser mais explícita: o narrador em João Ubaldo está todo o tempo a dizer o que pensa o escritor João Ubaldo. Veja este trecho em terceira pessoa de *Miséria e grandeza do amor de Benedita* — e peguei o livro. — O narrador, aqui, não está incorporando nenhum personagem específico, mas uma espécie de coletivo da ilha de Itaparica. Veja em seguida o trecho de um artigo em que João Ubaldo reproduz uma conversa entre ele e Glauber Rocha.

(i) Há os letrados que só se expressam em polissílabos e não podem ver uma proparoxítona que não queiram logo desfrutar, os quais preferem explicações mais rebuscadas, pois a simplicidade lhes traz grande desventura, de maneira que escrevem livros e artigos de jornais para mostrar como tudo se deve à formação histórica do itaparicano. São **coisas culturais**, dizem eles, mas o que se pergunta a esses sabidórios é por que essas **coisas culturais** só são assim aqui na ilha e por que não são outras em vez das que são e de que buraco saíram essas **coisas culturais**. Patati-patatá, retrucam eles com ares de porreta e, se deixarem, como aliás deixam, ficam falando besteira até o fim da existência, sem neres elucidar.

Além de tudo, embora admitindo que certos animais, como o jegue, o cachorro, o gato, o papagaio, o macaco e alguns outros tenham lá suas **coisas culturais** e exista até o falado carnaval dos caranguejos, quando eles todos saem do mangue e vão farrear em bando pelo raso das coroas, não se pode afirmar que o animal dê muita importância a essas **coisas culturais**. (*Miséria e grandeza...*, p. 17, realcei)

⁷⁴⁶ — Disse João Ubaldo há muito tempo, numa matéria que infelizmente está aqui sem data, e referindo-se, não ao “problema da linguagem”, expressão genérica, irônica e pouco comunicante, mas à própria língua como elemento concreto de identidade cultural, e por aí podemos perceber que ele nunca esteve alheio ao, vá lá..., “problema da linguagem”: “Tem gente que acha pachochada a gente cuidar da língua. Eu não: a língua é a cabeça. Na medida em que entregamos a língua, entregamos a cabeça. Isto, aliás, é sabido por todo mundo, tanto assim que, quando qualquer povo tem a sua identidade ameaçada, a primeira coisa que segura é a língua” (“Eles pensam que são melhores que Dick Farney”, *Enfim*, nº 21, texto sem data).

⁷⁴⁷ — Cito aqui, a propósito, esta declaração de João Ubaldo: “Eu não tenho vocação para a vida literária. Eu gosto de conversar com o pessoal do ramo, meus amigos, mas não gosto da vida literária... (...) ... são os assuntos literários, as discussões literárias. O que me enerva é o negócio literário, a coisa literária, ficar discutindo o fato literário. Eu não me interesso muito sobre quem fez tal seminário, sobre ‘os novos avanços da técnica narrativa’ etc. Eu não leio essas coisas, acho chato” (José Reinaldo CARVALHO, “João Ubaldo indaga sobre a alma humana”, *A Classe Operária*, 12 a 25 jan. 1989).

⁷⁴⁸ — Ver ainda, sobre esse assunto, a crônica, talvez exagerada em seus tons, às vezes simplista, embora acertada em sua crítica ao hermetismo, em que João Ubaldo aborda, entre outros temas, a condição dos professores de literatura e da literatura como “matéria de ensino” (“Admirável mundo novo” (p. 177-182), in *Sempre aos domingos*, *op. cit.*).

(ii) Esses caras, disse eu a Glauber, são todos eruditos, eles são uns caras ótimos. Mas eles não sabem ler o que existe aqui, eles apenas comparam, porque a colonização tomou conta da cabeça da gente e vivemos medindo tudo com régua alheia e ninguém está sabendo de nada, nem mesmo a respeito da nossa língua, da nossa dança, de nada. Que coisa, disse eu, uns analfabetos eruditos.

Glauber — Você acha que existe crítica no Brasil?

Eu — Não. Acho a crítica ruim e omissa.

Glauber — Todos ruins?

Eu — Uns substitutos da censura. Uns analfabetos eruditos.

Glauber — Inclusive Wilson Martins?

Eu (depois de leve pausa) — Inclusive Wilson Martins.

Eu nunca tive (...) livro ignorado pela crítica. E não tenho motivos desse tipo para esculhambar a crítica. Por incrível que pareça, tenho motivos honestos. (...) o que eu digo é o seguinte: 1. que a maioria das **peessoas literárias** já leu Updike e nunca leu Antônio Vieira; 2. que a maioria das **peessoas literárias** espera que o outro diga o que é bom; 3. que a maioria das **peessoas literárias** só conhece literatura; 4. que literatura não é literatura; 5. que, para me esculhambar, os críticos teriam que saber mais é da nossa língua falada, das nossas ilusões, das nossas imagens, teriam que saber mais de nossa vida, em vez de saber o que se pensa sobre nós (...).

A literatura é um produto cultural. Não é composta de objetos atemporais, ahistóricos, anticépticos.⁷⁴⁹

— Há aqui bastante simplismo... — disse o meu interlocutor. E retomou: — Você mesmo salientou isso na sua nota: que **hoje** Ubaldo está mais preocupado em ser claro e preciso. Antes, ele não era obcecado pela clareza. Antes, talvez estivesse ele, e fundamentalmente, preocupado, sim, com o problema da linguagem, e digo isso agora sem as “aspas do desdém”. A sua lenta passagem para uma literatura mais legível provavelmente contribuiu para que ele se firmasse como um escritor profissional. Ubaldo tem, hoje, um público leitor que, agora mais que antes, aponta caminhos estéticos, e isso tem um preço: de modo justificável ou não, há uma gradual perda de fortuna crítica...

— Hum... — e eu peguei mais café.

— Você se lembra do que você mesmo disse na nossa conversa sobre a infância de Ubaldo e o *Sargento Getúlio*? Sobre as discussões acerca do fazer biográfico e sobre o que fez e o que não fez o Wilson Coutinho naquela ligeira biografia denominada “Perfis do Rio”? Muito bem, em determinado momento, você disse — e ele puxou pela memória —: “... veremos o que Coutinho faz e o que não faz. O que não faz: ele não explicita e nem questiona o processo de construção

⁷⁴⁹ João Ubaldo RIBEIRO, “O analfabetismo erudito”, **Enfim**, texto sem data, realcei.

canônica do escritor João Ubaldo Ribeiro; o que faz: ele reconstitui seu ambiente literário e sua vida intelectual, mas somente através de fotogramas dispersos do passado, estruturando assim a biografia como *biografema*⁷⁵⁰ etc. etc. E se você tentasse percorrer, antes de retomarmos a nossa discussão acerca da crítica e de Ubaldo, justamente esse processo de construção canônica do escritor através...

—... através da reconstrução de seu ambiente literário e de sua vida intelectual?

— Sim, embora eu saiba que...

— Certo — disse eu. — E podemos percorrer esse processo de construção acompanhados da voz do próprio escritor ao longo de seu percurso como escritor... O escritor-escrivão.

6.3. O TRABALHO DO ESCRITOR-ESCRIVÃO (PARTE I)

— Defina-o — pediu o meu interlocutor.

— E não vou definir coisa alguma. Contente-se, por enquanto, com o seguinte: há na literatura de João Ubaldo Ribeiro aspectos formais que traduzem uma preocupação, uma preocupação bastante comum entre alguns escritores, mas não entre todos, não entre Jorge Amado, por exemplo, com o próprio ato da escrita. Mas não pude encontrar, curiosamente, personagens realmente escritores, quero dizer, personagens que sejam escritores naquele sentido de escritor profissional que tanto João Ubaldo Ribeiro defende em entrevistas, o que nos leva à conclusão de que a tematização do ato da escrita se concretiza apenas no âmbito do narrador. Em *Viva o povo...*, por exemplo, o narrador, que é formalmente extradiegético, vez por outra desvela parcialmente o seu rosto e expõe-se sob o papel que ele verdadeiramente tem: o de escritor, ou, para ser mais exato, o de trabalhador braçal das palavras. E, curiosamente — prossegui —, quando nos deparamos, ao longo da narrativa, com algum personagem que tenha um mínimo de intimidade com o ofício da escrita, esse personagem é então caricaturado pelo narrador como alguém que só consegue escrever sob o arroubo da inspiração... Temos o caso, n*O sorriso do lagarto*, da personagem Ana Clara, que escreve sob

⁷⁵⁰ — Ver item 1.8.: “A literatura, Barthes e o vatapá”, no Capítulo 1: “Introdução”, p. 41.

a possessão, eu diria, de uma personagem inventada por ela, a pensadora sócio-erótica Suzanna Fleischman, e temos o caso de CLB, a voz narradora de *A casa dos Budas ditosos*, que se entrega, esta sim, menos à inspiração da escrita e mais a uma veemente confissão, toda ela oral, a um escritor de verdade, o próprio cidadão João Ubaldo Ribeiro, que alega ter recebido as cassetes gravadas e transcrito tudo. — O meu interlocutor olhava para algum ponto à minha frente. — Veja bem: voltando agora a *Viva o povo brasileiro*, eu não estou afirmando a existência de um escritor que se esconda pode detrás da diegese, transformando a sua própria existência numa espécie de segunda diegese. Não. Não há essa autonomia nem essa constância. Também não há detalhes, ou seja, não se trata de uma voz a partir de dentro que comece então a revelar ao leitor o processo de escrita de um romance chamado *Viva o povo brasileiro*.

— Quando acontece, aliás — interrompeu-me —, de a feitura do romance se tornar tema, não é um escritor a contar como o escreveu, mas um cego, a contar como foi que lhe contaram as história que conta o livro...

— Exatamente, e já abordamos esse cego. E o tema, então, da referência não constitui a escrita, mas a oralidade — completei. E segui com a observação anterior: — Há apenas, aqui e ali, em *Viva o povo...*, uma referência ao trabalho e às dificuldades de um escritor, de modo geral: de qualquer escritor, qualquer desgraçada criatura que viva do ofício de escrever. Uma deambulação narrativa que, no entanto, mais que uma deambulação, é uma fresta por onde se pode olhar para o profissional João Ubaldo Ribeiro...

— Entendi. E podemos dizer — animou-se ele — que aquela idéia de estabelecermos pontes entre o narrador de Ubaldo e a sua própria personalidade literária encontra aqui um terreno fértil.

— Eu ia chegar lá... — disse eu. — Mas lembre-se do que você mesmo falou há algum tempo, na nossa conversa sobre o vozerio em *Viva o povo brasileiro*, e vou citá-lo: “A voz do autor deve ser apenas mais uma voz a se levar em consideração. Não a voz principal, nem mesmo a voz de origem, mas apenas mais uma voz...”.

— Quem disse isso foi você, na nossa conversa sobre o *Sargento Getúlio*. Eu apenas o citei, na nossa conversa sobre *Viva o povo...*⁷⁵¹ — E ele, rindo das

⁷⁵¹ — Ver o Capítulo 2: “A infância barroca e a linha reta de Getúlio”, p. 63, nota nº 94; e ver também o Capítulo 5: “O vozerio do povo brasileiro”, p. 278.

minhas confusões, retomou o raciocínio: — A frase pode ser sua, mas a idéia, no entanto, é minha, ou, por outra, eu aponte o caminho que nos poderia levar ao desenvolvimento dessa idéia, quando disse a você que uma das maneiras de chegarmos ao narrador de Ubaldo é justamente através da figura do próprio João Ubaldo. Obrigado por citar a mim mesmo citando você. E você pode usar tudo isso na sua tese e dizer que veio de você, sem problema algum...

— Protesto! Você desenvolveu a maior resistência a essa idéia! E desde o início... Acho que eu o convenci de modo tão competente que você chegou ao cúmulo de atribuir a si mesmo uma idéia minha...

— De modo algum — e o meu interlocutor se levantou, protestativo, mas com um sorriso, eu poderia jurar..., escondido. — A sua idéia é o caminho oposto.

— Não há realmente muita diferença entre uma via e outra. Trata-se de uma via de mão dupla: João Ubaldo, seu narrador, e novamente João Ubaldo. Todo o universo desta idéia: chegar ao narrador ubaldiano pela via do escritor, ou chegar ao escritor pelas pistas deixadas por seu narrador... Isto é tudo um mesmo complexo.

— Não é — disse ele. — O caminho oposto, ou seja, tentar chegar ao escritor João Ubaldo pela via de seus narradores, nos colocaria na arriscada posição de nos lançarmos, de repente, à complexa e delicada tarefa de escrever aqui uma biografia do escritor. E não é esse o caso.

— Isso tudo é um mesmo complexo, como eu disse... — E, fechando esse parêntese, comecei mais este episódio de nossa conversa...

— ... episódio que podemos chamar de “o escritor-escrivão”. O que acha?

— Bom, vou anotar isso. E centro agora a nossa discussão neste trecho de *Viva o povo...* — comecei, resignado.

Muitas coisas neste mundo não podem ser descritas, como sabem os que **vivem da pena**, azafamados entre vocabulários e livros alheios, na perseguição da palavra acertada, da frase mais eloqüente, que lhes possam **render páginas extras de prosa** à custa de alguma maravilha ou portento que julguem do interesse dos leitores, assim **umentando a sua produção e o pouco que lhes pagam**. Recorrem a comparações, fazem metáforas, fabricam adjetivos, mas tudo acaba por soar pálido e murcho, aquela maravilha ou portento esmaecendo, perdendo a vida e a grandeza, pela falta que o bom verbo por mais bom não pode suprir, qual seja, a de **não se estar presente ao indescritível**. Nas minudências da intriga e do enredo, amores dificultados, maldades contra inocentes, dilemas dilacerantes, azares do destino, coincidências engenhosas, surpresas bem urdidadas, arroubos de paixão e tudo o mais que constitui justa matéria dos romances e novelas, nisto sai-se ele menos mal, conforme sua **destreza no ofício**, sendo esses enredos e intrigas os mesmos desde que o mundo é mundo. Como, porém,

descrever um cheiro? (*Viva o povo...*, p. 108)

— Aqui se encontra descrita — disse eu —, em poucas linhas, uma verdadeira concepção de vida literária, não apenas a concepção do narrador do romance, este anônimo e formalmente extradiegético *narrador sem cabeça*, mas também a concepção do próprio escritor João Ubaldo Ribeiro acerca do ofício da escrita, da vida de um escritor e de sua relação com a literatura que produz. Há aqui uma espécie de retrato do que seria o escritor do século XIX; o escritor que escrevia seu romance em folhetins, que recebia seus tostões medidos por palavras, linhas e páginas escritas...⁷⁵²

— Quando o narrador escreve — disse ele —: “Nas minudências da intriga e do enredo, amores dificultados, maldades contra inocentes...” etc. etc., terminando com: “... e tudo o mais que constitui **justa** matéria dos romances e novelas, nisto sai-se ele menos mal, conforme sua destreza no ofício, sendo esses enredos e intrigas os mesmos desde que o mundo é mundo”, ele deixa clara a sua referência, e a sua preferência, por um específico tipo de literatura: uma literatura que se quer, não um sofisticado jogo de linguagens e entre linguagens, mas um pedaço muito bem descrito da vida. O romance realista-naturalista, se quisermos nomear a coisa assim..., ou o romance neo-realista, para ficarmos mais orientados para os problemas sociais da atualidade. Essa justa matéria, listada pelo narrador, é a vida ela mesma, dentro daqueles romances que nós bem conhecemos. Disse o narrador do *Miséria e grandeza do amor de Benedita*, e disse Ubaldo numa entrevista — e ele leu, pegando da mesa o livro e um jornal.

(i) ... é desses dramas que são compostas as grandes poesias trágicas e se desprendem os grandes romances e novelas da miséria humana. (p. 50)

(ii) — ... História humana é uma coisa redutível a essenciais. Existe uma coisa que o Faulkner disse sobre (...) os elementos da tragédia humana. A vida é isso, o romance é isso, é tragédia, é abandono, (...) é mentira, é ilusão, é esperança.⁷⁵³

⁷⁵² — Há sobre isso um livro fundamental — aponte, em nota, para ver mais tarde. — Manuel PORTELA, *O comércio da literatura — Mercado & representação*, Lisboa, Antígona, 2003, especialmente os capítulos 5 (“Representar o mercado”, p. 161 até somente a p. 176) e 6 (“O comércio dos autores”, p. 211-274).

⁷⁵³ Entrevista a José Reinaldo CARVALHO, “João Ubaldo indaga sobre a alma humana”, *A Classe Operária*, 12 a 25 jan. 1989.

— Escrever por dinheiro está relacionado a este tipo de literatura “de intrigas”. Quem são os mestres de Ubaldo?; os escritores que ele admira e cujos passos de certo modo seguiu e segue?

— Balzac, Dostoiévski, Dumas, Shakespeare, Homero... — Há outros, pensei, mas não me lembro. E eu disse: — Mas aqui há escritores de tudo quanto é tipo de escola literária. João Ubaldo já teve como leitura recorrente o próprio Joyce, e isso se vê bem no romance *Setembro não tem sentido...*

— O Joyce do *Retrato do Artista...*, e não o Joyce do *Finnegans Wake...*

— Ainda bem... — e rimos. — Como leitor de Joyce, temos o João Ubaldo reocupado com “o problema da linguagem”... O principal, nesse trecho do *Viva o povo...* que eu recortei, é o seguinte: a profissionalização do escritor — disse eu.

— Você aproximou essa descrição do ofício de escrever, levada a cabo pelo narrador de *Viva o povo...*, com o romance do século XIX... Podemos mencionar aqui a relação desses romances com a matéria bruta da realidade... — começou ele.

— Sim, mas não quero deter-me nos conteúdos das intrigas e dos argumentos.

— Mas o conteúdo das intrigas é definidor do tipo de literatura e do tipo de escritor...

— A questão aqui — interrompi-o — é a profissão do escritor, uma profissão de certo modo já em avançado estado de reconhecimentos público, sim, mas não no Brasil do século XIX! Não se pode falar, no século XIX, de profissionalização do escritor brasileiro — frisei. — Há um ensaio do Antonio Candido sobre isso,⁷⁵⁴ mas já chegaremos lá, e também um do Merquior, sobre o escritor latino-americano, mais especialmente o brasileiro.⁷⁵⁵

— Eu não falei nada sobre profissionalização do escritor no Brasil...

— Mas pensou... — disse eu, um pouco sem graça. — Pensou... — E tentei explicar: — Não se esqueça do que você mesmo disse: você, meu dedicado interlocutor, é um desdobramento de mim mesmo; você não passa do conjunto

⁷⁵⁴ “O escritor e o público” (p. 73-88), in *Literatura e sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.

⁷⁵⁵ José Guilherme MERQUIOR, “Situação do escritor” (p. 383-399), in César Fernández MORENO (coord. e introd.), *América latina em sua literatura*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

peçoal das minhas dúvidas, das minhas pequenas confusões e pequenas soluções... Mas vamos voltar ao trabalho e deixar as psicanálises apressadas. Deixe-me continuar: escritor bom, para João Ubaldo, é aquele que escreve por dinheiro, e os escritores do grande romance do século XIX, Balzac, Dumas, Victor Hugo, Dostoiévski, todos escreviam por dinheiro.⁷⁵⁶

— Você não entendeu, então, nada do que você disse que eu pensei — reagiu ele. — A profissionalização do escritor está relacionada ao mercado consumidor de livros e a um determinado público leitor, que tanto vai consumir mais livros quanto mais digeríveis e inteligíveis forem esses livros, ou seja, esses argumentos e essas histórias. O leitor médio no Brasil não consome, dentro da literatura, linguagem ou “o problema da linguagem”... Ele consome histórias bem contadas, com um impactante começo, um ótimo, e de preferência ligeiro, meio e um excelente final. E é por isso, talvez, que o leitor médio no Brasil não consumiu, e não consome, o *Setembro não tem sentido*, o *Sargento Getúlio* ou o *Vila Real*... Mas consome *O sorriso do lagarto*, o *Diário do farol* e, especialmente, *A casa dos Budas ditosos*... E consome *Viva o povo brasileiro* porque acredita, o leitor médio, que estará, assim, aprendendo a “História do Brasil”, a “História que não foi contada”, bem entendido... Você deveria, aliás, ir às editoras de Ubaldo tentar pegar informações quanto a tiragens e vendagens dos livros, para que se corrobore o que eu estou afirmando...

— Não consegui informações precisas acerca dos números — defendi-me. — Mas há as informações que circulam nos jornais, e acerca disso escreveu um jornalista português do *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, citando o próprio escritor, acerca de *A casa dos Budas*...: “João Ubaldo (...) recorda que relativamente o livro até terá vendido mais entre nós do que no Brasil — ‘e olhe que aqui ele beirou os 200 mil exemplares e ainda está sendo vendido’, sublinha”.⁷⁵⁷

— E observe — continuou, com ar triunfante —: naquela lista que teceu o narrador de Ubaldo no trecho que você destacou, não há referência à literatura

⁷⁵⁶ — E faço aqui referência à crônica intitulada “O conselheiro come I”, em que João Ubaldo conta a história das intervenções que tinha de fazer a mulher de Rui Barbosa no sentido de que fossem pagas, e em dinheiro, as frequentes consultas que as pessoas propunham ao seu digníssimo marido. “O conselheiro come...”, dizia ela, com um sorrisinho (in *O conselheiro come*, *op. cit.*, p. 36-39).

⁷⁵⁷ “João Ubaldo Ribeiro — Os Budas Ditosos”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 26 mai. 2004.

como um “problema de linguagem”. Ele fala em “enredo, amores dificultados, maldades contra inocentes, dilemas dilacerantes, azares do destino, coincidências engenhosas, surpresas bem urdidas, arroubos de paixão” (*Viva o povo...*, p. 108). Pois bem. Isto são características de uma literatura orientada para o mercado, ou seja, para um mercado consumidor de histórias...

— Um mercado que reconhece o escritor como um profissional nem mais nem menos inspirado do que qualquer outro; um profissional que não mantém com a palavra escrita nenhuma relação ritualística ou mesmo sagrada. — E li o trecho de uma crônica.

Nunca tive pendor para as artes psicanalíticas, nem acredito estar sendo guiado por musas, que no preciso instante me sopram soluções de origem etérea. Pelo contrário, numa cultura acostumada a privilégios, poses e geral mistificação, já fui grandemente esnobado por não aceitar reivindicações mágicas para a condição de escritor. Nunca tratei minha profissão solenemente (...).⁷⁵⁸

— O trecho de *Viva o povo...*, com o qual comecei tudo isso — prossegui —, aponta para um escritor e uma literatura orientados para a sua recepção: o público leitor. Você está insistindo nessa discussão dos conteúdos literários... Isto é uma das facetas dessa história, mas não é a principal.

— Mas João Ubaldo volta sempre a essa defesa da literatura como tramas bem urdidas, contadas por bons contadores, e também a esse ataque à outra literatura, àquela literatura que concentra toda a sua artilharia nas experimentações com a linguagem, com resultados na maioria das vezes herméticos. Essa literatura nós bem podemos conhecer através do que diz a nossa “intelectual CLB”..., que acabou ficando conhecida apenas como a “pervertida CLB” — e ele leu, fazendo a ponte que eu gostaria de ter feito, entre escritor e personagem, e entre ambos a mesma opinião.

... eu me senti, não sei por quê, meio Lacan, declamando todas aquelas baboseiras desconexas e ininteligíveis, e os crentes tentando decifrá-lo como quem decifra Nostradamus ou a pitonisa de Delfos, (...). O que se fala e escreve de merda engalanada na França é inacreditável, eu mesma nunca engoli nada dessa empulhação que confunde ininteligibilidade e chatice com profundidade, nem Lacan, nem Godard, nem Robbe-Grillet, nada dessas merdas, tudo chute e chato e quem gosta é porque foi chantageado a gostar e, no fundo, se sente burro. Sartre ainda tinha umas coisas, se bem que *L'être et le néant* é a mãe dele, mas

⁷⁵⁸ João Ubaldo RIBEIRO, “Sofrendo até o fim” (p. 56-61), in *O conselheiro come*, op. cit., p. 60.

ainda tinha umas coisas, às vezes era arrebatador. (*A casa dos Budas...*, p. 91)

— E, no caso brasileiro — continuou ele —, Jorge Amado é um terreno fértil para estudo, e João Ubaldo, por extensão e parença. Veja o que diz a Ilana Seltzer Goldstein, citando a Walnice Nogueira Galvão num artigo sobre Jorge Amado.

— ... que tem...

— ... eu sei: tem um papel definidor do processo de profissionalização do escritor no Brasil... — disse ele,⁷⁵⁹ e leu, citando a Ilana, que citava a Walnice:

... Walnice Nogueira Galvão, em artigo sobre Jorge Amado, também argumenta que “a ficção ao gosto do mercado” está proibida de inovar: a fim de não prender a atenção do leitor na própria linguagem, a narrativa nos *best sellers* flui solta, e o discurso busca ser realista, para não correr o risco de se restringir ao reduzido público de iniciados.⁷⁶⁰

— Olhe — e eu forcei uma pausa. — Já que você firma pé na importância e até na essencialidade dos conteúdos literários para entendermos a transformação que sofreu a ficção de João Ubaldo, digo-lhe que uma boa parcela da literatura do século XIX, no Brasil, foi caracterizada por veicular esses tais conteúdos literários facilmente digeríveis, de tramas bem urdidas e lineares, e no entanto isto não foi suficiente para solidificarmos uma posição profissionalizante do escritor, muito pelo contrário.

— E por quê? Por outras razões: por causa da inexistência de público leitor alfabetizado, com acesso aos livros, que eram mais caros etc. etc. E olhe que isso é uma história longa que vem até hoje. Leia e cite aquele texto do Silviano Santiago, no *Vale quanto pesa*⁷⁶¹ — pediu ele.

— Cito o Antonio Candido, num ensaio de 1965, para ilustrar isso que eu disse:

... Entre nós, nunca tendo havido consolidação da opinião literária, o grupo

⁷⁵⁹ E eu me lembrei do trecho de uma matéria não assinada que cita palavras de Jorge Amado, para quem a “literatura do Brasil só será grande, quando for uma literatura profissional. O que se vê, por enquanto, é que vários escritores lançam, um ou dois livros e largam a literatura para fazer outras coisas, a fim de sobreviverem. Só é escritor verdadeiro o bom profissional” (“Longamente esperada chega *Tereza Batista* na Bahia, **A Tarde**, 20 dez. 1972).

⁷⁶⁰ “As criaturas ganham vida própria e o criador se torna criatura”, *op. cit.*, p. 217.

⁷⁶¹ “Vale quanto pesa”, *op. cit.*

literário nunca se especializou a ponto de diferenciar-se demasiadamente do teor comum de vida e de opinião. Quase sempre produziu literatura como a produziriam leigos inteligentes, pois quase sempre a sua atividade se elaborou à margem de outras, com as quais a sociedade o retribuía. Papel social reconhecido ao escritor, mas pouca remuneração para o seu exercício específico; público receptivo mas restrito e pouco refinado. Conseqüência: **literatura acessível mas pouco difundida**; consciência grupal do artista, mas pouco refinamento artesanal.⁷⁶²

— Literatura acessível — disse ele, aproveitando meu realce — do ponto de vista da legibilidade, e não do acesso material ao livro...

— O Antonio Candido dá conta, nesse ensaio — prossegui, para não perder o fio da meada —, do itinerário de um papel social que se foi tornando mais e mais nítido em relação aos demais; um papel social determinado em grande parte pelo tipo de recepção que tinha o escritor: dos públicos de auditório de cerimônias religiosas, típicos da nossa literatura colonial, aos mais específicos. A figura do escritor, no entanto, sempre foi secundária: era-se antes alguma outra coisa, e, em seguida, como atividade de segunda mão e exercida num certo ócio criativo, a atividade criadora nas letras. Aos poucos foi essa atividade do escritor revestindo-se das luzes da militância intelectual, difundindo-se “certa concepção da tarefa do homem de letras como agente positivo na vida civil”,⁷⁶³ diz Candido, dirigindo o olhar para o final do século XVIII.

— Você pretende me contar essa história inteira? — provocou-me, mas eu fingi que não era comigo, porque para mim estava sendo muito importante aquele pequeno histórico. E continuei:

— O escritor começou a transformar-se, então, num intelectual, de quem se esperavam palavras de comando ideológico.

— Em qual campo?

— Basicamente o campo dos assuntos relacionados às questões nacionais. Mas o escritor, independentemente dos formatos que assumiam a sua consciência de si e a sua imagem perante o público, esteve sempre na posição de alguém a quem se deve incentivar, apoiar e financiar — eu disse. — Candido refere a “atitude paternal do Governo, numa sociedade em que o escritor esperava acomodar-se nas carreiras paralelas e respeitáveis, que lhe permitiriam viver com

⁷⁶² “O escritor e o público”, *op. cit.*, p. 87, realcei.

aprovação pública”,⁷⁶⁴ e cita o exemplo de Gonçalves Dias e Machado de Assis, “homens ajustados à superestrutura administrativa”.⁷⁶⁵ E João Ubaldo costuma indignar-se com esse ranço histórico que, de certo modo, ainda perdura. Ele diz que, no Brasil, confessar essa relação entre literatura e dinheiro; o dinheiro sendo, na maior parte das vezes, a verdadeira fonte de inspiração para a literatura, é complicado e até indecente, e ele faz então uma referência a esse ranço histórico: “É o vezo aristocrata de certas classes brasileiras que consideram a atividade de escrever algo próprio apenas para pessoas bem postas na vida, que jamais precisem do resultado do que produzem para sobreviver”.⁷⁶⁶ Para ele — segui —, é esta uma imagem de escritor⁷⁶⁷ que não desapareceu com o tempo: uma imagem completamente incompatível com a visão moderna do escritor como um trabalhador como outro qualquer.

— Continue.

— Continuo com o próprio Ubaldo. E faço agora o seguinte: apresento-o, mas não dentro dos cânones do resumo biográfico...

— ... que você tentou subverter invertendo a linearidade...

— Sim, mas que, de todo modo, acabei não subvertendo coisíssima nenhuma. Apresento-o através de suas próprias palavras e próprias idéias, e dou-lhe então, com essa nova apresentação, um exemplo de biografema — e coloquei no colo todas as minhas anotações. — Quando está precisando de dinheiro, faz ele o seguinte: “Penso então numa história, nos direitos, no que vou levantar com a edição, e parto para a luta porque vivo disso”.⁷⁶⁸ Diz que se afina mais com os escritores que chama “desarrumados”, como Balzac e Dostoiévski. “Sou vidrado neles. Talvez por terem uma vida tão desarrumada, suas obras transpiram isso. Eles escreviam por dinheiro.

⁷⁶³ *Id.*, p. 78.

⁷⁶⁴ *Id.*, p. 83.

⁷⁶⁵ *Id.*, p. 84.

⁷⁶⁶ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

⁷⁶⁷ — Mais precisamente, segundo as palavras de uma crônica, em que bem se pode observar que a imagem forjada pelo próprio João Ubaldo da figura de um escritor já está bastante anacrônica: “Escritor, naturalmente, é velho, fala difícil e tem absoluto desprezo por quem não acompanha seus altos padrões culturais e seu fino cultivo de rigorosa correção de linguagem de acordo com a gramática” (“Envelhecendo com graça e elegância”, **dO Globo**, de 30 mar. 1986, reunida no livro *Arte e ciência de roubar galinha*, *op. cit.*, p. 181-185, p. 184).

⁷⁶⁸ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

Eram geniais para aumentar páginas, encompridando diálogos, e escrever todas aquelas coisas ‘desarrumadas’. *Eugénie Grandet* é um romance ‘desarrumado’.⁷⁶⁹ Diz que faz parte de uma linhagem de escritores, “Dumas, Dickens, *Sir Walter Scott*”, que escreviam por dinheiro: “... o que acho muito justo”.⁷⁷⁰

— Sim, sim — disse o meu interlocutor, com o romance aberto na página 108. — Esse trecho de *Viva o povo...* é justamente um instante na vida de um escritor qualquer que de repente se vê às voltas com um problema: descrever um cheiro.

— Sim, e João Ubaldo faz referência ao fato de esse escritor qualquer escrever por dinheiro, e por pouco dinheiro. Faz referência também ao fato de poder aumentar esse pouco dinheiro com alguns truques simples: encompridando palavras e páginas, porque um bom punhado de palavras vai significar um pouco mais de dinheiro, que vai significar comida ou bebida, e a continuação da existência: escrever para comer; comer para escrever.

— Siga, estou gostando — e ele nos serviu de mais café, prometendo não me interromper nos momentos seguintes.

6.4. O TRABALHO DO ESCRITOR-ESCRIVÃO (PARTE II: RETRATO FALADO)

— João Ubaldo diz também que inspiração e momentos adequados são coisas que não existem: “Eu acredito é em trabalho, em todo dia sentar e escrever. (...) você deve sentar, de acordo com suas idiossincrasias, no lugar que você acha que gosta, no horário que você gosta e escrever seu livro”.⁷⁷¹ Acredita em disciplina, porque em literatura “não se recebem entidades nem se pratica sacerdócio; trabalha-se”,⁷⁷² acredita na profissionalização do escritor, mas quando era jovem sentia vergonha caso se referissem a ele como escritor: “... achava que era uma pretensão”,⁷⁷³ e conta a seguinte história: “Uma vez eu estava num aeroporto com Jorge Amado, e, na hora de preencher o formulário, estava lá:

⁷⁶⁹ Beatriz CARDOSO, “O que sei é que começo pelo título”, *Tribuna da Imprensa*, 11 ago. 1986.

⁷⁷⁰ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, *O Estado de S. Paulo*, 30 jun. 1990.

⁷⁷¹ José Carlos TEIXEIRA, “João Ubaldo: a partir da calma de Itaparica...”, *O Globo*, 7 set. 1983.

⁷⁷² Maria Sílvia CAMARGO, “Um herói tirado da infância”, *Jornal do Brasil*, 9 abr. 1983.

⁷⁷³ Fernando Assis PACHECO, “João Ubaldo Ribeiro: histórias de riso...”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 21 dez. a 3 jan. 1983.

profissão. Coloquei ‘jornalista’. O Jorge reparou e disse: ‘Deixa disso, rapaz, bota lá escritor’.⁷⁷⁴ Foi o que fiz, ainda meio acanhado”.⁷⁷⁵ Diz também que não consegue deixar para trás um certo barroquismo: “É a minha prosa, a prosa que eu aprendi com padre Antônio Vieira, Manoel Bernardes. Gosto da língua portuguesa nessa forma”.⁷⁷⁶ Diz que não faz pesquisa: “Sou um leitor de literatura barroca e rococó, já tenho todo esse vocabulário na cabeça”,⁷⁷⁷ mas, para dar conta do que chama “rigor de produção”, escreve cercado de almanaques e calendários, para saber, exemplo, “em que dia da semana caiu o 8 de novembro de 1746”.⁷⁷⁸ E explica: “Sou muito perfeccionista, meticoloso. (...) Se um personagem risca um fósforo⁷⁷⁹ na bota, vou a um almanaque conferir se realmente já existiam fósforos naquela época”.⁷⁸⁰ Diz que começa a escrever como se começasse a ler: “... boto título, dedicatória, epígrafe e desembesto”. Parte, em geral, de uma idéia básica, “que tenho ou acho que tenho. (...) É difícil explicar mais do que isso. (...) O ato de escrever sem os elementos clássicos da pesquisa, das anotações, fica tão variado quanto a natureza humana”.⁷⁸¹ Diz que faz questão de ser claro, de que sua frase seja inteligível e seu período logicamente bem construído.⁷⁸² E diz também que já passou pela experiência de ver um livro seu desandar: “O José Rubem Fonseca tem uma teoria de que, se você abandona um livro por um tempo, quando volta, já não pega mais a história. Perde a embocadura. Meu truque é

⁷⁷⁴ — Em outro depoimento, João Ubaldo faz referência a essa circunstância, mas como tendo acontecido muito antes. “Foi ele quem primeiro acreditou em mim, desde os meus 17 anos, foi ele que, me vendo registrar-me num hotel, olhou o item onde eu declarava timidamente que minha profissão era jornalista, pegou a ficha, rasgou-a e disse: — Jornalista é muito bom, mas não é o que você é. Bote aí ‘escritor’, você é escritor” (João Ubaldo RIBEIRO, “Jorge Amado e eu”, **O Globo**, 12 ago. 2001).

⁷⁷⁵ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

⁷⁷⁶ Rodrigo LACERDA, “Utopia tropical”, **Cult**, nov. 1997.

⁷⁷⁷ Fábio FERNANDES, “O feitiço do escritor de Itaparica”, **Tribuna da Imprensa**, 21 nov. 1997.

⁷⁷⁸ “João Ubaldo Ribeiro, história e ótica popular”, **O Estado de S. Paulo**, 12 abr. 1985.

⁷⁷⁹ — Se o Wilson MARTINS está certo... — interrompeu-me o meu interlocutor —, então detectamos aqui um descuido desse tipo no *Viva o povo brasileiro*. — E ele leu: — “Devem-se ao caráter programático da história os raros anacronismos que possam ocorrer: é o caso de Zé Popó”, disse o crítico, “que encerra discurso de exaltado patriotismo ‘com o punho fechado apontando para cima’, gesto ideológico que certamente ainda não havia sido inventado em 1870 quando ocorre o episódio” (“A matéria brasileira (I)”, **Jornal do Brasil**, 11 mai. 1985).

⁷⁸⁰ “João Ubaldo Ribeiro, história e ótica popular”, **O Estado de S. Paulo**, 12 abr. 1985.

⁷⁸¹ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

⁷⁸² Álvaro Costa e SILVA, “João Ubaldo e o padre”, **Gazeta Mercantil**, 13 e 14 abr. 2002.

voltar e copiar o que eu fiz. Quando chego ao lugar em que ele empacou, o livro pega de novo”.⁷⁸³ Aos seis anos já estava na escola, “porque meu pai achava um absurdo ter um filho analfabeto com essa idade”. Aos nove, soube da morte de Monteiro Lobato, a quem considera “um gênio”⁷⁸⁴ e cuja obra infantil já tinha lido inteira, e resolveu então continuar: “Não fazia idéia do que era direito autoral, e cheguei a encher alguns cadernos com aventuras de Narizinho, Pedrinho, Emília...”.⁷⁸⁵ Sempre viveu em casarões antigos e entupidos de livros, fez caligrafia com os sermões do padre António Vieira, sempre viveu fantasias e febres relacionadas à leitura, lendo tudo o que lhe caísse nas mãos: “... gibis, almanaques sobre mecânica, Shakespeare, Dickens, biografias”.⁷⁸⁶ Tudo era sedutor, e tudo ainda era pouco: “Li Shakespeare com dez anos de idade e não entendi nada; quer dizer, entendi que as coisas terminavam mal...”,⁷⁸⁷ e encantou-se pelas três tragédias, *Hamlet*, *Romeu e Julieta* e *Macbeth*, “que meu pai me explicava com paciência”.⁷⁸⁸ Conta que foi um moleque muito pernóstico, “conhecido como aquele (...) que falava difícil”. Um dia, descobriu em meio às pilhas de livros do avô Ubaldo um sobre o general Osório, que, entre outras façanhas, tinha escrito alguns sonetos: “Eu copiei um (...) e apresentei à família em Itaparica como obra de minha lavra. Fiz um sucesso ensurdecador durante uns quinze dias! Até que (...) meu pai ficou desconfiado, eu tinha nove anos... e fui flagrado por plágio”.⁷⁸⁹ Conta que começou a trabalhar numa redação de jornal porque o pai achou que ele deveria escrever a sério, “e não ficar escrevendo frescuras em casa”.⁷⁹⁰ Participou de uma revista chamada *Ângulos*, conheceu Glauber Rocha e entrou na Faculdade de Direito, “que, na época, era uma escola de humanidades, não uma fábrica de técnicos como é hoje. Quem tinha vocação

⁷⁸³ Cristiane COSTA, “Não vejo parentesco dos meus livros...”, **Jornal do Brasil**, 6 abr. 2002.

⁷⁸⁴ Lillian FONTES, “Do jeito que o povo gosta”, **Rio Artes**, 1994.

⁷⁸⁵ “João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, **Continente**, Portugal, jun. 2002.

⁷⁸⁶ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

⁷⁸⁷ Lillian FONTES, “Do jeito que o povo gosta”, **Rio Artes**, 1994.

⁷⁸⁸ Beatriz MARINHO, “João Ubaldo... — profissão: escritor”, **O Estado de S. Paulo**, 30 jun. 1990.

⁷⁸⁹ Fernando Assis PACHECO, “João Ubaldo Ribeiro: histórias de riso...”, **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Portugal, 21 dez. a 3 jan. 1983.

⁷⁹⁰ Marcos GUSMÃO & Alberto FREIRE, “Viva o povo brasileiro pra inglês ler”, **A Tarde**, 24 abr. 1987.

para poeta cursava Direito. Filosofia era para meninas casadoiras”.⁷⁹¹ Começou a trabalhar no *Jornal da Bahia* aos dezessete anos, e sua primeira missão foi uma matéria sobre as filas da cidade de Salvador: “Lá fui eu de repórter, todo besta”. Chegou à redação, escreveu a matéria com uma letra caprichada e entregou: “Não me esqueço mais da reação do meu chefe: ‘Meu filho, você guardou bem as suas anotações?’ . Quando eu disse que tinha guardado, ele rasgou tudo o que eu tinha escrito, não me deixou nem copiar à máquina. E sofri das duas da tarde até as oito da noite, pra encher duas laudas e meia”.⁷⁹² Jornal, diz, é como futebol: “O sujeito, para ter aquelas qualidades todas, (...) tem que ficar dando corridinhas de cinquenta metros no treino (...). (...) para quem quer ser escritor, é um treino fantástico. Você é obrigado a fazer cinquenta vezes aquela merda, e aí, quando você chega no jogo, aquele negócio lhe ajudou”.⁷⁹³ Diz que redação de jornal é como sauna: “Todo o mundo fica nu e ninguém liga”.⁷⁹⁴ Também aos dezessete anos publicou seu primeiro conto num jornal baiano, “... um conto pernóstico chamado ‘Lugar e circunstância’. Era sobre a infância, e não era ruim, não. Eu estava influenciado por um professor que vivia falando em Ortega y Gasset, ‘*Yo soy yo y mi circunstancia*’ ...”.⁷⁹⁵ Diz que, como jornalista, é “o pior do mundo”.⁷⁹⁶ Diz que não gosta dos contos presentes em *Reunião*, antologia de 1961, organizada por Noêmio Spinola e Sônia Coutinho: “... me dá um certo embaraço”, e relembra o dia em que leu uma crítica de Assis Brasil sobre o livro, que também tinha contos de Sônia Coutinho, Noêmio Spinola e David Salles: “... ele elogiou todo o mundo e, no final, me esculhambou. Fingi que não liguei, mas fiquei emputecido. Hoje, acho que o Assis Brasil tinha razão, os meus contos eram ruins mesmo, umas besteiradas delirantes, com exceção talvez de um, ‘Josefina’, que eu escrevi para cumprir a promessa que, tomando umas cachaças no *Seminário*, fiz a uma puta sergipana, de botar o nome dela no jornal”. João Ubaldo diz que sente

⁷⁹¹ “João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, *Continente*, Portugal, jun. 2002.

⁷⁹² Renato SÉRGIO, “João Ubaldo Ribeiro — Um *best seller* desabafa: ‘A qualidade de vida das grandes cidades não me diz nada’”, *Manchete*, 19 out. 1985.

⁷⁹³ Marcos GUSMÃO & Alberto FREIRE, “*Viva o povo brasileiro* pra inglês ler”, *A Tarde*, 24 abr. 1987.

⁷⁹⁴ Márcio VASSALO, “A palavra é imortal”, *Lector*, nº 24, 1997.

⁷⁹⁵ Fernando Assis PACHECO, “João Ubaldo Ribeiro: histórias de riso...”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 21 dez. a 3 jan. 1983.

⁷⁹⁶ Maria Sílvia CAMARGO, “Um herói tirado da infância”, *Jornal do Brasil*, 9 abr. 1983.

arrepios ao imaginar a si mesmo aos dezoito anos: “... um fedelho pernóstico, radical, intolerante e metido a saber de tudo”.⁷⁹⁷ Aos 23, “o que eu era mesmo era intelectual de porta de livraria,⁷⁹⁸ (...) vivia escrevendo poemas e peças, e estava a fazer aquilo, os estudos, para agradar meu pai”. Quando lhe pediam que escrevesse alguma coisa, escrevia. Como se achava na obrigação de escrever, não recusava nada: “... se aparecesse um amigo dizendo ‘ô, João Ubaldo, você não quer escrever um folheto sobre esse vinho aqui?’, (...) eu respondia ‘imediatamente’. (...) Eu, a vergonha da família, que tinha abandonado uma carreira futura para ficar sem emprego, e sou escritor... Então eu ficava imaginando uma espécie de superfigura dizendo assim: ‘Você não é escritor, filho da puta? Escreva!’”. João Ubaldo era, como professor de “História das Idéias Políticas” e “Organização Social e Política do Brasil”, em 1965, 1966, um provocador: “... na bibliografia eu botava autores tabu, tome Marx, tome Engels, tome Lenine!”. Acompanhava-o sempre, nas aulas, em meio aos alunos e munido de um gravador, um policial informante: “... era um tira simpático, muito educado, era um dos ouvintes mais educados que eu tinha. (...) Até o dia em que o ICBA (Instituto Cultural Brasil-Alemanha) me convidou para uma conferência, e lá estava meu tira, eu já gostava, já tinha uma certa afeição por ele, mas então falei dele em público e a coisa ficou desagradável, achei de fazer graça: ‘... aquele rapaz que ali está, não sei quê, que sempre me acompanha...’”. João Ubaldo foi então processado, “mas nunca fui preso... Algum juiz decretou até a prisão preventiva, só que eu tinha ido para os Estados Unidos e eles não sabiam; depois

⁷⁹⁷ “João Ubaldo Ribeiro solta o verbo”, **Jornal da Bahia**, 17 e 18 fev. 1985.

⁷⁹⁸ — E aos 29 anos escreveu ele, com bastante ironia, provavelmente sobre a sua própria imagem de intelectual. — E li uma espécie de receita: — “Para ser um intelectual, é necessário que você possua algum talento. Não cultura ou inteligência porque estas, às vezes, atrapalham bastante (...). As alegrias da vida intelectual são esquivas e fugidias, só compensando para aqueles que a elas dedicam todos os seus momentos, na infável busca de maiores alturas para o espírito. (...) 2. O intelectual tem crises de angústia — As crises de angústia são absolutamente indispensáveis para a manutenção de uma imagem adequada. Não é difícil angustiar-se, embora os detalhes fiquem a cargo da imaginação e do senso artístico de cada um. Alguns gritam repentinamente, outros permanecem silenciosos durante horas a fio... (...) 4. Os intelectuais acham engraçadas coisas que ninguém acha engraçadas, nem mesmo os outros intelectuais — Há diversas oportunidades para que o intelectual se manifeste com gargalhadas (...). Entre estas, se encontram filmes dramáticos americanos, concertos de música clássica, conferências sobre fissão nuclear, tragédias de Sófocles ou filmes dinamarqueses sem legendas. A risada, preferivelmente, será dada com uma leve curvatura de cabeça para trás e pode, na maior parte dos casos, ser seguida de um pequeno comentário” (“Como ser um intelectual (I)”, Coluna Satyricon, **Jornal da Bahia**, 8 jul. 1970).

voltei e não me prenderam”.⁷⁹⁹ Diz que não se interessa por literatura; que nunca conseguiu se interessar por literatura: “Eu me interesso pelas coisas (...). Sempre fui metido a biólogo, principalmente a zoólogo, botânico não. Literatura... eu não sei pra onde é que vai”. Diz que Cervantes é sua “grande paixão”; Homero, o seu “clássico predileto”; Rabelais, “de dar inveja”; Shakespeare, “irretocável”; *Os três mosqueteiros*, “um dos maiores romances do mundo”; Pablo Neruda, “um grande e extraordinário poeta”; Vargas Llosa, “um competente escritor de quem não gosto”; Jorge Luis Borges, *el brujo*, alguém de quem gosta “mais com a cabeça do que com o coração”.⁸⁰⁰ Diz que lê todos os dias a mesma página de *Ricardo III*, de Shakespeare: “Meu pai dizia que esse é traço de loucura (...). Leio sempre *Macbeth*, *Hamlet*, (...) *Iliada*, *Odisséia*, *Invenção de Orfeu*”. Diz que recita de cabeça e em inglês o monólogo de *Hamlet* e que a cada vez descobre algo novo no *to be or not to be*.⁸⁰¹ Há, por isso, escritores que aprecia mas não lê: João Cabral de Melo Neto; e outros que lê e, pronto, chora: Castro Alves.⁸⁰² Costuma dizer que é constituído de dois Ubaldo: o “Grande Ubaldo”, “... um cara simpático, relaxado, tolerante, sem vocações. Um boa praça”, e o “Pequeno Ubaldo”, “... um sujeito chato demais. Ele gosta de me aporrinhar: ‘E aí, meu amigo, tomando uísque em casa, em vez de estar trabalhando?!’. O ‘Pequeno Ubaldo’ é uma figura insuportável com a qual eu convivo. (...) Não é uma consciência boa, como a de Pinóquio. (...) é uma consciência desagradável, é um neurótico. Ele vê sempre o lado mau das coisas. (...) Antigamente, ele me obrigava a acordar cedo. Se eu acordasse às dez ou onze horas da manhã, o ‘Pequeno Ubaldo’ me aporrinhava sem parar: ‘É isso aí, acordando a esta hora, já perdeu praticamente toda a manhã... Não tem nada e ainda se dá ao desprazo de acordar tarde... Daqui a pouco vai beber, vai almoçar e depois vai dormir de novo.’⁸⁰³ Você é um

⁷⁹⁹ Fernando Assis PACHECO, “João Ubaldo Ribeiro: histórias de riso...”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 21 dez. a 3 jan. 1983.

⁸⁰⁰ Beatriz CARDOSO, “O que sei é que começo pelo título”, *Tribuna da Imprensa*, 11 ago. 1986.

⁸⁰¹ Luís Antônio GIRON, “Ubaldo enfrenta o diabo”, *Cult*, mai. 2002.

⁸⁰² Cremilda MEDINA, “No caminho das almas...”, *Diário de Notícias*, 14 dez. 1984.

⁸⁰³ — Aparição semelhante, que poderíamos nomear de o “Pequeno Pedroso” — disse eu, em nota —, acomete, não por acaso, o personagem principal d*O sorriso do lagarto*: “Muitas vezes, ali mesmo, bêbedo ou não, fora obrigado quase a rezar para acreditar que a vida tinha algum sentido (...). Como também já acontecera muitas vezes, viu diante de si uma réplica de si (cont.)

desclassificado”⁸⁰⁴, diz o “Pequeno Ubaldo”, “espécie de inquisidor (...) ‘mesquinho, acusatório’”.⁸⁰⁵ Diz que já recebeu da crítica “algumas porradas, mas poucas. (...) Fiquei retado. Eu sou igual aos outros, gosto de elogios, não gosto de nego me esculhambar, não”.⁸⁰⁶ Diz que droga não inventa nada: “William Faulkner só andava bêbado, era um bêbado patológico, entrava numa carraspana, deitava na cama, botava uma garrafa junto, acordava, bebia de novo, escornava (...), mas não foi assim que Faulkner escreveu a obra dele, ele ia lá e escrevia sem cachaça”.⁸⁰⁷ Desde menino ouve que o romance está em decadência: “Quando escrevia *Viva o povo brasileiro*, um livro enorme, disse para um amigo que me sentia meio maluco, escrevendo aquele monte de besteiras. Ele me respondeu que não fora eu que inventara o romance e que ele continuaria a existir depois de mim”.⁸⁰⁸ Diz que foi Glauber Rocha quem o persuadiu a jamais usar epígrafes: “Desde então só uso epígrafes que eu mesmo construo”.⁸⁰⁹ Diz que “a mulher do homem é ele mesmo, tirante as de quando em vez (...). Minha mulher sou eu...”.⁸¹⁰

— Isto é um trecho da fala do sargento Getúlio, na página 39! — disse ele, me interrompendo pela segunda vez.

— Sim, mas não me interrompa. Você prometeu... — E continuo: — João Ubaldo não suporta a parte da tarde: “... a tarde me deixa burro. Sou uma pessoa da manhã (...). De manhã, estou com a corda toda”.⁸¹¹ Diz que o esforço da tradução é um esforço impossível, que não existe tradução, que odeia traduzir: “... não consigo aceitar inteiramente tradução de coisa nenhuma, nem de nome de peixe”, e propõe um problema: “... traduzir *Moby Dick*. (...) o primeiro período

mesmo, olhando-o com severidade e algum desprezo e lhe fazendo um sermão” (p. 211, realcei).

⁸⁰⁴ Márcio VASSALO, “A palavra é imortal”, *Lector*, nº 24, 1997.

⁸⁰⁵ Sergio Vilas BOAS, “... o escritor carioca-baiano tenta conciliar...”, *Gazeta Mercantil*, 18 e 19 mar. 2000.

⁸⁰⁶ “João Ubaldo: ‘Eu me achava um gênio...’”, *Jornal da Telebahia*, jun. 1984.

⁸⁰⁷ Marcos GUSMÃO & Alberto FREIRE, “*Viva o povo brasileiro* pra inglês ler”, *A Tarde*, 24 abr. 1987.

⁸⁰⁸ Aírton GUIMARÃES, “O romancista baiano passa os olhos sobre a cultura brasileira...”, *Estado de Minas*, 17 mar. 1990.

⁸⁰⁹ “João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, *Continente*, Portugal, jun. 2002.

⁸¹⁰ Lena FRIAS, “João Ubaldo (...) escreve para não ficar louco”, *Jornal do Brasil*, 31 jul. 1978.

⁸¹¹ Renato SÉRGIO, “João Ubaldo Ribeiro — Um personagem que esqueceu de se incluir num dos seus oito livros...”, *Ele Ela*, texto sem referência.

tem apenas três palavras: ‘*Call me Ishmael*’. Se me tivessem encomendado a tradução (...), eu ainda estaria empacado nesse período. Como botar isto em português (...) decente? ‘Chama-me Ishmael’?, ‘Chame-me Ishmael’?, ‘Me chame de Ishmael’?, ‘Meu nome é Ishmael’? (...) Nenhuma dessas soluções trágicas traduz de facto a frase”.⁸¹² Quando sente que as coisas perderam o sentido, quando sente que não sabe para onde vai, que não sabe o que está fazendo ou não sabe o que significa aquilo que está fazendo, “... nessas horas eu escrevo. Eu escrevo com o corpo todo. Levanto, tiro a roupa, visto a roupa, corro, bebo água, choro, fico emocionadíssimo, volto. (...) Não posso escrever na frente de ninguém porque eu tenho pudor, porque é realmente a coisa mais íntima que eu faço”.⁸¹³ Diz que escrever é uma tarefa tirânica, “porque você escreve o dia inteiro e enche os amigos (...), porque você não escreve apenas sentado à máquina, mas o tempo todo está escrevendo”.⁸¹⁴ Diz que gosta de escrever na frente da mulher: “Entrego a ela nervosamente as páginas prontas, à espera de um comentário. Ela vai lendo e dá uma risadinha. Então eu grito: ‘Por que você riu? Esse trecho não é para rir, e você riu! Faça o favor de me respeitar!’”.⁸¹⁵ Diz que controla a própria prolixidade, “como um *buffer* de impressora eletrônica segura o jorro de dados que sai do processador”,⁸¹⁶ e que na hora não tem certeza de quase nada: “De repente ocorrem alguns alarmes falsos e tenho que abandoná-los no meio do caminho”.⁸¹⁷ Diz que escreve porque não tem opção, “... uma compulsão tão grande que se não ceder a ela não preservo a minha sanidade”;⁸¹⁸ que escrever é a única coisa que sabe fazer e que sente que tem algo a dizer: “Numa entrevista à *Libération*, depois de ter pensado muito, cheguei à conclusão de que escrevo porque quero; porque, no fundo, o meu escrever é reduzível a isto; não a um ato voluntarista, mas a um ato de decisão, um aspecto do livre-arbítrio. (...) Existe um

⁸¹² José Carlos de VASCONCELOS, “O feitiço da escrita”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 24 mar. a 6 abr. 1999.

⁸¹³ Lena FRIAS, “João Ubaldo (...) escreve para não ficar louco”, *Jornal do Brasil*, 31 jul. 1978.

⁸¹⁴ José Carlos TEIXEIRA, “João Ubaldo: a partir da calma de Itaparica...”, *O Globo*, 7 set. 1983.

⁸¹⁵ Cícero SANDRONI, “O João da ilha”, *Elle*, nov. 1989.

⁸¹⁶ José Carlos de VASCONCELOS, “O feitiço da escrita”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 24 mar. a 6 abr. 1999.

⁸¹⁷ Reynivaldo BRITO, “João Ubaldo Ribeiro”, texto sem referência, 12 jan. 1985.

⁸¹⁸ José Mário PEREIRA, “O romance maior de João Ubaldo”, *Última Hora*, 5 jun. 1982.

velho verso em português (que não é assim mas a expressão ficou): ‘Não se pode passar pela vida em brancas nuvens’, sem ter feito nada. Então, eu escrevo por isso, para não passar pela vida em brancas nuvens”.⁸¹⁹ Embora escreva bem mais devagar do que escrevia quando era jovem, “... mas não por falta de espontaneidade; por excesso dela”,⁸²⁰ acredita que tem, hoje, mais controle sobre o ofício: “Soluciono os meus problemas redacionais e narrativos com uma habilidade de veterano”,⁸²¹ e conta um pedaço do seu dia-a-dia tecendo o romance *O sorriso do lagarto*: “... enquanto escrevia (...), vi-me várias vezes levantando-me no meio de um parágrafo absolutamente inesperado e mil vezes bem-vindo, para dar uma dançadinha em torno da mesa com os braços para cima, antes de ter coragem de espiar o monitor e confirmar, em letras agora coruscantes, que o nó estava desatado, desfeito, desmoralizado, desenrolado de uma forma tão óbvia que somente minha estupidez não percebia antes”, e exclama: “Nosso Senhor dos Escritores existe e a Providência socorre os desvalidos das letras!”.⁸²² Diz que escrevia com alegria: “... hoje em dia, não sei se escrevo mais”,⁸²³ que escrever é um gozo e que às vezes passa um dia inteiro às voltas com três ou quatro palavras: “Computador, neste sentido, atrasa o trabalho, porque torna esse tipo de curtição muito fácil, você vê dicionários, conjuga verbos, acha sinônimos, lê citações, lembra situações, faz o diabo com uns dois cliques ou três”.⁸²⁴ Diz que em algum momento da vida experimentou parar de escrever, e... “comecei a ter ausências de vários minutos, em qualquer lugar em que estivesse, enquanto delirava acordado. Eu ficava louco”.⁸²⁵ Diz que escreve desde os dezessete anos e que não suporta que o vejam como uma revelação: “Então ficam comentando que estou com quarenta anos e estourei. Estourei coisa nenhuma... eu escrevendo desde os

⁸¹⁹ “João Ubaldo Ribeiro”, in José Domingues de BRITO (org.), *Por que escrevo? — coletânea de depoimentos célebres*, São Paulo, Escrituras, 1999, p. 101 (fonte: Giovanni RICCIARDI, *Auto-retratos, op. cit.*).

⁸²⁰ José Carlos de VASCONCELOS, “O feitiço da escrita”, **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Portugal, 24 mar. a 6 abr. 1999.

⁸²¹ Márcio VASSALO, “A palavra é imortal”, **Lector**, n° 24, 1997.

⁸²² João Ubaldo RIBEIRO, “Escrever romances é sofrer até o fim”, **Folha de S. Paulo**, 19 abr. 1992.

⁸²³ Rodrigo LACERDA, “Utopia tropical”, **Cult**, nov. 1997.

⁸²⁴ José Carlos de VASCONCELOS, “O feitiço da escrita”, **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Portugal, 24 mar. a 6 abr. 1999.

⁸²⁵ Maria Sílvia CAMARGO, “Um herói tirado da infância”, **Jornal do Brasil**, 9 abr. 1983.

dezessete anos e muita gente achando que era porcaria, eu sem saber direito o que ia ser da minha vida”.⁸²⁶ Diz que não sabe fazer nada além de escrever, que é incompetente em quase tudo o que há de mais elementar e que não consegue cuidar direito de si mesmo: “Eu já disse, um pouco dramaticamente, a uma jornalista que eu queria impressionar, que eu escrevia para não ficar maluco. Hoje eu acho que não foi apenas uma frase de impacto. Eu escrevo para não ficar louco e, portanto, para não ficar infeliz. A não ser que se considere a loucura uma forma suprema de felicidade por causa de algumas vantagens que a loucura nos traria na nossa relação com a realidade. Eu não quero ser maluco”.⁸²⁷ Diz que não é fácil viver só de escrever: “... como disse num título Osman Lins (...), é uma guerra sem testemunhas. (...) De minha parte, comunico que continuo comendo, regularmente, (...), que não estou grato por nada, a não ser pelo que fiz, pelo meu dom, e que não desisto...”.⁸²⁸ Diz que gosta mesmo é de ler livro de biologia e zoologia,⁸²⁹ e que pescar vicia; escrever, não: “Preferiria dar um tempinho... Mas você vive de escrever para escrever o que você quer. E aí vira profissional”.⁸³⁰

— Muito bom — disse o meu interlocutor, ainda embalado. — Isso é o que eu chamo um verdadeiro “retrato falado”... Sinto-me mais familiarizado com o autor. Você merece um café.

— Obrigado digo eu, não por me ouvir, mas por não me interromper, senão duas vezes — e, olhando para o romance *Miséria e grandeza do amor de Benedita*, saboreei aquele café. Meu interlocutor folheava, ansioso por uma discussão, a edição portuguesa do livro *A casa dos Budas ditosos*.

6.5. O CASO DA CASA DITOSA: MISÉRIA E GRANDEZA

— Você disse — e ele levantou a cabeça, agitando o livro com a mão — que esse livro causou polêmica em Portugal, sendo, ao mesmo tempo, um sucesso de vendas... Parece-me que esta pode ser uma boa amostra da idéia de estar

⁸²⁶ “João Ubaldo: ‘Eu me achava um gênio...’”, *Jornal da Telebahia*, jun. 1984.

⁸²⁷ Beatriz CARDOSO, “O que sei é que começo pelo título”, *Tribuna da Imprensa*, 11 ago. 1986.

⁸²⁸ “João Ubaldo Ribeiro solta o verbo”, *Jornal da Bahia*, 17 e 18 fev. 1985.

⁸²⁹ “João Ubaldo — O sertão e sua gente...”, *O Globo*, 15 mar. 1981.

⁸³⁰ Luís Antônio GIRON, “Itaparica, o sorriso de João”, *O Estado de S. Paulo*, 8 mai. 1988.

Ubaldo numa ambígua posição, sempre a oscilar entre a crítica e o público. Por que *A casa dos Budas...* vendeu tanto em Portugal? Por se tratar de um grande autor brasileiro, autor de *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*? Por se tratar de um grande livro? Você disse que o sucesso em terras lusitanas, não obstante a “censura”, foi grande. Eu diria: graças, e muito, à “censura”. Não?

— Não sei. É isso o que eu gostaria de discutir com você... Dou-lhe um quadro heterogêneo do caso: *A casa dos Budas ditosos* foi publicado no Brasil em 1999, pertencendo à série “Plenos Pecados”, da editora Objetiva. O lançamento do livro em Portugal, pela editora Dom Quixote, apresentou contratempos: a venda foi proibida em dois hipermercados, Pão de Açúcar, Jumbo, do grupo Auchan, e Continente, do grupo Sonae, que, juntos, totalizam muitos pontos de comércio.⁸³¹ “É óbvio que o veto (...) acabou por beneficiar a carreira do livro”,⁸³² disse João Ubaldo, para quem a proibição, uma espécie de censura, prejudica a imagem de Portugal junto à opinião pública brasileira.⁸³³ “A imagem que passou foi que os portugueses proibiram a comercialização pura e simples do livro, o que não é verdade”.⁸³⁴ Esta espécie de censura⁸³⁵ repercutiu em todo o país, através dos jornais, e talvez tenha aguçado a curiosidade dos portugueses, tanto daqueles que já conheciam a obra de João Ubaldo Ribeiro, escritor amplamente publicado por editoras portuguesas, quanto daqueles que vieram a conhecê-lo através das acusações e da alcunha, aqui recebida, de escritor pornográfico e/ou erótico. Ouça isto. A primeira citação é o trecho da carta de um leitor.

⁸³¹ — A cadeia de distribuição Continente tem 20 lojas e a Pão de Açúcar tem 11 lojas, segundo a reportagem: “Hipers censuram livro. PCP considera facto preocupante e interpela o Governo”, *Avante!*, 6 jan. 2000, em: <<http://www.pcp.pt/avante/1362/6203e2.html>>, acesso em 18 out. 2005.

⁸³² Sérgio ALMEIDA, “A feliz desdita de ‘seu’ Ubaldo”, *Jornal de Notícias*, 22 jan. 2000.

⁸³³ — A ressalva de João Ubaldo, a sua preocupação com a imagem de Portugal e o seu confesso amor pelo mundo lusitano não foram suficientes para calar o bem humorado comentário de um jornalista português — eu disse, em nota. — Vale a pena ouvir: “Li, numa revista, um comentário irônico do autor à alegada proibição de venda de seu livro (...). Mas foi só porque ele teve aquela reação muito brasileira de culpar o país inteiro (Portugal) pela reação conservadora de uns gestores (...). Também nem tanto, ó companheiro. Não vale a pena confundirmos tacanhez com Inquisição... (...) Viva o povo brasileiro. E, já agora, Viva o povo português que também tem laivos de graça” (Possidónio CACHAPA, “Viva a luxúria”, *Diário de Notícias*, texto sem data).

⁸³⁴ Sérgio ALMEIDA, “A feliz desdita de ‘seu’ Ubaldo”, *Jornal de Notícias*, 22 jan. 2000.

⁸³⁵ — “Estamos chocados com o que aconteceu”, disse o editor português de João Ubaldo, Nelson de Matos. “É um gesto grave, trata-se de censura” (“Moralistas”, *Tal & Qual*, Portugal, 10 dez. 1999).

(i) Não li o livro, nem sequer o folhee. Provavelmente (...) não o compraria. Mas na próxima ida à livraria procura-lo-ei, mais não seja porque do autor só conheço alguns trabalhos publicados em jornais. Mas uma coisa garanto. Nos hipermercados Continente ou Pão de Açúcar não comprarei nem uma chucha [chupeta] enquanto esta atitude não for revista.⁸³⁶

(ii) Compre o livro numa livraria de bairro, saboreie boa literatura e ofenda a moral dos hipermercados Continente e Pão de Açúcar. Melhor ainda, ofenda-os mesmo: nunca mais lá ponha os pés”.⁸³⁷

— Continue com o seu quadro heterogêneo... — disse ele, com alguma ironia. — O livro recebeu resenhas favoráveis?

— Em Portugal? Não propriamente resenhas... A revista *Grande Reportagem* menciona “a qualidade excepcional da escrita” de João Ubaldo.⁸³⁸ Maria João Seixas critica o estratagema das fitas cassete deixadas na casa do escritor: “... soou-me a falso e transformou toda a narrativa — lida, ouvida e vista — numa quase impostura de inventário voyeurista”, e elogia aspectos do texto: “Gosto do permanente uso e abuso do superlativo absoluto simples, da adjectivação raticada [sic], a sublinhar o ‘divertimento’, também ele superlativo e absoluto, embora nada simples, das descrições da narradora e a criar a indispensável distância com o leitor (...)”.⁸³⁹ A revista *Visão* escreveu que João Ubaldo “tem uma prodigiosa capacidade (...) e uma fantástica imaginação”, e que ele ficou surpreso com a notícia de que a “sua última ficção (...) teria a sua distribuição e venda proibida (...). Motivo: ‘Uma ofensa à moral pública’”. E a matéria ainda menciona a senhora Isabel Megre — continuei, animado —, diretora das Relações Institucionais do grupo Auchan, proprietário do Pão de Açúcar e do Jumbo, “confirmando a decisão tomada e a razão evocada”. Disse ela: “A política comercial e o que está à vendas nas lojas é decisão nossa. O livro

⁸³⁶ Miguel REGO, “Livros em hipermercados”, *Diário de Notícias*, Portugal, 16 dez. 1999.

⁸³⁷ “A casa dos Budas ditosos”, *Grande Reportagem*, Portugal, jan. 2000.

⁸³⁸ *Id.*

⁸³⁹ Maria João SEIXAS, “A Propósito de *A casa dos Budas ditosos*”, Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, 28 mai. 2004, Arquivo *Storm Magazine*, em: <<http://www.stormmagazine.com/novodb/arqmais.php?id=272&sec=&secn=>>, acesso em 29 jul. 2005 (conversa que teve lugar no salão do Teatro Nacional D. Maria II, após a apresentação da peça homônima, interpretada por Fernanda Torres, com direção de Domingos de Oliveira, tendo como convidadas ao debate Maria João Seixas e Paula Moura Pinheiro).

ofende a política e a **ética comercial**⁸⁴⁰ do grupo...”.⁸⁴¹ Outra matéria, contemporânea à estréia da peça homônima em Portugal,⁸⁴² com a atriz Fernanda Torres, faz referência à “polêmica gerada pelo livro. Fernanda Torres tem um ponto de vista curioso: ‘Foi proibida a venda em supermercados, né? Pois olha, um país que vende livros em supermercados já merece que lhe tire o meu chapéu’,⁸⁴³ diz ela. Um tal Manuel Augusto dos Santos faz referência ao livro como *A casa dos Budas Apetitosos* [sic], provavelmente um erro, e não uma brincadeira, e “revela” que o texto, escrito “em ‘brasileiro’[,] tem uma leitura ainda mais interessante, com aqueles termos que só eles conseguem arranjar”.⁸⁴⁴ Outro erro comete o jornal *Diário Económico*, no seu título: “Ubaldo Rodrigues [sic] relançou livro proibido”.⁸⁴⁵ “... baiano, negróide, barrigudinho, irônico, de voz cheia, mestre da palavra, *bigudinho* matreirão, Tiradentes de merceeiros, sambista de costumes, Pão de Açúcar de idéias, Continente de liberdade, pai de santo num mundo onde pequenos delitos fazem a grandeza humana”: é assim, com essa descrição estereotipada e um desinteressante jogo de palavras com os nomes dos hipermercados, que o jornalista António Risco, da revista *Focus*, se refere ao escritor.⁸⁴⁶ “... especialista em raparigas de programa e prostituição infantil” é o papel que João Ubaldo diz lhe ter sido atribuído pelo público brasileiro que se deparou com o romance, e assim declarou aos jornais portugueses, que acabaram por explorar à larga essa superposição: “... o (...) inconveniente é que me transformei numa espécie de sexólogo sobre o

⁸⁴⁰ — Salientei o “ética comercial” — disse eu, abrindo com a mão uma nota — porque vale a pena ouvir este trecho: “Só nos faltava mais esta, neste pequeno e tão original país. Em Portugal, até o capitalismo é diferente. Em vez da lei da oferta e da procura, temos a lei da rolha e a regulação do mercado submete-se ao prontuário da moral beata e puritana. O passo seguinte deverá ser o dos escritores e editores, antes de lançarem uma obra, terem de passar pelos censores da caixa do hipermercado, para ver se os critérios de ‘moral pública’ inscritos nos códigos de barras não fazem disparar o sinal de alarme” (João Paulo GUERRA, “Exame prévio”, *Diário Económico*, Portugal, 29 nov. 1999).

⁸⁴¹ “Livro proibido: O pecado da luxúria”, *Visão*, Portugal, 2 a 8 dez. 1999.

⁸⁴² — A peça ficou em cartaz no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, e depois no Porto, no Teatro São João.

⁸⁴³ Marcos CRUZ, “Sexo forte”, *Diário de Notícias*, Portugal, 4 jun. 2004.

⁸⁴⁴ “Um serão com o autor do livro das bu(n)das apetitosas”, *Jornal de Matosinhos*, Portugal, 4 fev. 2000.

⁸⁴⁵ Portugal, 27 jan. 2000.

⁸⁴⁶ “Casino”, Portugal, 24 jan. 2000.

comportamento sexual dos homens brasileiros, que eu, lamentavelmente ou não, desconheço”.⁸⁴⁷ “Tenho recebido centenas de cartas pedindo ajuda!”,⁸⁴⁸ diz ele, e vai além, revelando que “no Brasil tem tido algumas ‘propostas’ de leitoras que levaram o livro muito à letra e confundem o escritor com a personagem”, segundo nos conta outra matéria.⁸⁴⁹ “São elas [as mulheres de todas as idades] que (...) interrogam Ubaldo na rua (...) e inventam histórias sobre a *performance* sexual do escritor”.⁸⁵⁰ E diz ele, em outra entrevista: “Tudo em meu livro (...) foi atribuído a mim quando, na verdade, o personagem era inteiramente fictício. Fiz uma brincadeira (...), dizendo que uma senhora tinha deixado os originais aqui em casa (...). Até hoje encontro pessoas que acham que não fui eu que escrevi o livro”.⁸⁵¹ E a onda de mistificação em torno do romancista brasileiro chega ao paroxismo com a informação, absolutamente falaciosa, de que *A casa dos Budas...* “vem acrescentar-se à longa lista dos seus livros polêmicos, **muitos deles censurados no Brasil**”...⁸⁵² E muitos pequenos jornais portugueses mencionaram em primeiro plano as origens portuguesas do escritor.⁸⁵³

— E no Brasil?

— Foi criticado por alguns jornalistas justamente por não ter conseguido ser o que se pode chamar um “bom pornógrafo”.⁸⁵⁴ Salta aos olhos a crítica do Diogo Mainardi, mencionado por João Ubaldo como um “escrevinhador de

⁸⁴⁷ “João Ubaldo Ribeiro e os dias da polêmica”, *Correio da Manhã*, Portugal, 18 jan. 2000.

⁸⁴⁸ Luísa JEREMIAS, “Mulher é igual a homem”, *A Capital*, Portugal, 18 jan. 2000.

⁸⁴⁹ “João Ubaldo ‘ditoso’ em Portugal”, *Visão*, Portugal, 20 jan. 2000.

⁸⁵⁰ Maria João CAETANO, “Portugal não é nenhum convento”, *Diário de Notícias*, Portugal, 18 jan. 2000.

⁸⁵¹ “João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, *Continente*, Portugal, jun. 2002.

⁸⁵² “Ubaldo Ribeiro, o polêmico”, *VIP*, Portugal, 25 jan. 2000, realcei o erro.

⁸⁵³ — É o caso do avô, “João Ribeiro, (...) que deve ter chegado ao Brasil aí por 1910 — meio deportado pela família porque fizera um filho a uma mãe solteira, fora parar à cidade de Penedo, no Estado do Alagoas, onde chegou a gerente de uma fábrica têxtil, pertencente a uns portugueses amigos da família. (...) uma pessoa adorável, que lhe dava dinheiro para livros, revistas e guloseimas. Grande companheiro de infância, confidente e amigo, era pessoa culta, leitor de Camilo e Junqueiro. Como muitos minhotos de gema, tinha horror à água, mas era apreciador de vinho e cerveja. Nunca o castigou, desmentindo assim as origens de uma terra, que se diz de justiça do pau” (Lima de CARVALHO, “João Ubaldo promove seus ‘Budas Ditosos’”, *Jornal de Notícias*, Portugal, 16 jan. 2000).

⁸⁵⁴ — “Acho-me um bom pornógrafo”, disse João Ubaldo à Maria Teresa HORTA, do *Diário de Notícias* (Portugal, 22 jan. 2000).

apreciações, um rapaz conhecido por falar mal de todo o mundo”.⁸⁵⁵ Diogo Mainardi ainda toca, talvez desnecessariamente, em outro ponto: o fato de constituir o livro uma literatura de encomenda, e rentável, condição que, para o resenhista, acabou sendo a que prevaleceu, como se o mero fato de ser uma literatura de encomenda, por si só, já constituísse um fator a ser levado em conta numa avaliação estética. Veja, ou melhor, ouça:

A primeira dificuldade de escrever sobre sexo é a linguagem. (...) ... em vez de tentar resolver o problema lingüístico, João Ubaldo Ribeiro achou melhor escamoteá-lo, sufocando o palavreado chulo com coloquialismos. A segunda dificuldade de escrever sobre sexo é o moralismo. (...) Quando a luxúria é despida do caráter pecaminoso, no entanto, corre-se o risco de tornar idênticas todas as aventuras sexuais (...). (...) João Ubaldo Ribeiro sabia que podia quebrar a cara enfiando-se nesse projeto. Como a libertina de *A casa dos Budas ditosos*, ele perdeu a vergonha e foi em frente, **à procura de uma recompensa mais material, presumivelmente.**⁸⁵⁶

— No Brasil, no entanto, não houve qualquer proibição...

— E nem em Portugal... — disse ele, mas eu não parei de falar.

— Portugal recebeu-o bem, e isso, creio eu, não porque tenha sido proibida a venda, mas porque uma parte do público leitor português, especialmente do meio literário, conhece João Ubaldo, que tem uma história com Portugal que é bastante anterior a esse episódio.⁸⁵⁷ Ele próprio, inclusive,

⁸⁵⁵ Maria Teresa HORTA, “Acho-me um bom pornógrafo”, *Diário de Notícias*, Portugal, 22 jan. 2000. — E disse ainda o escritor que o livro, no entanto, “não levantou qualquer celeuma, nem a intelectualidade me fez algum reparo” (Elsa ANDRADE, “A censura foi a melhor promoção”, *24 Horas*, Portugal, 23 jan. 2000).

⁸⁵⁶ Diogo MAINARDI, “Nunca aconteceu antes...”, *Veja*, 5 mai. 1999, realcei.

⁸⁵⁷ — João Ubaldo morou em Portugal por aproximadamente um ano, no início da década de oitenta, devido a uma bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, para que estudasse o escritor português Ferreira de Castro. Uma matéria portuguesa faz menção às “redondezas da casa onde morou, na rua Epifânio Dias, uma paralela à Avenida Estados Unidos da América. ‘Era ali o meu lugar, era ali a minha vida. Sempre que posso, voltou ao apartamento onde vivi. É um roteiro sentimental muito pessoal, que não tem nada a ver com monumentos’”, disse João Ubaldo, que durante esse período manteve intensa convivência com uma boa parte do meio literário português: Afonso Praça, Fernando Namora, Assis Pacheco. “Lembra-se ainda de verter garrafas de uísque com [José] Cardoso Pires, no bar do Hotel Tivoli” (Sara Belo LUÍS, “Oito dias em Portugal”, *Visão*, Portugal, 27 jan. a 2 fev. 2000), e lembra-se também do amigo José Carlos de Vasconcelos, jornalista e editor do *JL - Jornal de Letras Artes e Ideias*, onde João Ubaldo chegou a publicar, e ainda publica, crônicas, entrevistas e artigos, entre eles a “Explicação de Glauber Rocha”, escrito em seguida à morte do cineasta, em agosto de 1981, com 42 anos, logo após chegar ao Rio, em estado grave, após um período internado num hospital perto de Lisboa (no *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Portugal, 1 a 14 set. 1981).

reivindicou essa proximidade com Portugal,⁸⁵⁸ em resposta ao que disseram os representantes dos hipermercados. Ouça:

— Mas o pior mesmo (...) foi quando os supermercados, após levantarem esta ridícula questão moral, resolveram dourar a pílula, dizendo que na realidade decidiram não vender o livro porque eu não era conhecido. Achavam que eu era um pé-rapado que havia escrito um livro de sacanagem. Morei um ano lá, tenho um filho que nasceu em Lisboa, participei de programas de rádio, vendi muito livro e já dei muita entrevista, tendo sido capa⁸⁵⁹ do *Jornal de Letras*.⁸⁶⁰

— Pelo que percebi do seu quadro, os meios de comunicação portugueses fizeram, com essa história da “pseudo-proibição”, uma verdadeira festa de matérias e entrevistas com o autor, transformando em notícia algo que, em si, não era notícia alguma... — disse ele, visivelmente satisfeito em iniciar uma discussão.

— Como não era notícia alguma? E por que “pseudo-proibição”?

— Uma cadeia de lojas não vender um livro não é notícia, não é um fato jornalístico que justifique esse universo de reportagens. O que foi feito com *A casa dos Budas ditosos* em Portugal — disse ele — é exatamente o que se faz com um livro quando se quer alçá-lo à condição de livro *best seller*.⁸⁶¹ cola-se ao livro uma

⁸⁵⁸ — João Ubaldo é autor ainda da famosa coluna “Cartas ao Zé”, dirigidas a José Carlos de Vasconcelos e publicadas no jornal português *O Sete*. Em uma delas — disse eu —, o escritor, bem humorado, contesta publicamente a existência do escritor José Cardoso Pires. Trata-se da resposta a uma crônica de Cardoso Pires, em que o escritor português chama o autor das “Cartas ao Zé” de farsante, um farsante que se vem fazendo passar pelo verdadeiro João Ubaldo Ribeiro, autor de *Sargento Getúlio*, *Vila Real* e *Livro de Histórias*. Pretendo reproduzir na tese trechos das duas crônicas — pensei, tendo uma idéia —, criando assim uma espécie de segunda epígrafe para todo o trabalho. Ver ainda, como uma ótima síntese da história da presença da literatura brasileira em Portugal, da década de 70 até os dias de hoje, o artigo do próprio José Carlos de Vasconcelos, “Do Brasil para Portugal — Falando em português” (**JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, 5 fev. 2003), e cito um trecho: “Pela época do 25 de Abril de 1974, coube ao nosso (...) Irineu Garcia lançar entre nós vários escritores brasileiros. Irineu, que assinou aqui no *JL*, desde o nº 1 e até à sua súbita morte, em Abril de 1984, a excelente coluna Zona Tórrida, dedicada à literatura brasileira...”.

⁸⁵⁹ — João Ubaldo refere-se ao **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, nº 48, de 21 dez. a 3 jan. 1983, e também ao de nº 743, de 24 mar. a 6 abr. 1999.

⁸⁶⁰ Cecília COSTA, “Polêmica sobre luxúria leva Ubaldo a Portugal”, **O Globo**, 16 jan. 2000.

⁸⁶¹ — O conceito de *best seller* aqui — e ele abriu com a mão um parêntese — não é técnico, mas relativo. Pode-se falar que um autor tem, entre os seus próprios livros, aquele que é o *best seller*, o que mais vendeu. Ubaldo, embora seja *best seller* num sentido absoluto no Brasil, em Portugal está longe disso... Como bem disse o Jorge Oliveira e Sousa, do grupo Sonae, justificando a recusa do livro com a concorrência das festas de fim de ano — continuou o meu interlocutor, pegando das minhas mãos uma matéria —: “Toda a gente sabe que as prateleiras no Natal são exploradas ao milímetro e, entre um autor desconhecido e por exemplo o Jorge Amado, claro que damos prioridade a livros que o português médio conhece” (“João Ubaldo (cont.)

história, que por sua vez produz a oportunidade de se poder falar do livro, caso em que o livro pode ainda ter o que dizer e merece ser considerado como texto literário com alguma autonomia em relação à história que foi colada a ele, ou então fala-se mais da história colada ao livro, e secundariamente do livro...⁸⁶² ou, ainda, cria-se a oportunidade de se poder falar mais do autor, caso em que o autor é na verdade bem mais importante que o livro, porque o autor é, ele mesmo, um *best seller*.

Comentário:

— O que se pode chamar de o discurso crítico literário em sua relação com o mercado editorial e literário não permite essa visão estanque — eu disse. — O crítico Manuel Ribeiro, num artigo de que gostei, menciona os fatores que entram em pauta no funcionamento do discurso crítico literário: os agentes críticos, as estratégias discursivas usadas na interpretação de uma obra, os autores, os gêneros resenhados, o tipo de publicação que serve como veículo, o formato do público-alvo, o modo como a obra está sujeita a inúmeras interferências e condicionantes que vão guiar o seu percurso dentro de um dado sistema literário e estabelecer seu valor literário e o seu espaço no cânone.⁸⁶³

— Quem começou essa história? — perguntou ele, anotando a minha citação num bloquinho.

— A editora, num comunicado enviado à imprensa, disse que as superfícies recusaram a distribuição e a venda do livro, alegando ofensa à moral pública. O editor, Nelson de Matos, justificou a importância do comunicado com a necessidade de “reagir a uma atitude censória que pelos vistos persiste na sociedade portuguesa”, impedindo que “um dia destes só se divulgue o que possa ser aprovado pelas grandes superfícies”.⁸⁶⁴

Ribeiro: censura nos hipermercados?”, texto sem referência, 7 dez. 1999). *A casa dos Budas...* parece ter sido, em Portugal, no entanto, em sentido relativo, o seu *best seller*...

⁸⁶² — Vem-me à cabeça agora — disse ele, em nota — o caso de Salman Rushdie e seus *Versos satânicos* e o caso da beatice do devoto Sousa Lara *versus* o Saramago com o seu *Evangelho*... Isso acontece, muitas vezes, como é o caso de Rushdie, Saramago e Ubaldo, guardadas as diferenças de gravidade..., à revelia do autor, que em alguns casos se beneficia e em outros se prejudica. O escritor Salman Rushdie saiu beneficiado da querela, mas o homem Salman Rushdie teve a vida profundamente transformada e transtornada com o veto à sua obra...

⁸⁶³ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

⁸⁶⁴ Jair Rattner, “Livro de Ubaldo é vetado em Portugal”. Texto enviado por Jair Rattner, por e-mail, para Cecília Andrade, diretora literária da editora Dom Quixote, em 10 dez. 1999, que gentilmente mo cedeu. Trata-se de matéria publicada em 4 dez. 1999, provavelmente no jornal *O Estado de S. Paulo*.

— Ele está, provavelmente, preocupado com o fato de que “o setor de supermercados representa hoje”, segundo ele mesmo disse, “25% a 30% das vendas de livros no país” — citou o meu interlocutor, tirando-me a matéria das mãos e lendo. E seguiu lendo: — “Normalmente, cada rede de supermercados pede inicialmente 100 a 200 livros de cada lançamento”,⁸⁶⁵ disse o editor.

— Mas Nelson de Matos salientou o fato de que João Ubaldo é, hoje, em Portugal, um nome cada vez mais famoso, destacando, entre os livros, o *Viva o povo brasileiro*, já na segunda edição.⁸⁶⁶

— É disso que estamos falando aqui, não é? — disse ele. — De João Ubaldo Ribeiro, hoje, no Brasil, ser tratado pelas editoras e comprado pelo público como, antes de tudo, antes do texto que faz e do romance que escreve, como um *best seller*. É isso o que vem acontecendo com os livros de Ubaldo: é ele, e são as histórias em torno dele, o mais importante. Em seguida, os livros. Quando Ubaldo escreveu o *Getúlio...*, quem era Ubaldo? O autor do *Sargento Getúlio...* Hoje, são os livros...

— O mercado literário, o mercado editorial e o discurso crítico literário são diferentes, hoje, do tempo em que João Ubaldo estava lá na Bahia a escrever o seu *Sargento Getúlio...* — e citei:

... a literatura, encarada enquanto uma forma de discurso, não pode continuar a ser definida como sendo o efeito de um simples acto de leitura, nem de características puramente imanentes que reificam a ideia de uma essência/unicidade/singularidade do texto literário, mas que o espaço pluridiscursivo em que circula apresenta estrangimentos de vária ordem que orientam os sentidos de leitura e de significação...⁸⁶⁷

— Deixe-me terminar essa idéia: como em Portugal isso é mais complicado e ele não é tão conhecido pelo público leitor médio, há, então, que se criar uma história. Criada a história — disse ele —, nasce aí o *best seller*, e começam as vendas... Foi o que fez o editor, quando se deparou com uma recusa de caráter

⁸⁶⁵ *Id.*

⁸⁶⁶ — Isto segundo a reportagem de Alexandra Lucas COELHO, “Polêmica em torno do romance de João Ubaldo Ribeiro”, *Público*, Portugal, 1 dez. 1999.

⁸⁶⁷ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

meramente comercial... Uma recusa que ia prejudicar grandemente as vendas e que precisava ser revertida em algo que favorecesse grandemente as vendas. E foi...

— Foi a expectativa favorável em relação às vendas que levou a Dom Quixote a imprimir, como tiragem inicial, 5 mil exemplares, quando em Portugal, segundo disse o editor, o número médio anda pelos 3 mil...⁸⁶⁸ E isso foi anterior à celeuma. Ouça:

... é frequente pensar-se que o início do percurso de canonização de um texto literário se inicia aquando da sua recepção pelos críticos ou pelo público-leitor, naquele momento em que se realiza a fusão dos horizontes de expectativa entre texto literário e leitores. No entanto, tudo começa a ser pensado muito antes na secretária do editor ao pesar os prós e os contras de uma publicação, ao tentar calcular o prejuízo da edição da obra, ao convencer críticos a redigir resenhas [resenhas] ou meros pareceres para figurarem na contracapa de uma primeira edição, ao publicitá-la em periódicos da especialidade e, enfim, ao convencer livreiros a comprá-la em quantidade.⁸⁶⁹

— E tudo isso foi levado em conta quando se decidiu por uma tiragem de 5 mil, e não de 2,5 ou de 3 mil, como é praxe em Portugal para autores não tão conhecidos do grande público... — eu disse.

— A própria presença física de Ubaldo em Portugal deve ter tido suas motivações justamente na história da “censura”, não? Repare que estou usando a palavra “censura” sempre entre aspas... — disse ele, sem me ouvir e pegando o romance *Miséria e grandeza do amor de Benedita*. — Você mencionou uma matéria cujo título era “Ubaldo *Rodrigues* [sic] relançou livro proibido”. Um livro proibido é um livro que não se pode comprar, e *A casa dos Budas*... poderia ser comprado em qualquer livraria de Portugal, com exceção dos tais supermercados... Não se pode dizer do livro que seja um livro proibido...

— Você poderia ter razão se a questão se tivesse resumido a um aspecto meramente comercial.⁸⁷⁰ Os donos das redes de hipermercado diriam assim: não

⁸⁶⁸ Alexandra Lucas COELHO, “Polémica em torno do romance de João Ubaldo Ribeiro”, **Público**, Portugal, 1 dez. 1999.

⁸⁶⁹ James O. HOGE, ed., *Literary Reviewing*, Virginia, Charlottesville, University Press of Virginia, 1980; e também Elrud IBSCH, Dick SCHRAM & Gerard STEEN (eds.) (1991), *Empirical Studies of Literature: Proceedings of the Second IGEL-Conference*, Amsterdam 1989, Amsterdam-Atlanta, Rodopi — ambos citados por Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

⁸⁷⁰ — Um jornalista, aliás, menciona isto — observei, contrariado mas decidido a não sonegar informações ao meu interlocutor —, salientando que o “depoimento do escritor à revista *Visão* (...) parece um pouco exagerado. Queixa-se de ter apanhado ‘um susto’, e diz que nunca um

(cont.)

queremos comprar esse livro para o revender aqui, e ponto. E isso talvez tenha acontecido em determinado instante, pois, segundo nos conta o jornal **O Globo**, um dos representantes dos proprietários do Continente ou do Pão de Açúcar/Jumbo disse à editora Dom Quixote: tenho o direito de dizer não ao livro...⁸⁷¹ Pois bem, mas um outro porta-voz aferrou-se aos aspectos morais da história, e ainda disse, e isso, meu caro — continuei —, é, sim, notícia, que se tratava de uma indelicadeza “vender tal obra durante as comemorações do nascimento de Cristo”...⁸⁷² E complemento a citação: “Até mesmo o Partido Comunista Português se pronunciou. Em seu jornal *Avante*,⁸⁷³ (...) os editores do PC informam que o grupo parlamentar do partido pediu um pronunciamento dos Ministérios da Cultura e da Economia de Portugal sobre a questão”.⁸⁷⁴

— Sim, sim — disse ele, rindo. — Você me deu o ponto... Se a notícia foi artificialmente criada ou não, isso é irrelevante, embora para mim isso seja óbvio... Ou seja, é óbvio, para mim, que o representante da Sonae, por exemplo, não tenha visto nada de mais no livro, e tanto não viu que nem quis comprá-lo, porque acreditava que o livro não iria vender nada... O ponto, no entanto, é o seguinte, e acho que aqui discordamos radicalmente: não se pode falar em censura quando um livro é vetado por um grupo comercial privado que alegue razões

livro seu havia sido proibido, nem nos tempos da ‘ditadura brasileira mais recente’. A bem dizer, o livro não foi proibido” (João Cândido da SILVA, “Um dia a casa vem abaixo”, texto sem referência, Portugal, dez. 1999).

⁸⁷¹ — Sendo mais específico — completei —, cito a declaração, embora nela não acredite..., do representante da Sonae, dona do hipermercado Continente, Jorge Oliveira e Sousa, que disse: “Desconhecemos esse argumento [o argumento moral] em absoluto. (...) ... João Ubaldo Ribeiro tem um tipo de escrita muito específico, não é um autor conhecido em Portugal. Nós não somos uma livraria, vendemos sobretudo *best sellers*, e os nossos critérios são os mesmos para livros, bolachas, chocolates” (Alexandra Lucas COELHO, “Polêmica em torno do romance de João Ubaldo Ribeiro”, **Público**, Portugal, 1 dez. 1999).

⁸⁷² — E ouça aqui mais detalhes, de outra matéria: “O grupo Auchan explica os motivos do veto: ‘A Auchan considerou que o livro não segue os padrões morais e éticos do grupo no âmbito mundial e optou por não vendê-lo’, afirma o assessor de imprensa Telmo Carrapa (...), que não explica de forma conveniente como é que os supermercados do grupo vendem vídeos pornográficos. ‘Talvez o gerente de produto não seja o mesmo’” (Jair RATTNER, “Livro de Ubaldo é vetado em Portugal”, **O Estado de S. Paulo**, 4 dez. 1999).

⁸⁷³ — “Os deputados comunistas Agostinho Lopes e Luísa Mesquita (...) consideram (...) uma ‘flagrante ofensa à livre circulação do livro e à liberdade de criação dos escritores’” — li, abrindo uma nota. — “Inquirido é também o Ministério da Economia quanto aos procedimentos que pensa adoptar face ao que os parlamentares do PCP não hesitam em classificar de ‘atentado à liberdade de concorrência’” (“Hipers censuram livro”, **Avante!**, 6 jan. 2000, em: <<http://www.pcp.pt/avante/1362/6203e2.html>>, acesso em 18 out. 2005).

⁸⁷⁴ Cecília COSTA, “Polêmica sobre luxúria leva Ubaldo a Portugal”, **O Globo**, 16 jan. 2000.

comerciais e... Também não se pode falar em censura quando um livro é vetado por um grupo comercial privado que alegue razões éticas, morais, religiosas etc. Não se pode, em suma, falar de censura.

— Muito bem — eu disse, fazendo uma careta. — Fica assim firmada a sua posição, por mais escandalosa que ela me pareça... A minha posição é a de que um veto que invoque razões de ordem moral, ética, é, sim, um tipo de censura, há muitos tipos de censura, e esta configura um ato de paternalismo, um ato que desqualifica o público comprador, que lhe impõe uma espécie de tutela, que o subestima como agente capaz de decidir por conta própria, quase uma censura que se impõe às crianças... — E, depois de uma minúscula pausa: — Entrevistei alguns portugueses, quando estive em Portugal, acerca justamente desse assunto — e eu abri uma pastinha vermelha e verde —, e percebi, ao fim e ao cabo, entre os depoimentos, bastante polêmica... Podemos discutir através dos entrevistados...

— Deixe-me ver — pediu ele, já começando a passar os olhos pela entrevistas transcritas. — Podemos ter uma idéia do universo português... Espero que seu grupo de entrevistados seja heterogêneo...

— Creio que sim.⁸⁷⁵ Disse-me, por exemplo, o jornalista José Carlos de Vasconcelos, 65 anos, que não se justifica estar um livro desses inacessível num hipermercado, e ele apresenta uma alternativa bastante civilizada, que não infantiliza o público, nem impossibilita a venda:

— ... um hipermercado é um sítio que é freqüentado por toda espécie de pessoas, muitas delas sem formação para poder pegar num livro destes e o poder

⁸⁷⁵ — Entrevistei — e abro aqui uma nota — quinze pessoas: **1.** Mário Negreiros (42 anos, vitivinicultor, jornalista, colaborador do *Jornal de Negócios*, ex-correspondente internacional do jornal *Público* e da rádio *TSF* no Brasil). **2.** Eva Gaspar (34 anos, jornalista do *Jornal de Negócios* e da revista *Sábado*). **3.** Isabel Lopes da Silva (55 anos, produtora de TV). **4.** Sandra Campos (30 anos, estudante, doutoranda em literaturas africanas). **5.** José Carlos de Vasconcelos (65 anos, jornalista, coordenador editorial do Gabinete Editorial da revista *Visão*, diretor do *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*). **6.** Fernando Bastos (18 anos, estudante brasileiro, com nacionalidade portuguesa, viveu muitos anos no Brasil e mora atualmente em Portugal). **7.** Maria Gomes de Oliveira Xavier (36 anos, socióloga, foi morar no Brasil com 5 anos de idade, retornou a Portugal com 28). **8.** Manoel de Castro Vilas Boas (35 anos, gestor, brasileiro, mora há dez anos em Portugal). **9.** Filipe Manuel Nogueira Ferreira (32 anos, engenheiro químico). **10.** António Maria de Carvalho da Costa Pereira (41 anos, piloto de aviação civil). **11.** Maria do Carmo Guerreiro (80 anos, dona-de-casa). **12.** Jorge Manoel Teixeira (81 anos, arquiteto). **13.** Fernando Viana (42 anos, engenheiro). **14.** Maria Rita Brito Monteiro (42 anos, mestrandia em ciência da educação). **15.** Joaquim Trigo de Negreiros (46 anos, jornalista, trabalhou no jornal *Público*, faz atualmente um doutorado em ciências da comunicação).

ver como documento literário que é (...)... Talvez se possa justificar (...) que um livro como esse esteja, por exemplo, fechado, (...) com uma cinta, uma coisa qualquer que o não torne acessível de forma simples e imediata à leitura ali de quem passa. Há sempre a questão (...) das crianças. (...) A única justificação que pode haver para alguma coisa não é a proibição; é o (...) não poder ser livremente folheado por quem passa e que até inadvertidamente vai procurar pormenores... É a mesma razão que faz com que certo grupo de revistas, até *Playboy* e tal, que são revistas de indiscutível qualidade, estejam dentro de plásticos...

— E disse-me ainda a produtora de TV, Isabel Lopes da Silva, 55 anos — prossegui, armando-me com a ajuda de alguns de meus entrevistados —: “... não concordo que alguma livraria me proíba a venda de qualquer livro... Eu, quando me dirijo a uma livraria, é o sítio onde eu penso que vou encontrar tudo e mais alguma coisa. Se eu quiser um livro pornográfico, é porque lá tem, se eu quiser um livro de culinária, é porque lá tem”.

— Por outro lado, há muitas livrarias em Portugal... — disse o meu interlocutor, pegando outra entrevista e entrando em campo. — “As pessoas têm o direito de comprar noutro sítio...”, disse o piloto de aviação civil, António Maria de Carvalho da Costa Pereira, 41 anos. E ouça aqui o que disse o vitivinicultor e jornalista Mário Negreiros, 42 anos, quando você lhe perguntou se o caso merecia a cobertura jornalística que teve: “... a rigor não aconteceu nada, mas justifica-se que os jornais façam grandes tempestades em copos d’água na medida em que queiram vender. (...) era um bom produto. (...) ... para isso foi preciso dar ao produto uma dimensão que ele não tinha. (...) acho que foi sensacionalismo, mesmo”.

— A essa pergunta, então — eu disse —, veja o que me respondeu o jornalista José Carlos de Vasconcelos, 55 anos:

— Eu acho que sim, que justifica que a isso tenha sido dado relevo porque foi, que me recordo, um fato único, uma obra literária ser impedida de vender em hipermercados com alegadas razões éticas e morais. (...) a coleção Europa-América tinha uma coleção dos grandes clássicos da literatura erótica, e eu não sei se esse tipo de livro vai normalmente para hipermercados... Mas o que é fato é que foi a primeira vez que isso se verificou, e, tratando-se de um autor com a qualidade e a popularidade do João Ubaldo... Eu falo por mim... Nós, na *Visão*... eu tratei disso... tenho uma ligação pessoal ao João... Acho que é justificável... Depois, a partir daí, como tudo no jornalismo, a questão é começar. Há outros que pegam nos temas e há um certo efeito multiplicador.

— Não sei se concordo... — disse o meu interlocutor, sacando mais um depoimento da minha pastinha vermelha e verde. — A opinião da mestrand

Maria Rita Brito Monteiro, 42 anos, é a de que a cobertura jornalística não se justifica, e isso porque...

— ... se calhar, isto acontece relativamente a muitas outras obras, e nós não sabemos, por outros motivos. Depois, porque acho que as livrarias dentro dos supermercados não são assim tão importantes, e até porque há muitos outros hipermercados que poderão ter vendido o livro. E, para além disso, mesmo do ponto de vista estratégico, se a idéia era aumentarem as vendas do livro, conseguiram; se era um ato de censura, foi muito ingênuo...

— Este argumento não está bem fundamentado... — respondi. — Trata-se de uma discussão de interesse público, e sobre isso é muito bem acertado o que me disse o jornalista e professor Joaquim Trigo de Negreiros, 46 anos, que concorda, sim, com a ampla cobertura de imprensa dada ao caso, porque “o episódio suscita uma discussão mais abrangente sobre questões relacionadas com a liberdade de escolha dos consumidores e o modo como ela pode ser limitada por constrangimentos na ‘ponta’ da oferta”.

— Eu gostaria — disse ele — de entrar no ponto da discussão, ou seja, remeto-me aqui a uma das perguntas principais de sua entrevista: se os argumentos apresentados pelo Grupo Auchan, “O livro ofende a política e a ética comercial do grupo”, justificam que seja vetado o acesso do livro às estantes de vendas dos hipermercados Pão de Açúcar e Jumbo? E ainda se argumentos de natureza ética, moral, ou seja, argumentos não-comerciais, podem ser invocados, por parte de um grupo comercial, para a entrada de produtos em suas lojas? E lhe dou — seguiu o meu interlocutor — a resposta do Mário Negreiros:

— Se argumentos de natureza ética e moral podem ser invocados (...)? Plenamente: sim! Acho que sim e acho que é bom que assim seja e não vejo nenhum problema nisso. E (...) se se tratasse de um livro de propaganda nazista... se poderiam ser invocadas razões éticas e morais, também acho que sim... E se fulano não gostasse que se falasse das cenouras e aparecesse um livro sobre cenouras, acho perfeitamente legítimo que o dono da loja, seja ela um hipermercado ou uma lojinha de esquina, faça impor no seu estabelecimentozinho as suas idiossincrasias, as suas simpatias. Perfeitamente legítimo. Não está a impedir que os outros vendam (...)!

— Um estabelecimento comercial principalmente do porte desses grandes hipermercados — rebati —, não pode furtar-se à sua condição de um lugar de inúmeros interesses públicos, e por isso há uma espécie de função social

envolvida. Na opinião da entrevistada Isabel Lopes da Silva, impedir a entrada de um livro, alegando-se uma razão moral, é “passar um atestado de minoridade às pessoas. As pessoas é que sabem o que é que vão comprar, e ninguém tem nada a ver com isso. E se me apetece ir comprar material pornográfico, seja ele para vestir, seja para ler, seja para comer... É a minha vida privada”, disse-me ela. E disse-me ainda a Maria do Carmo Guerreiro, 80 anos, dona de casa, que não acha legítimo. Quem quer compra, quem não quer não compra... É um grande escritor, que é preciso conhecer...”, e ela cita o caso de *O crime do padre Amaro*, do Eça de Queirós, “porque hoje não há ninguém que lhe passe pela cabeça vetar o Eça, e naquele tempo eu nem podia dizer os livros que eu lia... Só se liam aquelas porcariazinhas... (...) cada um é que escolhe e que faça o seu julgamento”.

— Em outras palavras — emendou o meu interlocutor —, você insiste na idéia de que este caso configura um tipo de censura ao Ubaldo? O que dizem os seus entrevistados? Refiro-me à sua outra pergunta, acerca dos argumentos apresentados pelo editor Nelson de Matos para ter emitido um comunicado à imprensa assim que soube da recusa das redes de hipermercados. Disse o editor da Dom Quixote que ficou chocado e que o gesto é grave e censório. Trata-se de censura um hipermercado se recusar a vender um determinado livro, seja invocando razões morais-éticas ou apenas comerciais? E, nesse caso, houve da parte do editor um aproveitamento comercial da situação? O editor tem razões para estar chocado, embora soubesse, ao mesmo tempo, que o episódio acabaria naturalmente aumentando as vendas? Tudo isso são perguntas suas... — disse ele. — Eu estou vendo aqui as respostas do jornalista-vitivinicultor, Mário Negreiros: “... é evidente que é uma coisa que promove o livro, a notícia de que ele foi vetado, a aura de proibido dá-lhe encanto e, portanto, comercialmente é interessante”. E, quanto ao editor da Dom Quixote: “... não acho absolutamente que ele tenha razões pra ficar chocado...”. E você lhe perguntou ainda sobre a censura: “Não, não se trata de censura, de maneira nenhuma... O livro está livre. Só não é vendido naquela loja... Pra mim dá no mesmo”.

— Eu insisto na idéia de que se trata de uma espécie de censura, diferente, é claro, de uma censura originária de um ato de governo que quer silenciar a possibilidade de dissenso. Passo a palavra ao jornalista José Carlos de Vasconcelos:

— É um pouco das duas coisas... (...) Para uma pessoa como eu, que muitos

anos teve que sofrer a censura e que lutou contra ela, portanto, a censura normal, a censura à imprensa, que era uma censura prévia, que impedia que se escrevesse tudo... Só quem sofreu a censura em Portugal sabe o que isso representou e o que ela tinha de brutal, de feroz, de primário etc. Portanto, eu não quero estar a comparar isso à censura neste sentido... Agora, é um ato que impede de chegar a um certo extrato de público, a certo local, uma obra de criação, porque *A casa dos Budas ditosos* é uma obra literária de criação. E, dentro desse sentido mais amplo, obviamente, é censura, de alguma medida... (...) Só que o critério que invocam para não o ter à venda é que não tem fundamento. A razão, de fato, por que impediram a sua venda, mesmo que não assumam, é verdade que por trás disso está um juízo de valor... alguma coisa para não perder, porventura chocar alguns dos compradores do seu negócio. (...) Acho que numa parte o editor tem razão a falar em censura, tratando-se, portanto, desta censura em sentido amplo, que significa impedir a chegada de um certo produto cultural a uma certa parte do público. E é óbvio que, por outro lado, (...) houve também da sua parte um certo aproveitamento da situação. (...) Parece-me que (...) o editor do livro aproveitou a circunstância e tentou dar-lhe a maior projeção, (...) porventura, com esse intuito comercial.

— E eu passo a palavra à mestrandia em educação, Maria Rita Brito Monteiro — disse ele, contra-atacando com uma boa declaração.

— ... uma editora, quando tem este tipo de comentário, “Trata-se de censura”, (...) está mais ou menos a se colocar ao mesmo nível do grupo do supermercado que disse que se tratava de razões éticas e morais, o grupo Auchan... Porque na realidade está a atribuir um poder e um papel de protagonismo que um supermercado não tem, não pode e nem deve ter. Eu não sei se terá sido programado este tipo de comentário, no sentido de aumentarem as vendas do livro... Não sei se foi uma estratégia... A mim parece-me que é provavelmente errado no sentido em que dá demasiada importância ao assunto: é apenas um supermercado que não quis colocar o livro à venda...

— E é curioso... — continuou ele. — Quando você pergunta diretamente se o entrevistado considera censório o ato dos hipermercados, quase ninguém diz que sim, mesmo aqueles que se mostraram mais chocados... mesmo esses, e isso porque provavelmente se lembram do período histórico de censura salazarista real... Ouça a doutoranda Sandra Campos, 30 anos: “... quando ele fala em censura, num país que passou por isso, que teve um *Index* de livros proibidos, (...) essa imagem do passado cai logo sobre as nossas cabeças, e (...) é uma coisa que não queremos voltar a ter, e ele [o editor] se aproveitou um bocado disso para obter mais atenção por parte do público”.

— Os únicos que acreditam ser o ato uma espécie de censura foram justamente o José Carlos de Vasconcelos, jornalista veterano e praticamente um nome inseparável da história do jornalismo literário português, a dona-de-casa Maria do Carmo Guerreiro e o arquiteto Jorge Manoel Teixeira — disse eu.

— A sua outra pergunta aponta diretamente para o que pode configurar a real posição de Ubaldo dentro do mercado português, uma posição, pelos vistos, bastante diversa da brasileira, onde ele é, efetivamente, um *best seller*:

Crê que os argumentos apresentados pelo Grupo Sonae (“João Ubaldo Ribeiro tem um tipo de escrita muito específico, não é um autor conhecido em Portugal. Nós não somos uma livraria, vendemos sobretudo best sellers, e os nossos critérios são os mesmos para livros, bolachas, chocolates”) são comerciais, ou há razões morais que optaram por não revelar? Acredita que os critérios invocados pelo Grupo para que qualquer livro seja posto à venda (“... a credibilidade do autor, a qualidade da editora e o sucesso alcançado pelo livro no mercado”) se aplicam, ou não, ao escritor João Ubaldo Ribeiro e à editora Dom Quixote?

— Eu ainda prefiro acreditar que o grupo Sonae escamoteou suas reais razões, e suas reais razões têm origem numa postura de puritanismo. Veja o que disseram o Mário Negreiros e o José Carlos de Vasconcelos...

— Seu exemplo não é bom — disse ele —: são ambos jornalistas e, pelos vistos, bons conhecedores do que se escreve no Brasil. — Eu, de todo modo, li.

Mário Negreiros — Eu, conhecendo o João Ubaldo e o que ele representa no Brasil, é evidente que tendo a achar que isto não se aplica, porque João Ubaldo, antes ainda *dA casa dos Budas*, era eleito para a Academia [Brasileira de Letras]... Já era imortal... É o louro maior que se pode ter numa carreira de escritor... Pode ser que em Portugal, por algum fenómeno esquisitíssimo, ele seja menos conhecido e considerado do que outros, mas eu apostaria que, se fôssemos aos supermercados do grupo Sonae, muito provavelmente encontraríamos muitos autores a quem isto se aplicaria muito mais do que ao João Ubaldo, mesmo eu não sabendo muito bem o que é que o João Ubaldo representa em Portugal e tendo, por outro lado, a percepção do que ele representa no Brasil, que não tem nada a ver com o que eles dizem aqui... É um escritor consagrado, popular, com visibilidade até de massa, porque escreve *nO Globo*...

José Carlos de Vasconcelos — É óbvio, em relação a este grupo Sonae, que isto não é exato, que o João Ubaldo Ribeiro não seja um autor conhecido em Portugal... Quer dizer, na altura o João Ubaldo já era um autor bastante conhecido em Portugal, já tinha vários livros editados, já tinha colaborado em jornais de grande expressão, era falado... (...) Não é propriamente um *best seller*, para dar só um exemplo brasileiro, como poderia ser, e como é, nesta altura, o Paulo Coelho, que nessa altura não sei se era, nessa altura não sei se o Paulo Coelho vendia mais que o João Ubaldo, se calhar até vendia menos... E em relação à *A casa dos Budas ditosos* até vendeu menos... E, por outro lado, isto até que é contraditório porque *A casa dos Budas ditosos* foi um livro muito vendido, foi um *best seller*... (...) ... por outro lado, a credibilidade do autor, a qualidade da editora e o sucesso alcançado pelo livro no mercado... A credibilidade do autor é grande, porque é um grande escritor, tinha editado em Portugal, pelo menos, o *Livro de histórias*, que eu próprio editei, e *nO Jornal*, que era a editora então das que mais vendia em Portugal; tinha tido uma coluna *nO Sete*, que era o semanário que mais se

vendia em Portugal, à certa altura... A qualidade da editora... é a Dom Quixote, das melhores editoras portuguesas, e o sucesso alcançado pelo livro no mercado é um argumento contraditório, porque só se pode saber se tem sucesso de venda ou não, no mercado, depois de o livro estar no mercado... Se eles não chegarem a deixá-lo estar, não podem usar esse argumento...

— Para alguns — completei —, as razões invocadas pelo grupo Sonae se devem ao fato de eles simplesmente não conhecerem João Ubaldo Ribeiro, e então, como defesa, alegarem que conhecem, sim, e, conhecendo, o consideram pouco vendável. Para muitos entrevistados, ainda, as verdadeiras razões do grupo Sonae não são as que foram alegadas, ou seja, as razões comerciais, mas sim as morais, que eles tiveram pudor em admitir. Disseram a mestrandia em educação e o doutorando em ciências da comunicação:

Maria Rita Brito Monteiro — Os argumentos apresentados pelo grupo Sonae são menos comprometedores. (...) À partida provavelmente eles não queriam vender porque o considerariam imoral, mas tiveram o cuidado de arranjar uma justificação melhor planeada. Definiram os critérios, que são os *best sellers*, os escritores conhecidos... Ficavam só aqui com o problema a resolver se o João Ubaldo era conhecido ou não... A credibilidade da editora, acho que isso também não se poderia pôr em causa, porque a Dom Quixote é uma editora que mais ou menos todas as pessoas consideram credível, portanto eles ficam somente com esse problema a resolver: a questão de o João Ubaldo ser ou não um autor... vendável. E isso eles poderiam sempre dizer que no nosso país não o seria... Portanto, a verdade é que tá mais bem pensada esta argumentação. É mais curta, mais estreita, mas não pretende também dar nenhum ensinamento moral e nem colocar o supermercado numa posição de juiz de valor relativamente à obra.

Joaquim Trigo de Negreiros — Os critérios são estranhos. João Ubaldo Ribeiro é obviamente um escritor “credível”, imaginando que isso quer dizer que se trata de um escritor reconhecido e prestigiado, a Dom Quixote é evidentemente uma editora de qualidade e é esquisito alegar que “o sucesso alcançado pelo livro no mercado” condiciona a decisão de o pôr no mercado...

— Por mais que esteja o Ubaldo, entre os demais escritores brasileiros, numa posição de certa proeminência, em Portugal, só comparável a Jorge Amado e Paulo Coelho, o que importa, parece claro, é que o livro só teve grandes vendas por causa dessa história de “censura”... A isso se chama estratégia de *marketing*... — disse ele. — Há aqui, admito, uma consequência e um hábito que se forma: o livro passa a ser tratado pela crítica portuguesa como um *best seller* brasileiro que é finalmente exportado para Portugal, o que acaba prejudicando a sua trajetória como texto literário que também, e antes de tudo, deve ser considerado por si, e não somente observado pela lente das histórias

circunstanciais que vão povoando essa trajetória. Ganha o escritor João Ubaldo em fama e sucesso, ganham escritor e editor em dinheiro, mais ganha o editor, é claro... e perde a literatura de Ubaldo em fortuna crítica legítima...⁸⁷⁶

— A sua condição de *best seller*, para o universo português — eu disse, mais pensando alto do que falando —, é de difícil demarcação. Há dois lados: a intelectualidade portuguesa, incluídos os jornalistas, e há o público português médio, incluídos os comerciantes portugueses. Ilustro esses dois segmentos, para você ter uma idéia. — E peguei duas matérias. A primeira, um debate entre um articulista do jornal *Público* e, do outro lado, um poeta, deputado socialista e à época candidato a candidato à presidência da República em Portugal. A segunda, um depoimento.

(i) Vasco Graça Moura — É possível e até normal o livreiro recusar livros (...). Nada disso configura tecnicamente uma situação de censura, no sentido em que o acto censório é ofensivo das liberdades de pensamento e criação e da sua expressão e circulação públicas, mas sim um direito de escolha do produto (...) com que o comerciante constrói a sua estratégia empresarial. (...) E todavia, mesmo agindo os gestores do hipermercado num quadro que se afigura à partida insusceptível de consistente ataque jurídico, custa a crer que casos como os de João Ubaldo ainda aconteçam em finais do milénio. Há aqui um inevitável aspecto mais ‘personalizado’ a ter em conta.

É civilizacional e culturalmente chocante que a gestão de uma cadeia de livrarias de importante aviamento, como as das grandes superfícies, recuse a obra

⁸⁷⁶ — Uma das poucas exceções dentro da recepção portuguesa do livro, e posteriormente da peça, interpretada por Fernanda Torres — eu disse, interrompendo-o —, foi o texto introdutório de Helena Vasconcelos à conversa que teve lugar no salão do Teatro Nacional D. Maria II, tendo como convidadas Maria João Seixas e Paula Moura Pinheiro. A autora situa o texto da peça (e do livro) no sistema literário das prováveis influências de João Ubaldo Ribeiro e identifica na história os temas centrais. Vale a pena ouvir — e li. — “... esta peça é mais sobre liberdade (...) do que propriamente sobre sexo. Este texto é o relato de uma libertina. E, como tal, citarei quatro fontes literárias que poderão ter servido de ponto de partida ao autor: 1 - Choderlos de Laclos e *As Ligações Perigosas*: o mesmo truque do autor que se assume como mero veículo de transcrição — em Laclos são as cartas (...) e, em JUR, são as fitas gravadas, bem mais ‘modernas’ (...). 2 - Ovídio: o “nosso” Ovídio e a sua *Arte de Amar* — para a poética do sexo e uma certa (ténue) melancolia. (...). 3 - Marquês de Sade: há um método na libertinagem e Roland Barthes fala longamente sobre o assunto no seu clássico *Sade, Fourier e Loyola*. O sistema sadeano é complexo mas uma coisa é certa — fazem-se listas, organiza-se a acção. É por isso que Fernanda Torres, ao interpretar esta personagem, dá tanta ênfase às listas de nomes — todos os nomes, todas as combinações possíveis. (...) Sade é pedagógico. Esta peça é pedagógica. 4 - Casanova: (...) Veneza bem podia ser a Bahia de Todos os Santos! O admirável Casanova bem podia ser irmão desta mulher. Tal como ela, Casanova admite que a sua vida foi uma ‘sucessão de feitos afortunados’. Tal como ela conta uma longa, entusiasta, dramática, poética e erótica história que nos leva para bem mais longe do que a simples ‘confissão’ ou testemunho. (...) Ao transgredir, a mulher de *A casa dos Budas ditosos* arrasa todos os tabus (...). Vou enumerar alguns: a infância como sinónimo de pureza, o racismo, o incesto, a violação, as drogas, a religião, a maternidade, a monogamia, o dinheiro, a esterilidade, a doença, a morte” (Helena VASCONCELOS, Introdução a: “A Propósito de *A casa dos Budas ditosos*”, Arquivo *Storm Magazine*, *op. cit.*).

de alguém que **acedeu a um especial estatuto reconhecido de ‘autor’**, permitindo-se invocar reservas quanto ao seu conteúdo e sobretudo traçar a fronteira entre erotismo e pornografia.

Manuel Alegre — Acresce que a escrita de João Ubaldo é magnífica. Nada tem a ver com aquele tipo de prosa que Fernando Pessoa comparava a um corno. (...) Tratando-se de **um livro que no Brasil é um *best seller* e cujo autor, membro da Academia Brasileira de Letras**, nem sequer no tempo da Ditadura Militar viu qualquer livro seu apreendido, é natural que esta mal-disfarçada censura (...) não seja propriamente um incentivo ao desenvolvimento das relações culturais (e não só) luso-brasileiras.⁸⁷⁷

(ii) Manuel Araújo, diretor da comunicação da Sonae — “Temos apenas 5 mil livros nas nossas lojas e há cerca de 15 mil títulos candidatos a serem vendidos” (...). Ele explica que **os critérios são a credibilidade do autor, a qualidade da editora e o sucesso alcançado pelo livro no mercado.**⁸⁷⁸

— Segundo esses critérios, ele teriam a “obrigação comercial” de distribuir o livro. Ora, é o imortal João Ubaldo Ribeiro, membro da ABL; é a editora Dom Quixote, das mais representativas em Portugal; é o sucesso de vendas no Brasil e a promessa de sucesso em Portugal. As razões, ao fim e ao cabo, não foram comerciais, mas morais, e isso é, sim, notícia.

— De modo inverso pensa o seu entrevistado, o Filipe Manuel Nogueira Ferreira, 32 anos, engenheiro químico. Foi o único que inverteu os raciocínios, ou seja, o argumento escamoteado não é o moral, mas o comercial, e o grupo Sonae foi o único que abriu o jogo. Para ele:

— ... estes argumentos apresentados pelo grupo Sonae são de certa forma mais verdadeiros, e acabam por ser aquilo que eu penso que se passa realmente na seleção de livros dentro das grandes superfícies. Não há uma razão ética ou moral; existe é uma razão comercial. Eles não são especialistas, e por isso apostam em *best sellers*, apostam naquilo que eles sabem que tem uma tiragem bastante grande. E, mais uma vez, quando eles comparam os critérios dos livros a bolachas e chocolates, obviamente, esta comparação é puramente comercial, na base do preço de custo, preço de venda, margens brutas... Quanto aos critérios invocados, penso que a qualidade é sempre um argumento muito difícil de avaliar por aqueles que não são conhecedores do meio...

⁸⁷⁷ Vasco Graça MOURA, “Editores não vão sentir-se condicionados” *versus* Manuel Alegre, “Está em causa a liberdade de comprar e ler”, em “Vice-Versa: caso Ubaldo: um Index nos Hipermercados?”, Portugal, texto sem referência, realcei.

⁸⁷⁸ Jair RATTNER, “Livro de Ubaldo é vetado em Portugal”, **O Estado de S. Paulo**, 4 dez. 1999, realces meus.

— E o Filipe Manuel Nogueira Ferreira está a ser bastante coerente — continuou o meu interlocutor —, porque, em relação à postura do grupo Auchan, por exemplo, pensa ele que o argumento apresentado, de ordem moral...

— ... não é válido. Não é função das grandes superfícies imporem moral ou de certa forma filtrarem o acesso dos bens ao consumidor comum... Embora me parece que aqui talvez seja mais uma desculpa sobre a razão pela qual não compraram o livro. Não me parece que os grandes hipermercados conheçam o conteúdo dos livros que têm em exposição em detalhe, para dizerem o que é que é moral ou de acordo com a ética comercial do grupo, ou não.

— Concordo com você — eu disse, e segui — que o romance *A casa dos Budas ditosos* foi muito pouco observado de modo mais direto, como você notou, livre das “notícias”, criadas ou não, que lhe vão sendo coladas à capa. Concordo quanto ao fato, mas não concordo quanto ao princípio, porque creio que um livro deve ser observado, pela crítica, levando-se em conta, sim, todos os aspectos que lhe são correlatos, inclusive este dos hipermercados. Você está todo o tempo a tentar limitar o olhar sobre João Ubaldo Ribeiro, ora procurando restringir esse olhar aos conteúdos temáticos ou à forma de narrar de seus romances, ora tentando desgrudar uma história, criada ou não, deste ou daquele livro... Como se tentasse isolar a literatura do quadro social e literário em que ela se insere. Admito que o episódio do veto à venda constitui um elemento bastante estranho aos assuntos literários... O mesmo Manuel Ribeiro menciona o que ele chama de “interferências que se poderão fazer sentir no mesmo [no campo literário] pela inclusão de agentes considerados ‘impróprios’ para a reafirmação da ilusão da obra de arte como criação e como fétiche dotada de valor próprio”.⁸⁷⁹ E ele menciona em seu artigo justamente, à guisa de ilustração, o caso de João Ubaldo como um exemplo desse tipo de interferência, em que, ao fim e ao cabo, “a obra e o autor adquiriram outra dimensão e outro valor dentro do campo literário”. E assim fecha:

Esta situação leva-me a considerar o seguinte: se até um director de vendas já se coloca no lugar de crítico literário por competências travessas, obtendo por momentos maior impacto que aquele sobre a valorização de uma obra literária e de um autor, que pensar então da função do crítico literário neste caso? Deverá este repudiar a intromissão desses agentes no seu campo de acção, defendendo a obra e o autor das consequências nefastas do lápis azul da economia neoliberal?

⁸⁷⁹ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

Ou invocar os seus pares, a sua autoridade e competência para reafirmar o valor artístico e a autonomia da obra de arte?⁸⁸⁰

— A imagem do escritor *best seller* é uma imagem bastante próxima à do escritor profissional, sendo de difícil demarcação as fronteiras entre ambas: João Ubaldo é um escritor que, segundo ele mesmo diz, escreve por dinheiro e escreveu, no caso de *A casa dos Budas...*, sob explícita encomenda. Essa sua idéia, portanto, de que a literatura de Ubaldo mudou, na forma narrativa e nos conteúdos temáticos, é estéril e... — e fez uma pausa dramática — de um saudosismo barato...

— Uma literatura como a que vemos na *casa dos Budas ditosos* não se sustentava, em Portugal, sem a história da pseudo-censura — insistiu ele.

— Assim não chegaremos a lugar algum que seja objetivamente mensurável. Não adianta tentar supor o que teria sido do livro *A casa dos Budas ditosos* sem as histórias que acompanharam a sua trajetória. Cito aqui o que escreveu o escritor Nelson de Oliveira, num artigo recente:

A mais sofisticada leitura possível de determinado texto (...) não está muito distante do tautológico refinamento de um simplório silogismo. “A é igual a B, C é igual a A, logo C é igual a B” é o resumo do enredo categórico, por exemplo, de toda crítica imanente, de toda análise com lupa que não leva em consideração nada além das premissas oferecidas pelo próprio texto. É esse tipo de raciocínio, de temperamento escolástico, que está na base até mesmo das investidas mais arrojadas da crítica literária. Enquanto a crítica não abandonar o seu apego ao raciocínio cartesiano, harmônico, em linha reta, com começo, meio e fim, partindo do geral para chegar ao particular, jamais recuperará a credibilidade perdida. O livro A saiu pela Companhia das Letras ou pela Record? Seu autor mora em Higienópolis ou no Capão Redondo? O livro B recebeu duas páginas na Veja ou foi ignorado por todos os meios de comunicação? (...) Trabalha na Rede Globo? Tem coluna no *Estadão* ou na *Folha*? O livro C foi editado às expensas do pai do autor? (...) Seu autor paga pensão à ex-mulher? Enquanto a crítica continuar fazendo vista grossa para tudo o que não é texto, para os fantasmas que acompanham cada livro publicado, para a vaidade ou a humildade, o rancor ou a simpatia, o orgulho ferido ou a consciência tranqüila do autor, do editor e do próprio crítico, ela jamais recuperará o seu emprego. Porque o que está angustiando o autor, o editor e o crítico de hoje não é mais o peso da tradição, é a pressão retórica de tudo o que não é literatura, de tudo o que é instintivo, sobre a mente dos leitores. A posição social de todo novo livro é sempre análoga à posição social do autor. Por isso, no campo das idéias, não existe leitor isento ou crítico imparcial: a primeira defesa e o primeiro ataque, disfarçados de rigor científico e de desapegado exercício de inteligência, trabalham com a lógica das aves de rapina. **A restrição ou o elogio, quando lançados, são menos para o**

⁸⁸⁰ *Id.*

livro e mais para o autor e seu séquito de confrades e leitores.⁸⁸¹

— E o mesmo podemos detectar em *Miséria e grandeza do amor de Benedita*... — retomei, mudando de livro, mas não mudando de assunto... — A crítica também não se deu ao trabalho de olhar para o livro *por si*, admito. Mas este caso é bem mais radical, porque o livro ficou quase que em último lugar em toda a história... O comportamento dos meios de comunicação brasileiros, notadamente os jornais e revistas, diante do texto foi todo ele pautado pelo fato de ter sido o romance o primeiro *e-book*,⁸⁸² o mesmo se podendo dizer dos jornais e revistas portuguesas.⁸⁸³ A seção de lançamentos da revista *Bravo!*, por exemplo, incluiu o *Miséria e grandeza*..., e uma das colunas internas, justamente a de título “Por que ler”, diz que **o livro deve ser lido porque constitui** a primeira experiência brasileira de livros em formato eletrônico, “baixáveis” pela Internet. O livro foi comentado na seção “Comportamento” do jornal *A Tarde*, com o título: “A era do

⁸⁸¹ Nelson de OLIVEIRA, “Credibilidade perdida”, *Jornal do Brasil*, 25 jun. 2005, realcei.

⁸⁸² — E sobre isso versaram os principais meios de comunicação impressos do país, que tiveram o romance de Ubaldo como tema por ser ele o pioneiro do novo formato. É o caso das reportagens de **IstoÉ** (Luiz CHAGAS, Livros, “Leitur@ livre” [referência ao romance *Anjos de Badaró*, de Mário Prata, cuja construção se deu em tempo real e publicamente, com os internautas acessando o site do escritor e assistindo-o a escrever o livro, diante de uma câmera], 7 jun. 2000); **dO Globo** (“João Ubaldo lança seu primeiro e-book”, 18 mai. 2000, e Reni TOGNOMI e Mânia MILLEN, Segundo Caderno (capa), “A hora do *e-book* — Mário Prata se junta a Ubaldo na onda do livro eletrônico”, 26 mai. 2000); do **Jornal do Brasil** (“Ubaldo lança livro a R\$ 4 na Internet”, 18 mai. 2000, e Elis MONTEIRO, “Livro eletrônico desponta como nova opção de leitura”, 25 mai. 2000); de **Veja** (Marcelo MARTHE, “Novela no monitor. Com João Ubaldo Ribeiro, a literatura brasileira entra na era do *e-book* — o livro virtual”, 24 mai. 2000); do **Estado de S. Paulo** (chamada de primeira página, “Colunista João Ubaldo lança livro na Internet”, e página interna, matéria de Beatriz Coelho SILVA, “João Ubaldo lança novo livro pela Internet”, 18 mai. 2000, e ainda Ubiratan BRASIL, “Anjos de Mario Prata invadem Internet”, com o “olho” da matéria: “João Ubaldo produz livro eletrônico”, 23 mai. 2000); de **Época** (Decio VIOTTO, “Itaparica eletrônica”, 22 mai. 2000); do **Zero Hora** (“João Ubaldo lança livro virtual”, 19 mai. 2000); da **Folha de S. Paulo** (Cristina GRILLO, “Novo romance só será vendido pela Internet — João Ubaldo Ribeiro lança e-livro *Amor de Benedita*”, 18 mai. 2000); e ainda, em meio digital, do site **NO**. (Paulo Roberto PIRES, “João Ubaldo na rede”, <<http://www.no.com.br>>, acesso em 18 mai. 2000).

⁸⁸³ — Como é o caso do **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, que diz, no subtítulo do box: “O último livro do brasileiro João Ubaldo Ribeiro (...) está à venda na Internet e ainda não foi editado em papel. O primeiro capítulo é gratuito, os outros a pagar. O **JL** conversou, por correio eletrônico, com este pioneiro da literatura digital e com o seu editor Carlos Augusto Lacerda, sobre estes sinais dos tempos” (José Afonso FURTADO, “Literatura digital: o futuro do livro” e “e-Ubaldo” (box), Portugal, 14 jun. 2000), e também nesta nota: “O primeiro e-book lançado no Brasil surge agora em edição portuguesa” (“Ubaldo”, Portugal, 15 mai. 2002); e ainda no **Diário de Notícias**: “*Miséria e grandeza do amor*...”, Portugal, 26 set. 2002; e no **Público**, Isabel COUTINHO, “Romance eletrônico de João Ubaldo Ribeiro”, Portugal, 24 jun. 2000.

e-book”⁸⁸⁴ — disse eu, jornal à mão. — “Mais que um livro”, diz a matéria do caderno de Cultura do *Estado de S. Paulo*, “Miséria e Grandeza... (...) foi um formato”. E a matéria ainda salienta o fato de que o livro “foi praticamente ignorado pelos resenhistas. Acumulou mais espaço nos cadernos de informática do que nos culturais”.⁸⁸⁵ E diz ainda o mesmo jornalista, mas numa matéria anterior, por ocasião do lançamento digital do livro, justificando a atenção dada ao formato: “É até natural, uma vez que Ubaldo vinha de um sucesso de público, com *A casa dos Budas ditosos* (...), que, além das resenhas habituais, foi motivo para extensas entrevistas e reportagens”.⁸⁸⁶ E veja ainda a declaração do próprio:

“Além das várias reportagens sobre a venda do livro digital, foram só duas críticas, uma nO *Estado* e outra nO *Globo*”, diz o (...) escritor, que não sabe muito bem explicar por que *Miséria e grandeza...*, “um livro como outro livro meu qualquer”, foi encarado apenas como uma novidade no mundo eletrônico, mas não no literário.

“Acho esse livro muito bem feito, penso que me dei muito bem”, afirma Ubaldo. “Não sei se foi pela novidade ou pelo fato de não terem mandado para os resenhistas, não entendo muito bem essas coisas do mundo editorial”, completa a sua breve lista de não-explicações para o aparente descaso.⁸⁸⁷

— Esta matéria, em seguida, diz que o livro ganha agora uma “nova e mais que merecida chance”, que vem a ser a sua publicação em papel — eu disse —, e no parágrafo seguinte revela o que considero possa ser, ou ainda é, uma das mais incômodas características para a imagem de um livro aqui no Brasil... Um elemento que pesa negativamente quando se vai levar em conta a gênese de uma obra, para a formação de um juízo crítico:⁸⁸⁸ “O livro foi escrito em pouco mais

⁸⁸⁴ Iza CALBO, 29 jun. 2000.

⁸⁸⁵ Haroldo Ceravolo SEREZA, “Ubaldo eletrônico é lançado como livro de verdade”, *O Estado de S. Paulo*, 4 dez. 2000.

⁸⁸⁶ Haroldo Ceravolo SEREZA, “Ubaldo eletrônico é simples e saboroso”, *O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 2000.

⁸⁸⁷ Haroldo Ceravolo SEREZA, “Ubaldo eletrônico é lançado como livro de verdade”, *O Estado de S. Paulo*, 4 dez. 2000.

⁸⁸⁸ — Vale a pena citar aqui o que disse o escritor Rodrigo LACERDA, numa espécie de “Resumo de Ubaldo”: “Quando perguntado por que está tão distante do estilo dito contemporâneo de escrita, ele não hesita em responder: ‘Não faço a menor idéia’. Ou, quando caracteriza seu processo criativo, ele diz: ‘Eu só sento e escrevo. Escolho o título, ponho no papel, e aí continuo, ponho a dedicatória, a epígrafe e começo: Capítulo 1’. (...) Ele é daqueles que não suportam racionalizar sobre o que escreve. Além de negar qualquer planejamento antes e durante a escrita, em sua opinião também ‘o leitor é um mistério’ e a experiência da leitura
(cont.)

de quatro semanas,⁸⁸⁹ após uma encomenda da Submarino e da Nova Fronteira”,⁸⁹⁰ diz o jornalista, que ainda cita uma declaração de Ubaldo, em que se pode notar, mais uma vez, aquela sua típica atitude de *des-solenização* perante o seu trabalho: “Foi um tema que me veio com facilidade”...

— Isto não se diz... — disse o meu interlocutor. E ele, de repente, como se percebesse algo, observou: — João Ubaldo diz que sua motivação central foi dinheiro, dando a entender que se não fosse pelo dinheiro não aceitaria nada, como aliás não escreveria nada... Mas, ao mesmo tempo, diz, segundo essa declaração que você citou na nota, acerca do Gutemberg, que não poderia não aceitar, sob pena de não estar a exercitar uma olhar histórico amplo... Isto tudo para dizer que a relação de Ubaldo com a sua condição de escritor profissional é problemática e contraditória. É como se nem ele mesmo estivesse convencido disso, e por isso fala tanto e repisa tanto que o que lhe interessa é dinheiro, dinheiro, dinheiro... Ele fala que o que ele quer é ser bem pago e que — e citou — “... todo escritor trabalha muito melhor se sabe de antemão que vai ser bem pago”...⁸⁹¹ Ele disse isso em praticamente todas as entrevistas que deu. Veja isto — e ele pegou outra matéria. — Perguntaram-lhe: “O que te seduziu na proposta?”, e ele respondeu com uma só palavra: “Dinheiro”.⁸⁹² Mas continue — pediu ele, e eu retomei.

— E o autor da reportagem ainda completa: “Se comparada à pornografia reinante no livro cujo pecado era a luxúria (...), *Miséria e grandeza*... poderia até, com alguma leniência, ser colocado numa estante de livros infanto-juvenis”.⁸⁹³

idem, por consequência, o que inviabiliza qualquer teorização” (“Utopia tropical”, *Cult*, nov. 1997).

⁸⁸⁹ — E, segundo o editor, Carlos Augusto Lacerda: “... o lançamento não fica nada a dever aos outros trabalhos do escritor, apesar de ter sido escrito em **apenas dois meses**” (em <<http://www.globo.com/diversaoarte/arquivo/livros/20000523/4kffzp.htm>>, acesso em 9 jun. 2005, realcei).

⁸⁹⁰ — “... recusar essa proposta seria o mesmo que um escritor do tempo de Gutemberg exigir que sua obra só saísse em papiro e não em livro, a novidade daquela época”, disse João Ubaldo (“João Ubaldo lança livro pela Internet”, *Diário do Nordeste*, 20 jun. 2000).

⁸⁹¹ Beatriz Coelho SILVA, “João Ubaldo lança romance virtual”, *A Gazeta*, 21 mai. 2000.

⁸⁹² “Por trás da tela — Leitura virtual”, *IstoÉ*, 29 mai. 2000.

⁸⁹³ Haroldo Ceravolo SEREZA, “Ubaldo eletrônico é lançado como livro de verdade”, *O Estado de S. Paulo*, 4 dez. 2000.

— Você mencionou a aproximação com a literatura infanto-juvenil... — disse ele. — Agora ouça aqui este comentário do escritor Rodrigo Lacerda acerca do romance *O feitiço da ilha do Pavão*, que, no todo, é bastante elogioso ao livro, mas ainda assim aponta para um flanco que é alvo de críticas recorrentes — e o meu interlocutor leu.

As primeiras páginas do novo romance são, de fato, a antítese de noventa por cento da prosa que se faz atualmente. É um cenário tropical, de sonho, luxuriante, descrito de forma requintada, barroca, rococó. Frases longas, orações intercaladas, (...) figuras demoníacas, as forças positivas e negativas da natureza, o bem e o mal, o mistério. Depois, os personagens aparecem e vêm confirmar o anti-realismo, o fundo mítico, arquetípico, de cada elemento do romance. Para muitos críticos atuais, isso chega até a parecer livro infanto-juvenil.⁸⁹⁴

— E você ainda insiste em não admitir a possibilidade de que talvez tenha havido, sim, uma mudança... de que os livros de Ubaldo tenham se tornado, com o tempo e graças a uma necessidade dele de ampliar a sua base de leitores, mais legíveis, menos complexos e, conseqüentemente, menos apreciados pela crítica...⁸⁹⁵

— Isto não é evidente — disse eu. — O que é evidente é o fato de João Ubaldo se ter tornado, sob todos os aspectos exteriores ao texto literário em si, um escritor comercial. E o que é ser um escritor comercial, no caso de João Ubaldo? É ser um escritor que vende muito, confessa escrever por dinheiro e aceitar encomendas⁸⁹⁶ mediante adiantamentos decentes, e mais nada. Quanto aos

⁸⁹⁴ Rodrigo LACERDA, “Utopia tropical”, *Cult*, nov. 1997.

⁸⁹⁵ — “Não cabe falar mais da trama, até porque ela não tem muito de especial” — leu o meu interlocutor, abrindo uma nota na conversa. — “Há uma surpresinha aqui, outra ali, um bom final e nada mais”. E o texto da legenda da foto chama Ubaldo de “mestre do dendê narrativo”... (“Novo Ubaldo busca outro endereço, agora nas livrarias”, *Jornal da Tarde*, 19 nov. 2000; e esta matéria foi republicada no *Jornal do Comércio* e assinada por Chico Mattoso, “Novo romance de João Ubaldo Ribeiro”, 27 nov. 2000). Uma outra matéria, esta da Internet — disse ele, mexendo nas minhas cópias —, ainda comete o erro de chamar o livro, que caracteriza como uma “novela leve”, de *Mistério [sic] e grandeza do amor de Benedita* (em: Renata COSTA, <http://paralela.com.br/pgMain.jhtml?ch=ch10&pg=pg6Hom_1006.html>, acesso em 9 jun. 2005).

⁸⁹⁶ E peguei meu interlocutor rindo com uma declaração de João Ubaldo acerca das encomendas artísticas na história: “A obra dos renascentistas, a Capela Sistina, tudo isso foi encomenda, como boa parte da obra de Rembrandt e da obra musical de grandes compositores, como Bach, que escreveu os *Concertos de Brandenburgo* para puxar o saco de um nobre. Mozart era pouco mais que um empregado de cozinha da Corte. O imperador mandava chamá-lo e pedia um concerto para o sábado seguinte. E lá vinha uma obra-prima” (“João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano”, *Contínente*, Portugal, jun. 2002).

aspectos estético-filosóficos de seus romances, ou que nome você queira dar a esse nível literário... Ouça aqui — e citei mais uma vez o Manuel Ribeiro:

Talvez ainda haja quem teime em manter afastados e igualmente estanques o valor comercial adquirido pela literatura no âmbito da sua produção e consumo enquanto objecto de arte, da atribuição de um valor simbólico de distinção a esse mesmo objecto, o qual muitas das vezes é “sacralizado” por critérios aleatórios, mas que se reiteram periodicamente na história literária e são próprios ao campo literário. Ao tentar-se objectivar a ruptura entre o que é literário e o que é social ou comercial, a intenção subjacente mais não é do que a tentativa de produção de um “**sentido de distinção**” do agente que tal posição sustenta, de modo a marcar a fronteira social e de poder em relação às diferentes experiências de leitura que os textos literários permitem.⁸⁹⁷

— E declarações como essa, do Esdras do Nascimento, sobre *Miséria e grandeza...?*: “Bem escrita, as frases nascendo umas das outras, em musicalidade invejável, (...) pode-se dizer, sem sombra de dúvida, que essa novela de João Ubaldo Ribeiro nivela-se à obra-prima *A morte e a morte de Quincas Berro d’Água*, de Jorge Amado”;⁸⁹⁸ e ainda essa: “**Apesar** da linguagem peculiar do escritor — cheia de apostos e longos parágrafos, com vírgulas e mais vírgulas —, Ubaldo comprova mais uma vez o quanto é hábil para criar histórias”...⁸⁹⁹ Essas avaliações só demonstram um esforço, por parte de um tipo de crítica, menos jornalística talvez, de, perante o leitor, “criar (...) um efeito de distanciamento que o obrigue [ao leitor] a encarar esse discurso enquanto construção hermética e autotélica, mas produtora de valor artístico e inibidora de influências externas à sua constituição, em especial as económicas”.⁹⁰⁰ E João Ubaldo, na contramão desse efeito de distanciamento...

— ... e assim se opondo a uma crítica que quer afastá-lo, e preservá-lo, da condição recém adquirida de escritor *best seller* cuja literatura não está mais imune às questões económicas...

⁸⁹⁷ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

⁸⁹⁸ “Diabo ronda as devotas de Itaparica”, *O Globo*, 29 jul. 2000.

⁸⁹⁹ Gêza MARIA, “João Ubaldo Ribeiro faz da hipocrisia tema de novo romance”, *O Popular*, 23 jan. 2001, salientei.

⁹⁰⁰ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

— Sim. E João Ubaldo diz então que “o único juiz autorizado de um livro é o seu leitor.”⁹⁰¹ Ele dirá: não me quero aproximar mais desta porcaria e fecha o livro, desaconselhando-o aos amigos. Ou, pelo contrário, diz que se trata de um livro extraordinário, ou simplesmente que o considera medíocre”.⁹⁰² O fato é que declarações como essa, e também como esta outra, em que ele arrisca a idéia de que o livro possa vender bem às vésperas do Natal — e li —: “... pode ser que ele emplaque; sou um escritor conhecido, e, se ele virar presente, é capaz de sair bem, mas pode também não vender nada; isso é sempre um mistério”,⁹⁰³ disse ele... Declarações como esta — retomei —, que mais parecem vir da boca de um editor, e não do autor do livro, só reforçam uma postura comercial de João Ubaldo; uma postura que acaba por contaminar os juízos críticos acerca de seus livros...

— Você disse contaminar...

— Sim, eu insisto na idéia de que um livro possui em sua história aspectos que devem ser levados em conta numa análise crítica, mas o que acontece é que a postura crítica, em geral, estabelece nexos de valor: escreveu por dinheiro, então é comercial; se é comercial, é então um *best seller*; se é um *best seller*, tem então pouca profundidade literária; se tem pouca profundidade literária, é ruim; se é ruim, não é literatura, porque literatura não se escreve por dinheiro, como disse o Ernesto Sabato na epígrafe desta conversa... — eu disse.

— Declaração ainda mais impactante é essa. Veja: “Do jeito que o negócio foi feito, eu ganhei um dinheirinho. Minha principal fonte de inspiração é me pagarem para que eu trabalhe”.⁹⁰⁴

⁹⁰¹ — João Ubaldo manifesta a sua concordância com aquilo que Ralph Cohen se limita a diagnosticar: “*The trust that a reader gives to the reviewer should, under present reviewing conditions, be withheld. Until the reader has made an effort to read the book and assess the remarks of the reviewer, such remarks are untested and uncontested*”, e traduzo eu mesmo: “A confiança que o leitor deposita no crítico deveria, sob o atual estado da crítica, ser suspensa. Até que o leitor tenha feito um esforço para ler o livro e avaliar os comentários do crítico, esses comentários são inverificáveis e não contestáveis” (“*Reviewing Criticism. Literary Theory*”, in James HOGE (ed.), *Literary Reviewing*, Virginia, Charlottesville, University Press of Virginia, 1980, p. 3-18, citado por Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*).

⁹⁰² Maria Teresa HORTA, “Acho-me um bom pornógrafo”, **Diário de Notícias**, Portugal, 22 jan. 2000.

⁹⁰³ Haroldo Ceravolo SEREZA, “Ubaldo eletrônico é lançado como livro de verdade”, **O Estado de S. Paulo**, 4 dez. 2000.

⁹⁰⁴ “e-Ubaldo — O último livro do brasileiro João Ubaldo Ribeiro”, Matéria principal: José Afonso FURTADO, “Literatura digital: o futuro do livro”, **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Portugal, 14 jun. 2000.

— A postura oposta a essa *des-solenização* de João Ubaldo é a de Sabato e ainda a de muitos críticos, para quem a apropriação simbólica, de que são alvo as obras de arte...

... depende, e numa proporção muito superior, de um conjunto de coordenadas históricas e de práticas sociais que se têm afirmado sucessivamente na legitimação de certas categorias de juízos de valor para obter uma distinção simbólica dos objectos artísticos em causa. O que sustenta este efeito de distinção simbólica é a sua dependência de uma “crença” (...) na transcendência e na sacralização das propriedades reconhecidas aos objectos de arte, de algo que possui uma “aura” própria definível de acordo com uma simbologia que uma determinada elite possui, (...) pelas práticas discursivas da crítica literária. A autonomia do campo literário, conforme Bourdieu descreve (1983 e 1992),⁹⁰⁵ é adquirida igualmente através de uma pretensa ruptura entre o meio social e o meio cultural, por um distanciamento que os agentes culturais procuram fomentar ao elevar e ao distinguir o valor dos objectos artísticos.⁹⁰⁶

— Esta postura comercial de Ubaldo, esse efeito de *indistinção* simbólica, de *des-sacralização* da obra de arte somente influi e opera negativamente na recepção de seus livros, nunca no processo de construção da obra... Não... — e ele me mostrou essa conversa de João Ubaldo com uma jornalista:

— Às vezes, tenho vontade de escrever (...) um livro descompromissado, mas tenho medo.

— Medo de quê?

— No Brasil, depois que o sujeito ganha certa projeção, é comum que se espere dele sempre uma obra-prima. Então, quando eu antevejo a aporrinhão que vou ter, me contenho e procuro caprichar no que vou fazer.

— Há uma cobrança maior dos leitores ou da crítica?

— Dos dois.⁹⁰⁷

— Estamos diante de um impasse, porque esse tema — disse ele —, o tema das brigas por espaço e legitimação das culturas erudita, popular e “de massa”, não é um tema novo...

⁹⁰⁵ Pierre BOURDIEU, “The Field of Cultural Production, or: the Economic World Reversed”, *Poetics*, 12, 1983, p. 311-356; e *Les Règles de l’Art: Genèse et Structure du Champ Littéraire*, Paris, Ed. Seuil, Coll. Libre Examen, 1992, citados ambos por Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

⁹⁰⁶ Manuel RIBEIRO, “Narciso Crítico Literário...”, *op. cit.*

⁹⁰⁷ Viviane ROSALEM, “Escrevo por dinheiro”, *IstoÉ*, 22 nov. 1999, em: <http://www.terra.com.br/istoegente/16/reportagens/ent_ubaldo.htm>, acesso em 18 out. 2005.

— Mas é polêmico e é disperso, e sobre ele há uma bibliografia simplesmente gigantesca...⁹⁰⁸ E eu começaria questionando essa sua tripartição da cultura...

— E é por isso que considero este capítulo não um ponto de chegada, mas um ponto de partida para uma outra discussão, um outro trabalho.

— Admito que nós poderíamos ter aprofundado...

— Quanto ao artigo do Sébastien Joachim, bastante citado por você, “Proposta de um estudo pluridisciplinar sobre três ‘literaturas’ em conflito”... Que “três literaturas” em conflito são essas? — quis saber ele, com o artigo na mão.

— Literaturas oral, erudita e massiva. E o autor, diante das três, pergunta:

Que noção do “literário” seria importável de uma a outra, ou própria de cada uma? Dito de modo diferente, como liberar duas dentre elas do gueto onde as encerram as definições e as práticas rituais de consagração da instituição literária autocrata e hierarquizante (prêmios, (...) academias, fortuna crítica, “capas” para revistas escolhidas, (...) Universidade...)? Não há resposta pronta para isso, e não se está mesmo seguro de que a questão esteja colocada de maneira certa.⁹⁰⁹

— O desenvolvimento dessa nossa última conversa levou-me a solidificar uma idéia... — E o meu interlocutor, depois de pensar e sopesar o que ia dizer, revelou-me: — Eu estava à procura de um tema para um doutorado que pretendo começar este ano, e acho que acabei de encontrá-lo... Sua tese me inspirou, principalmente neste ponto... — E, depois de uma pausa: — Confesso, meu caro, que não posso esconder o meu desejo de usar o título “Ubaldo Amado”...

— Mas a idéia é minha... Eu é que lhe falei desse “Ubaldo Amado” quando conversávamos sobre *Setembro não tem sentido* e *Diário do farol*, naquele que será o Capítulo 3 da tese...⁹¹⁰

— Sim, eu sei... O título é bom, porque aponta para a pergunta: será que Ubaldo chegará a ser avaliado pelos seus pares da maneira tão claramente polarizada como o foi Jorge Amado? Veja esta amostra — e ele leu:

Hélio Pellegrino: Ele é o nosso Homero. Sua obra (...) faz dele um arauto (...)

⁹⁰⁸ — Refiro-me ao artigo do Sébastien JOACHIM, já citado, que apresenta uma “senhora” bibliografia...

⁹⁰⁹ Sébastien JOACHIM, “Proposta de um estudo pluridisciplinar sobre três ‘literaturas’ em conflito”, *op. cit.*

⁹¹⁰ — Ver o Capítulo 3: “Setembro fechado sob o farol”, p. 172.

das vastas forças telúricas que dão espessura e dinamismo ao processo civilizatório brasileiro. **Nélida Piñon**: Jorge é um pouco o nosso Gorki. É um escritor culto, inteligente, e **no entanto** intimamente ligado às camadas populares. **Sábato Magaldi**: Os livros de Jorge Amado são muito elaborados. **Antônio Houaiss**: Dizem que ele possui certas repetições temáticas e uma aparente monotonia ambiental e de personagens. Mas isso não me parece fundamental. Creio até que as repetições se fortalecem a cada livro; quando ele retoma uma estrutura, sempre a aperfeiçoa. **Ferreira Gullar**: Eu penso que uma das primeiras obrigações do romancista é não ser chato. **Márcio Souza**: Ele provou que é possível fazer uma literatura como querem os leitores, e não como quer o poder. **João Ubaldo Ribeiro**: Pode-se gostar dele ou não, mas acho impossível não o ver como o escritor brasileiro por excelência. (...) Não podemos esquecer que ele, com sua literatura clara e atraente, ensinou os brasileiros a ler ficção.

Alfredo Bosi: Ao leitor curioso e glutão, a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade. **Walnice Galvão**: A última proeza, *Tereza Batista*, em suas 462 páginas, é uma amostra do que pode haver de pior na literatura *best seller* e em nós mesmos. (...) A bandeira progressista de Jorge Amado é o populismo, a glorificação do “povo” justificando qualquer barbaridade que sua ficção perpetre. (...) **A arma estilística de que Jorge Amado tão bem se serve, o discurso indireto livre, permite a seus escritos a irresponsabilidade. Pois eles são narrados, sem que haja um narrador, por uma voz misteriosa** que flui não se sabe de onde. **Caio Fernando Abreu**: Não passa de folclore gratuito para estrangeiro ver. (...) Eu, como escritor, penso que temos a obrigação de tornar esse país mais digno, não só na obra que produzimos, mas no posicionamento político. Por isso acho lamentável a obra do senhor Jorge Amado. **Carlos Guilherme Motta**: A sua dialética, como a de Gilberto Freyre, é uma dialética que carrega água para o monjolo do conservadorismo. (...) É regionalismo demais para enfrentar a difícil questão nacional dos dias que correm. **Carlos Nelson Coutinho**: Na fase mais recente, ele praticou uma literatura meramente agradável. Ele abandonou as preocupações com o aprofundamento estético de seus romances. Eles agora são baseados num populismo superficial, muito distante de uma concepção efetivamente revolucionária do nacional-popular.⁹¹¹

— Pretendo começar a introdução da minha tese com essa citação... — disse ele, esfregando as mãos e olhando para cima.

— O título é todo seu — eu disse, pensando se não era a hora de começar a ensaiar uma conclusão para a nossa conversa... E fui lavar a cafeteira.

* * *

⁹¹¹ “Jorge Amado — Acima do bem e do mal”, *Jornal do Brasil*, 29 out. 1988, realces do meu interlocutor, que provavelmente estava a pensar no meu *narrador sem cabeça*...